



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

KATIA RESENDE DE ASSIS MACHADO

**ENSINO DE LINGUAGENS VIA GÊNEROS DIGITAIS: A
INTERDISCURSIVIDADE NAS NOTÍCIAS POLÍTICAS DO *BLOG RADAR ON-
LINE* E NAS CHARGES DIGITAIS DE MAURÍCIO RICARDO**

Campo Grande/MS
2013

KATIA RESENDE DE ASSIS MACHADO

Ensino de linguagens via gêneros digitais: a interdiscursividade nas notícias políticas do *blog Radar on-line* e nas charges digitais de Maurício Ricardo

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Silvane Aparecida de Freitas

Campo Grande/MS
2013

M131e Machado, Katia Resende de Assis.

Ensino de linguagens via gêneros digitais: a interdiscursividade nas notícias políticas do *blog* Radar *on-line* e nas charges digitais de Maurício Ricardo / Katia Resende de Assis Machado. Campo Grande, MS: UEMS, 2013.

138 f.; 30 cm.

Orientadora: Profª Drª Silvane Aparecida de Freitas.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, 2013.

1.Linguagens – gêneros digitais . 2.Análise do discurso . I. Título.

CDD 20.ed. 400

KATIA RESENDE DE ASSIS MACHADO

Ensino de linguagens via gêneros digitais: a interdiscursividade nas notícias políticas do *blog Radar on-line* e nas charges digitais de Maurício Ricardo

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Silvane Aparecida de Freitas (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
Universidade Federal de São Carlos/UFScar

Prof. Dr. José Antônio de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr^a. Maria Leda Pinto - Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof^a. Dr^a. Vânia Maria Lescano Guerra - Suplente
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Campo Grande – MS, 13 de agosto de 2013.

Ao meu esposo: Emerson, por me apoiar nesse caminho.
Ao meu filho Eduardo, pela inspiração e amor sem limites.
Aos meus familiares e amigos, pelo incentivo e compreensão em todas as horas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por me sustentar em todos os momentos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Silvane Aparecida de Freitas, pela dedicação, constância, parceria e orientação nos caminhos do saber científico.

A todos os professores, que mediaram o conhecimento nessa jornada e em muito me incentivaram, especialmente, ao Prof. José Antônio de Souza e à Profª Maria Leda Pinto, que muito contribuíram no processo de qualificação desta pesquisa e ao Prof. Roberto Leiser Baronas, pelas ricas contribuições na defesa.

À Profª Hermínia, pela verificação e correção do abstract.

Ao meu esposo, pela compreensão nos momentos de ausência, pelo incentivo e por acreditar que posso prosseguir neste caminho.

A minha mãe Eurides e minha sogra Cleuza, por cuidarem do Eduardo em tantos momentos que precisei dedicar aos estudos e à escrita.

Aos meus colegas de trabalho e chefias da SED e agora da UEMS de Amambai, que foram flexíveis e me deram o suporte necessário nesse tempo de aperfeiçoamento e estudos.

A todos que, direta ou indiretamente, me auxiliaram nesse processo.

A linguagem é condição *sine qua non* na apreensão e formação de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo e nele agir; ela ainda é a mais usual forma de encontro, desencontro e confronto de posições porque é através dela que estas posições se tornam públicas. Por isso é crucial dar à linguagem o relevo que de fato tem [...] a linguagem fulcra-se como evento, faz-se na história e tem existência real no momento singular de interação verbal.

(GERALDI, 2010, p. 34)

MACHADO, Katia Resende de Assis. **Ensino de linguagens via gêneros digitais: a interdiscursividade nas notícias políticas do *blog* Radar *on-line* e nas charges digitais de Maurício Ricardo**. 2013. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2013.

RESUMO

Este trabalho pauta-se nos pressupostos teóricos da teoria dialógica do discurso e da Análise de Discurso de orientação francesa (AD). Seu principal objetivo é evidenciar a pertinência da utilização de dois gêneros digitais - notícias políticas do *blog* Radar *on-line* e charges digitais de Maurício Ricardo - em sala de aula no ensino de linguagens. Dentro do quadro teórico adotado, o trabalho enfatiza a questão da opacidade da linguagem e a possibilidade de produção de diversos sentidos, levando em consideração a busca das condições de produção do discurso. Para isso abordamos alguns conceitos como ideologia, formação discursiva, memória discursiva, interlocutores, constituição de sujeitos, interdiscursividade e acontecimento discursivo. Partimos do pressuposto de que as linguagens devem ser estudadas em seu funcionamento nas diversas instâncias e práticas comunicativas do cotidiano e de que a utilização de uma diversidade de gêneros no ensino pode amenizar a artificialidade e superficialidade que, muitas vezes, corrompem as aulas de língua-materna. Apresentamos algumas particularidades e traços de sentidos desses gêneros digitais que os tornam atrativos e enriquecem o trabalho de leitura em sala de aula. Nos textos analisados destacamos alguns aspectos linguístico-discursivos de suma importância a serem discutidos em sala de aula, tais como ironia, humor, ambiguidade, dialogismo, polifonia, carnavalização do discurso, linguagem verbal e não verbal. A temática que perpassa os textos analisados gira em torno de personalidades políticas que estavam em evidência na mídia, no momento em que foram criados e divulgados, especialmente aqueles que, na época da publicação, estavam no poder, ocupando cargos políticos e se envolveram em acusações e escândalos relacionados à corrupção. Consideramos relevante a análise desses textos em sala de aula, em um ensino de linguagens que enfatize a contrapalavra do aluno/leitor, que atente para a necessidade urgente dos multiletramentos e priorize um ensino de leitura numa perspectiva discursiva, a fim de formar leitores reflexivos e ampliar a competência discursiva de nossos alunos. A análise desses gêneros digitais, em uma perspectiva interdiscursiva, mostrou-se muito produtiva e rica em diversos aspectos a serem explorados, além de evidenciar o modo como a mídia opera em nossa sociedade, direciona alguns sentidos e, nos textos selecionados, veicula uma imagem totalmente negativa dos políticos. Partindo da observação das estratégias utilizadas pela mídia, o aluno e o professor, em conjunto, podem, até mesmo, desconstruir alguns dos sentidos propostos, cientes de que as possibilidades de sentidos podem ser verificadas dependendo da situação, do leitor, das posições sociais, culturais, econômicas e políticas que ocupam os interlocutores.

Palavras-chave: Gêneros digitais. Ensino. Linguagens. Produção de sentidos. Multiletramentos.

MACHADO, Katia Resende de Assis Machado. **Language teaching via digital genres: the interdiscursivity of on-line Radar blog's political news and Mauricio Ricardo's digital cartoons.** 2013. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2013.

ABSTRACT

This work is guided on the theoretical assumptions of dialogical theory of discourse and analysis of French oriented AD. Its main objective is to demonstrate the relevance of using two digital genres - political news of Radar Online blog and digital cartoons of Maurício Ricardo - in language teaching classroom . Within the theoretical framework adopted, the work emphasizes the issue of opacity of language and the possibility of producing several meanings, considering the search conditions of discourse production. So, we discuss some concepts as ideology, discursive formation, discursive memory, interlocutors, constitution of subjects, interdiscursivity and discursive event. We assume that languages must be studied in its functioning in several instances and communicative practices of everyday life and the use of a variety of teaching genres can ease the artificiality and superficiality that often impair mother tongue classes. We present some peculiarities and sense traits of these genres that make them attractive and enrich the work of reading in the classroom. In the analyzed texts we highlight some linguistic-discursive aspects of paramount importance to be discussed in the classroom, such as irony, humor, ambiguity, dialogism, polyphony, speech “carnivalization” , verbal and non-verbal languages. The theme that pervades the analyzed texts is around political personalities who were highlighted in the media at the time they were created and disseminated, especially those who, at the time of publication, were in power, occupying political positions and engaged in accusations and scandals related to corruption. We consider it relevant to analyze these texts in the classroom, in a teaching of languages that emphasizes the student / reader contra-word, pointing out the urgent need of multi letterings and prioritize the teaching of reading in a discursive perspective, in order to develop reflective readers and improve the discursive competence of our students. The analysis of digital genres, in a interdiscursive perspective, proved to be very productive and rich in several aspects to be explored, besides highlighting the way media operates in our society, and directs some meanings, and in the selected texts, transmits a total negative image of politicians. Starting from the observation of the strategies used by the media, the students and the teacher, will jointly be able deconstruct some of the proposed meanings, aware of the possibilities of sense that can be verified depending on the situation, the reader , the social, cultural, economical and political positions the interlocutors occupy.

Keywords: Digital genres. Teaching. Languages. Meaning production. Multi lettering.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A(S) LINGUAGEM(NS) NAS PERSPECIVAS DA TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO E DA ANÁLISE DE DISCURSO DE ORIENTAÇÃO FRANCESA	19
1.1 A linguagem e a teoria dialógica do discurso.....	20
1.2 Os estudos da linguagem e a Análise de Discurso de orientação francesa.....	23
1.3 O ensino de linguagens e as influências teóricas da AD de orientação francesa e da teoria dialógica do discurso.....	28
1.3.1 Condições de produção.....	28
1.3.2 Interlocutores e constituição de sujeitos.....	30
1.3.3 Ideologia.....	31
1.3.4 Formação Discursiva.....	32
1.3.5 Interdiscursividade, Polifonia, Dialogismo.....	34
1.3.6 Memória discursiva.....	35
2 GÊNEROS DISCURSIVOS/DIGITAIS, ENSINO, LEITURA E MULTILETRAMENTOS.....	37
2.1 Gêneros discursivos, ensino e leitura.....	42
2.2 Gêneros digitais e multiletramentos.....	47
3 OS GÊNEROS DIGITAIS ‘NOTÍCIAS POLÍTICAS DO BLOG RADAR ON-LINE’ E AS ‘CHARGES DIGITAIS DE MAURÍCIO RICARDO’	57
3.1 Notícias políticas do blog Radar on-line, de Lauro Jardim e equipe.....	57
3.2 Charges digitais de Maurício Ricardo.....	64
3.3 Algumas particularidades e traços de sentido dos gêneros digitais selecionados.....	69
3.3.1 Ironia.....	69
3.3.2 Humor.....	71
3.3.3 Ambiguidade.....	73
3.3.4 Dialogismo e Polifonia.....	74
3.3.5 Carnavalização do discurso.....	77
3.3.6 Linguagem verbal e não verbal: imagens e sons.....	78
3.3.7 Acontecimento discursivo.....	78
4 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS POLÍTICAS DO <i>BLOG RADAR ON-LINE</i> E DAS CHARGES DIGITAIS DE MAURÍCIO RICARDO.....	81
4.1 Condições de produção dos gêneros digitais e o ensino.....	84
4.2 Análises dos gêneros digitais selecionados.....	85

4.2.1 Notícias “No limbo” e “Personagem-símbolo” dialogam com a charge digital “Conselho de Amigo”	85
4.2.2 Notícias “Sem botar a mão no bolso” e “Ratos, baratas e escorpiões” dialogam com a charge digital “Depois da dedetização”	98
4.2.3 Notícias “Os mudinhos de Cachoeira” e “A lavanderia do Deltaduto” dialogam com a charge digital “Carlinhos não depondo”	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	130

INTRODUÇÃO

As novas tecnologias têm invadido as nossas vidas nos últimos tempos. Em todas as áreas de convivência social em que estamos inseridos, o avanço tecnológico tem explodido, é impossível fugir dessa realidade, sobretudo, na escola, que é uma instituição formadora de cidadãos que atuam e atuarão ativamente em nossa sociedade. Outrossim, não podemos negar que uma grande parte das escolas urbanas estão equipadas com laboratório de informática que, muitas vezes, não é efetivamente utilizado.

É difícil olhar para um grupo de jovens e adolescentes de nossa época e não vislumbrar, entre eles, algum equipamento tecnológico, como celulares, rádios, *tablets* computadores, os quais repassam de maneira extremamente rápida uma diversidade de novos gêneros. Apesar de ainda existir uma quantidade de alunos desprovidos desses equipamentos, eles se tornam cada vez mais comuns nas mãos de muitos de nossos alunos de quase todas as classes sociais. Temos observado que as pessoas, ultimamente, têm dado prioridade, em suas vidas cotidianas, a esses equipamentos e se esforçam ao máximo para adquiri-los e trocá-los a cada nova atualização/versão que surge, tornando-se, muitas vezes, escravas do brilho que a tecnologia reluz, sem contar que a maioria de nossas escolas públicas do país possui a sala de tecnologia que os alunos têm acesso.

As inovações tecnológicas têm aumentado consideravelmente e, conseqüentemente, os gêneros digitais têm se propagado e levado as pessoas a interagirem mais rapidamente, veiculam conhecimentos, ideias, crenças e convicções. A *internet* tem se destacado como um grande instrumento tecnológico na difusão de novos gêneros, fator que pode ser explicado pela comodidade e agilidade que a mídia virtual disponibiliza aos seus diversos usuários.

Dessa maneira, os gêneros do discurso, como não são imutáveis, acompanham o avanço das novas tecnologias. Há uma imensa variedade de novos gêneros circulando, sobretudo, na *internet*, e esses têm funcionado como intermediários nas diversas situações comunicativas do cotidiano. Podemos visualizar neles uma plasticidade e uma possibilidade de mudanças imediatas, tendo em vista a rapidez que o espaço cibernético oferece.

Nesse sentido, o estudo dos gêneros do discurso e, conseqüentemente, dos gêneros digitais tem se disseminado em grande proporção nos estudos linguísticos atuais e sua importância tem se destacado, sobretudo, porque operam como forma de ação social. De acordo com Machado (2002, p. 76), os gêneros digitais são:

[...] processos comunicativos processados digitalmente ou pela via on-line, isto é, pela conexão e estrutura de rede de computadores. Trata-se de formas arquitetônicas, cujas estruturas são modelizadas por linguagens artificiais, criadas pela engenharia digital, para combinação e reprocessamento de sistemas de escrita e de gêneros literários, discursivos; de gêneros informativos da mídia impressa; da linguagem visual e do design gráfico; dos gêneros audiovisuais do cinema, do rádio e da televisão.

Por meio dos gêneros discursivos, podemos verificar os vários modos de representar a realidade, estabelecer relações sociais, identificar ideologias, reconhecer as formações das identidades. Diante disso, podemos afirmar que os gêneros discursivos são operadores de transformação social por meio dos valores que por eles são propagados.

Estamos cientes de que os gêneros do discurso são inúmeros, quase ilimitados, já que a língua é dinâmica e, à medida que a tecnologia se desenvolve, os costumes e valores se modificam, novos gêneros discursivos são (re)criados. Por isso, a necessidade de explorarmos os gêneros discursivos mais circulados socialmente. Além do que, “há mais coisas na língua do que pode imaginar nossa vã filosofia”. (POSSENTI, 2002, p.29).

Diante desse avanço, torna-se necessário analisar o funcionamento da linguagem nas diversas situações comunicativas, pois dependendo da situação sócio-comunicativa é que um gênero discursivo, e, sobretudo, um gênero digital será utilizado. Isso instigou-nos a curiosidade e despertou-nos o interesse em pesquisar, aprofundar nossos conhecimentos sobre a questão dos gêneros, principalmente, partimos da necessidade urgente dos multiletramentos apontados por estudos recentes, mais especificamente, os letramentos multissemióticos e letramento multimidiático, os quais são de suma importância para formação de alunos/leitores ativos e participativos na sociedade a qual estão inseridos. Sendo assim, nos últimos tempos, já não é tão importante somente saber ler e escrever, mas sim utilizar essas habilidades nas diversas situações e instâncias que a vida social nos impõe.

A respeito dos multiletramentos, é interessante mencionar que, segundo Lorenzi e Pádua (2012, p. 37),

[...] as tecnologias digitais estão introduzindo novos modos de comunicação, como a criação e o uso de imagens, de som, de animação e a combinação dessas modalidades. Tais procedimentos passam a exigir o desenvolvimento de diferentes habilidades, de acordo com as várias modalidades utilizadas, criando uma nova área de estudos relacionada com os novos letramentos – digital (uso das tecnologias digitais), visual (uso das imagens), sonoro (uso de sons, de áudio), informacional (busca crítica da informação) – ou os múltiplos letramentos, como têm sido tratados na literatura.[...] Os multiletramentos levam em conta a multimodalidade (linguística, visual, gestual, espacial e de áudio) e a multiplicidade de significações e contextos/culturas.

Cumpra-nos salientar que esse trabalho dá continuidade à pesquisa feita por meio da monografia apresentada em 2005, no curso de Especialização em Letras – área de concentração Linguística e Ensino, que teve como título “O diálogo entre as charges virtuais: do prazer à produção de sentidos”, a qual nos possibilitou a reflexão sobre a utilização de uma diversidade de gêneros digitais em sala de aula e nos abriu um leque de possibilidades de trabalhos a serem desenvolvidos utilizando esses gêneros digitais, gerando, assim, essa proposta de pesquisa que pretende dar passos avante à pesquisa feita no curso de pós-graduação *Lato Sensu*. Esperamos contar com uma maturidade teórica maior obtida ao longo desses anos para apresentar este trabalho que, a nosso ver, é relevante no sentido de produzir os sentidos dos dois gêneros digitais selecionados – notícias políticas do *blog* Radar *on-line* e charges digitais de Maurício Ricardo - com o fito de contribuir para que nossos alunos possam se posicionar reflexivamente a partir da leitura desses textos.

No intuito de situar nossa pesquisa em seu estado da arte, elencamos algumas dissertações e teses apresentadas, cujo objeto de análise foram os gêneros digitais charges digitais e as postagens nos *blogs*. Dentre elas, temos a Dissertação de Mestrado de Amarildo Pinheiro Magalhães, apresentada em 2006, ao Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, cujo título é “Sentido, história e memória em charges eletrônicas sobre o Governo Lula: os domínios do interdiscurso”. O objetivo dessa pesquisa foi analisar os processos de comunicação mediados por computador, focalizando, especificamente, a produção de sentidos em charges eletrônicas.

Destacamos, também, a dissertação de mestrado de Décio Bessa da Costa, apresentada em 2007, ao Programa de Pós-graduação em Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, cujo título é “Charges eletrônicas das eleições 2006: uma análise de discurso crítica”. Essa pesquisa teve como objetivo apresentar uma análise de discurso crítica das charges eletrônicas do primeiro turno das eleições presidenciais de 2006.

Há, ainda, a dissertação de mestrado de Helga Vanessa Assunção de Souza, apresentada em 2007, ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, intitulada “A charge virtual e a construção da identidade”. Essa pesquisa teve por finalidade analisar as charges virtuais de Maurício Ricardo e observar como os diversos modos de organização (animação, texto-verbal, áudio e imagem) interagem e formam a significação desse gênero, sobressaindo a investigação da construção de identidades sociais.

Por último, destacamos a tese de doutorado de Carmen Pimentel, apresentada em 2010, ao Programa de Pós-graduação em Letras (Doutorado) da Universidade do Estado do

Rio de Janeiro, intitulada “Blog: da internet à sala de aula”. Essa pesquisa apresentou como objeto perceber e elencar categorias pertinentes ao gênero diário e *blog* para analisá-las e compará-las, na intenção de mapear um possível percurso dos diários aos *blogs* de adolescentes, discutindo o contraste público-privado na escrita íntima, bem como suas principais marcas linguísticas, percebendo vantagens e desvantagens de sua utilização como ferramenta auxiliar no processo de aprendizagem da escrita e da leitura de Língua Portuguesa.

Observando as pesquisas anteriormente mencionadas, verificamos que somente a última trata do gênero digital numa perspectiva voltada para o ensino de Língua Portuguesa. As demais pesquisas analisam os gêneros digitais, porém não enfatizam sua utilização no ensino. Nesta pesquisa, propomos um trabalho de interconexão de dois gêneros digitais - as notícias políticas do *blog* jornalístico Radar *on-line* e as charges digitais de Maurício Ricardo - que apresentam acontecimentos discursivos políticos, os quais serão analisados numa perspectiva interdiscursiva, enfatizando, sobretudo, o ensino de linguagens, uma vez que esse trabalho se enquadra na linha de pesquisa “Ensino de Linguagens” do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UEMS.

Pretendemos, dessa forma, dar nossa contribuição científica à temática, explorando esses dois gêneros digitais, ainda tão pouco investigados e utilizados nas salas de aula, porém muito comentados entre os que navegam na internet. É importante ressaltar que tais gêneros são muito atrativos, pois unem várias semioses: o signo verbal e visual, entre outros; além de que, podem ser utilizados no ensino de Língua Portuguesa para promover a ampliação da capacidade linguístico-discursiva de nossos alunos.

A fim de propor um trabalho de interconexão desses gêneros digitais, apresentamos a análise de seis notícias políticas postadas no *blog* jornalístico Radar *on-line*, de Lauro Jardim, que tem como suporte o *site* da Revista Veja – www.veja.abril.com.br: “No limbo”, do dia 11/11/2011; “Personagem-símbolo”, do dia 15/11/2011; “Sem botar a mão no bolso”, do dia 19/11/2011; “Ratos, baratas e escorpiões”, do dia 16/01/2012; “Os mudinhos do Cachoeira”, do dia 31/05/2012 e “A lavanderia do Deltaduto”, de 26/09/2012. Cumpre-nos destacar que essas notícias se relacionam, respectivamente, com as charges digitais selecionadas, criadas por Maurício Ricardo, que têm como suporte o *site* www.charges.com.br: “Conselho de Amigo”, do dia 17/11/2011; “Depois da dedetização”, do dia 01/02/2012 e “Carlinhos não depondo”, do dia 23/05/2012. Justificamos a seleção dessas notícias políticas bem como dessas charges digitais pelo fato de que tratam da comunicação política, ou seja, mostram a mediação do discurso político em dois gêneros digitais distintos. Dividimos as análises em

três blocos distintos, trazendo as análises de duas notícias políticas que dialogam com uma das charges digitais.

Nas análises dos gêneros digitais, anteriormente mencionados, destacamos os aspectos linguísticos/discursivos, as semioses e os diversos sentidos que podem ser produzidos a partir desses textos, relacionando à importância de sua utilização no ensino de linguagens. Não é possível fugir da realidade de que a internet nos coloca em contato direto com os diversos gêneros digitais, que se caracterizam por textos (verbais ou não verbais) veiculados por uma grande rede eletrônica. Esses gêneros têm se propagado muito rapidamente e, certamente, esse ritmo de crescimento e disseminação aumentará ainda muito mais, devido a uma grande quantidade de usuários conectados pela grande rede em todo o mundo. Por isso, é inegável que a escola atenda às expectativas de um cidadão que esteja inserido nesse contexto tecnológico.

A atual situação de nosso sistema escolar, na maioria das vezes, não é favorável para que isso ocorra, afinal, a maioria dos professores encontra uma série de dificuldades, que vão desde os baixos salários, pouco tempo para preparação de aulas, necessidade de trabalhar vários turnos, dentre outras dificuldades para produzir material didático que atenda a essa demanda de utilização das linguagens nas diversas situações do cotidiano dos alunos.

Considerando a importância dos multiletramentos e letramentos multissemióticos para a formação de leitores, cidadãos que participem ativamente da sociedade em todas as suas instâncias e levando em conta as necessidades com as quais a escola e respectivos professores se deparam, propomos essa pesquisa a fim de melhor entender a linguagem utilizada nas notícias de cunho político do *blog Radar on-line* e nas charges digitais de Maurício Ricardo, ou seja, problematizar os possíveis sentidos veiculados por esses textos e, assim, correlacioná-los com um trabalho produtivo em sala de aula que pode ser desenvolvido pelos docentes no ensino fundamental e médio.

Partimos do pressuposto de que a sala de aula deve ser palco de discussão de uma vasta diversidade de gêneros discursivos e de que a instância política tem sido muito observada ultimamente, sobretudo, pela disseminação de protestos e manifestos, tanto nas redes sociais quanto nas ruas de nosso país e de outros. Nesta pesquisa, enfatizamos os gêneros digitais, mais especificamente, abordamos a possibilidade de um trabalho que correlacione, em sala de aula, os dois gêneros selecionados, que são as notícias do *blog Radar on-line* e as charges digitais de Maurício Ricardo, ambos voltados para temáticas políticas midiáticas.

Esta pesquisa se pautará nas premissas teóricas da teoria dialógica do discurso e das teorias do discurso de orientação francesa. Com relação às análises dos gêneros digitais selecionados, destacamos que inicialmente analisaremos as notícias políticas do *blog* jornalístico Radar *on-line*, para, em seguida, apresentar a análise da charge digital de Maurício Ricardo que dialoga com essas notícias. Essa sequência se justifica pelo fato de que, acreditamos que a notícia política deve ser analisada primeiramente devido ao predomínio da linguagem verbal, evidenciamos todos seus aspectos linguísticos e extralinguísticos relevantes para a produção de sentidos. Em seguida, como forma diferenciada de expor o mesmo acontecimento discursivizado pelos suportes midiáticos que hospedam esses gêneros, apresentamos a charge digital, a fim de mostrar as diversas formas que uma mesma temática pode ser trabalhada em sala de aula, com gêneros diferentes e do cotidiano dos alunos. Por meio da charge digital verificamos como o discurso é carnavalizado¹ e exposto de uma maneira dinâmica, irreverente e humorística.

A temática que perpassa esses textos gira em torno de agentes políticos que estavam em evidência no momento em que esses textos foram criados e divulgados, sobretudo, aqueles que estavam no poder, ocupando cargos políticos e que, de uma maneira ou de outra, se envolveram em supostos esquemas corruptos, alvos de diversas denúncias e críticas em nossa sociedade.

Nosso principal objetivo com a sugestão de utilização desses dois gêneros em sala de aula é que os alunos tenham uma atitude responsiva ativa diante desses textos tão divulgados em nosso mundo altamente interconectado, interpretem os possíveis sentidos desses textos, identifiquem os valores e crenças que os perpassam, bem como entendam a maneira como a mídia opera em nossa sociedade.

Dessa forma, procuramos situar o leitor/aluno com relação à ideologia dos suportes que hospedam esses gêneros. É importante ressaltar que nosso intuito maior foi produzir os diversos sentidos dos aspectos linguísticos e não linguísticos presentes nos textos sob análise. No decorrer da pesquisa, sugerimos que o processo de análise desses gêneros digitais poderá ser realizado em conjunto com os alunos, levando-os, sobretudo, a desempenhar papel de leitores, agentes ativos de produção de sentidos desses textos.

As postagens relacionadas à política, que, nesta pesquisa, denominamos notícias políticas, são retiradas do *blog* Radar *on-line*, de Lauro Jardim e sua equipe, hospedado no *site* da revista *Veja*, que, apesar de ser um veículo oficial de informação um tanto criticado

¹ A carnavalização do discurso, de acordo com Discini (2006, p. 84), pode ser considerada “como movimento de desestabilização, subversão e ruptura em relação ao ‘mundo oficial’”.

por alguns estudiosos, é um site muito acessado em nossos dias, divulga informações relevantes de várias áreas de nossa sociedade, como economia, política, esporte, cultura, negócios, entre outras. Sabemos que esta Revista, como qualquer outra, tem sua ideologia, afinal, nenhuma informação é neutra, por isso a importância de levar esses textos para a sala de aula a fim de promover um trabalho de leitura em uma visão discursivo-desconstrutivista², evidenciando a importância da recorrência às condições de produção do discurso e da memória discursiva.

As charges digitais também são muito conhecidas e assistidas pelos adolescentes e jovens que frequentam nossas escolas. Esse gênero retrata a realidade de uma maneira irônica e lúdica. As charges digitais despertam a atenção dos leitores/ouvintes pelo fato de trabalharem o humor, a ironia, além de serem difusoras de ideologias. Os estímulos visuais e as imagens veiculadas pela internet fazem com que esse gênero se torne mais atrativo para seus leitores.

Desse modo, acreditamos que a análise tanto das notícias do *blog Radar on-line* como das charges digitais articuladas ao ensino de linguagens pode ampliar a capacidade linguístico-discursiva do aluno, sobretudo, no que se refere à produção dos sentidos desses gêneros, levá-los a uma leitura ativa, despertando, assim, a criticidade desse aluno em formação. Afinal, a produção dos sentidos desses gêneros selecionados exige um leitor mais atento pelo fato de que há, nesses textos, um intercalar de história, política e humor. Ressaltamos que esses gêneros digitais manifestam a milhares de leitores/navegadores a ideologia na qual seus sujeitos autores se inscrevem, filtrada pela ideologia na qual seus suportes se inscrevem.

Pelo fato de nossa pesquisa estar filiada à linha Ensino de Linguagens, apresentamos em nosso capítulo inicial algumas perspectivas teóricas discursivas essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa e que trazem em seu bojo grandes contribuições para o ensino de linguagens. Abordamos a(s) linguagem(ns) nas perspectivas da teoria dialógica do discurso, da Análise de Discurso de orientação francesa e suas influências para o ensino de linguagens. Apoiamo-nos no pressuposto de que a linguagem deve ser estudada em funcionamento, tendo em vista seu caráter peculiar de interação social. Entendemos que tais perspectivas teóricas em muito podem auxiliar os professores que atuam diretamente com a(s) linguagem(ns). Entre elas, temos: condições de produção, interlocutores, ideologia, formação discursiva, memória discursiva, interdiscursividade, polifonia e dialogismo.

² Abordaremos a questão da leitura na visão discursivo-desconstrutivista no capítulo 2.

Como temos como objeto de pesquisa analisar dois gêneros digitais, apresentamos o capítulo dois que trata, especificamente, sobre os gêneros do discurso. A fim de transpor para nossa realidade de inovações tecnológicas, abordaremos, sobretudo, os gêneros digitais. Procuramos, no desenvolver desse capítulo, atrelar a questão dos gêneros digitais ao ensino, sobretudo, à leitura numa abordagem discursiva, em que os alunos sejam levados a desenvolverem um embate crítico com o texto, seu autor, consigo mesmo e com a realidade que os cerca. Para isso, apresentamos questões relacionadas à necessidade dos multiletramentos, a fim de possibilitar que os alunos participem das mais variadas práticas sociais em que a escrita e a leitura são utilizadas, inclusive as instâncias da esfera governamental.

No capítulo três, temos como objetivo apresentar os gêneros digitais selecionados para análise em nossa pesquisa e evidenciar seus traços de sentido, particularidades e fenômenos linguísticos que neles são comuns, como ironia, humor, ambiguidade, dialogismo, polifonia, carnavalização do discurso, linguagem verbal e não verbal: imagens e sons, acontecimento discursivo. Apresentamos, primeiramente, o gênero notícias políticas do *blog Radar on-line* e, em seguida, as charges digitais, mais especificamente, as de Maurício Ricardo.

No capítulo quatro, trazemos as análises dos gêneros selecionados – notícias políticas do *blog Radar on-line* e charges digitais de Maurício Ricardo - evidenciando o diálogo estabelecido entre eles e como essa articulação de gêneros digitais em sala de aula e a produção de seus sentidos pode ser um trabalho produtivo no ensino de linguagens. Ressaltamos, ainda, neste capítulo, as particularidades desses gêneros e as estratégias midiáticas de repetição de algumas ideias e conceitos negativos a respeito da política e de seus agentes, a fim de manter um direcionamento de sentidos que pode ser discutido na escola, num trabalho de deslocamento desses sentidos, refletindo sobre os diversos sentidos da linguagem em funcionamento, afinal, a linguagem e os sentidos não são transparentes, unívocos e homogêneos, são opacos, polifônicos e heterogêneos. As charges digitais apresentam uma visão de mundo intercalada com a sátira, o humor, a ironia e a ambiguidade, que as tornam textos agradáveis, dialogam com as notícias políticas do mencionado *blog* que se constitui em um veículo considerado informativo muito acessado em nossos dias.

1. A(S) LINGUAGEM(NS) NAS PERSPECIVAS DA TEORIA DIALÓGICA DO DISCURSO E DA ANÁLISE DE DISCURSO DE ORIENTAÇÃO FRANCESA

Apresentamos neste capítulo inicial algumas perspectivas teóricas discursivas indispensáveis para o desenvolvimento desta pesquisa, as quais trazem notáveis contribuições para o ensino de linguagens.

Muito se tem comentado sobre a dificuldade enfrentada pelos alunos no sentido de dominarem a linguagem em seus diversos usos. De certa forma, esse tem sido um grande problema que a maioria dos professores de línguas tem tentado solucionar. No entanto, na maioria dos casos, não tem conseguido resultados muito exitosos.

Sabemos que a sociedade brasileira vive, há muito tempo, um grande dilema já bastante conhecido que ecoa nos quatro cantos de nosso país: nossa educação caminha a passos curtos. Infelizmente, a escola não tem obtido muitos êxitos no ensino da leitura e produção textual, os índices apontam para uma situação em que, mesmo após anos de estudos, muitos de nossos alunos, ainda, não conseguem ler e escrever ativamente, de forma satisfatória, fazer uso da leitura e da escrita nas diversas práticas de linguagem do cotidiano eficazmente. Essa dificuldade não é só de apreensão do código em si, mas de promover o letramento, conceito que envolve a questão do uso social da leitura e da escrita nas diversas esferas da sociedade. Por isso, atualmente, muitos pesquisadores têm apregoado sobre a necessidade de se trabalhar o ensino de Língua Portuguesa, visando a garantir o uso adequado da linguagem em diversos níveis e situações comunicativas.

Cumpre-nos ressaltar que, nesta pesquisa, preferimos utilizar o termo linguagens (no plural) pelo fato de que temos de considerar não somente a linguagem verbal, mas também a não verbal (imagens, sons, movimentos, gestos, entonação etc.). Partimos do princípio de que é necessário aliar o linguístico ao não-linguístico, para, assim, produzir os sentidos dos diversos gêneros discursivos circulados socialmente, sobretudo, os divulgados nessa era globalizada e digital em que vivemos.

Dominar os diversos usos da(s) linguagem(ns) é extremamente importante tanto no desenvolvimento intelectual de qualquer indivíduo como no que se refere ao contexto escolar. A escola, a sala de aula, o ensino são lugares sociais essenciais nesta pesquisa, que se enquadra numa linha denominada Ensino de Linguagens.

A partir da década de 1980, houve um grande movimento entre alguns pesquisadores de algumas universidades brasileiras em conjunto com algumas Secretarias de Educação de vários Estados, no intuito de propor mudanças relacionadas à forma de compreender a

linguagem e seu processo ensino/aprendizagem. Com os Parâmetros Curriculares Nacionais, foi possível divulgar “uma síntese do que foi possível apreender e avançar”, evidenciando maneiras de repensar o ensino de língua/linguagens. (CARDOSO, 1999, p. 9-10).

A nova concepção de ensino de linguagem, surgida nos anos 1980, deu destaque especial ao texto e considerou-o como ponto de partida e de chegada para todo processo ensino/aprendizagem, com base nas teorias discursivas. A partir de então, há uma grande preocupação em trabalhar a(s) linguagem(ns) nas diversas situações comunicativas cotidianas em que nossos alunos estão inseridos.

Diante dessas considerações, pretendemos abordar algumas contribuições que a Análise de Discurso de orientação francesa associada à teoria dialógica do discurso trouxeram para o ensino de linguagens. Embasados em pesquisadores dessas perspectivas teóricas, defendemos o princípio de que a compreensão das teorias discursivas, por parte dos profissionais que atuam diretamente na sala de aula, poderá ser benéfica para todo o processo ensino/aprendizagem, tendo em vista que tanto a formação do professor como o letramento³ do aluno são processos ininterruptos, ambos estão sempre em processo de constituição.

1.1 A linguagem e a teoria dialógica do discurso

Em se tratando de língua(gem/ns), não podemos deixar de citar Saussure, seja para tomar suas formulações teóricas como ponto de partida, seja para refutá-las. Apesar da revolução linguística trazida por sua dicotomia língua/fala, estudos posteriores deixaram a fala à mercê dos estudos linguísticos.

No entanto, dentre os que se posicionaram contrariamente com relação a ter somente a língua como objeto dos estudos linguísticos e, ainda, opondo à visão de Saussure, em que a língua é abstrata e ideal, um sistema sincrônico e homogêneo, podemos citar Bakhtin, que com seus estudos antecipou muito as tendências da linguística moderna, partindo do princípio de que “a língua é um fato social, cuja existência funda-se na necessidade de comunicação”. Ele vê “a língua como algo concreto, fruto da manifestação individual de cada falante, valorizando, dessa forma, a fala”. (BRANDÃO, 1995, p. 9). Esse fato social a que a autora se refere não é o mesmo a que Saussure mencionava, já que Bakhtin fala de um fato social concreto do qual todos nós nos apropriamos, enquanto que Saussure fala de um fato social em abstrato.

³ Letramento pode ser definido como um processo que leva o aluno/leitor a ter a capacidade de utilizar as linguagens nas diversas situações, usos e práticas sociais em que a leitura e escrita são utilizadas.

Bakhtin, em sua obra “Marxismo e filosofia da linguagem”, mais precisamente no capítulo 6, que trata da interação verbal, traz-nos muitas considerações relevantes com relação aos estudos da linguagem. Esse autor inicia esse capítulo criticando a teoria da expressão fundamentada na primeira orientação do pensamento filosófico-linguístico⁴, definindo que “todas as forças criadoras e organizadoras da expressão estão no interior [...] qualquer aspecto da expressão-enunciação considerado será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela *situação social mais imediata*”. (BAKHTIN, 1986, p.112).

Para Bakhtin (1986, p. 121), a enunciação é organizada no exterior do indivíduo por meio das condições de produção do meio social, por isso, é resultado da interação social. Bakhtin coloca a enunciação como objeto dos estudos da linguagem, dando relevância a seu aspecto social. Nesse sentido, afirma que

[...] todo o itinerário que leva da atividade mental (o “conteúdo a exprimir”) à sua objetivação externa (a “enunciação”) situa-se completamente em território social. Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social a qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos.

Os trabalhos sobre a linguagem produzidos por Bakhtin e seu Círculo, desde a segunda década do século XX, só foram conhecidos pelos linguistas a partir da década de 1970, por intermédio da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, que evidencia a importância da linguagem na perspectiva das Ciências Humanas. (BRAIT, 2006, p. 21).

Há um ponto fundamental que resume o pensamento bakhtiniano: “A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 1986, p.123). Nessa perspectiva, é salutar mencionar que o diálogo constitui uma das formas mais importantes da interação verbal, é por meio desse processo que nos apropriamos da palavra do outro. Por isso, a teoria de Bakhtin e seus seguidores sobre a linguagem e seu funcionamento é conhecida como teoria dialógica do discurso.

Considerando que “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta”, Bakhtin (1986, p.124) estabelece uma ordem metodológica para o estudo da língua, demonstrando que há uma cadeia de evoluções que devem ser observadas: “as relações sociais evoluem [...], depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações

⁴ Sobre as orientações do pensamento filosófico-linguístico, ver a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Bakhtin, 1986, nos capítulos 4 a 6.

sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da ação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua”.

A teoria bakhtiniana evidencia a língua como um produto histórico, cultural e social, apresentando a interação verbal como mola propulsora para a observação e análise do funcionamento da linguagem. Trazendo à tona a linguagem com essas especificidades, ressaltamos a articulação entre o linguístico e o social, buscando sempre relações entre a ideologia e a linguagem. Nesse sentido, Bakhtin (1986, p.122) ressalta que toda enunciação é socialmente dirigida e, ainda, afirma que “toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica”. Afinal, são os enunciados concretos que levam a língua/linguagem a fazer parte integrante da vida em todos os aspectos. (BAKHTIN, 2010, p. 265).

Sabemos que, para ele, a palavra é o signo ideológico por excelência; além de ser o resultado da interação social, caracteriza-se por seu caráter múltiplo de sentidos. A palavra retrata a realidade de diversas formas, por isso, facilita a manifestação da ideologia. São as várias vozes, os diversos pontos de vista que se refletem nas palavras, tornando-as tão ricas e polivalentes. A palavra ainda pode ser considerada dialógica por natureza, pois nela travam-se lutas de vozes que ecoam e querem ser ouvidas, respondidas, refutadas, confirmadas, enfim, emanam dos outros que nos constituem enquanto sujeitos.

Seria importante que a(s) linguagem(ns), partindo desses pressupostos, fosse(m) encarada(s) como lugar(es) em que a ideologia, a história, a sociedade, o poder, a cultura, de um modo geral, e, conjuntamente, materializassem-se na instância que denominamos *discurso*. Olhando dessa perspectiva e pensando no estudo do funcionamento das linguagens, Brandão (1995, p.12) argumenta que

[...] a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. [...] Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é o lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado das condições de produção.

Diante dessas considerações, a perspectiva da teoria dialógica do discurso em muito contribui e influencia os estudos atuais da linguagem, sobretudo, quando relacionamos a interação com o processo ensino/aprendizagem de linguagens. Desse modo, Brait (2006, p. 9) afirma que “não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem”. Assim, pela relevância dada à(s)

linguagem(ns) e seu ensino, em vários momentos desta pesquisa, retomaremos pressupostos dessa perspectiva.

1.2. Os estudos da linguagem e a Análise de Discurso de orientação francesa

Com a preocupação de estudar a linguagem numa perspectiva sócio-histórico-ideológica, surge, nos anos sessenta, uma nova tendência linguística denominada *Análise do Discurso de orientação francesa* (que abreviaremos AD), fundada por Michel Pêcheux.

Essa tendência, que tinha primeiramente o discurso político como seu objeto, passou, no decorrer do tempo, a ter os diversos discursos circulados socialmente como seu objeto, por isso, nos dias de hoje, alguns estudiosos como Eni Orlandi a denominam Análise de Discurso, que também optamos por utilizar nesta pesquisa.

Essa nova tendência também considerada como uma disciplina, não é una, pois foi fundada interdisciplinarmente, nasceu de preocupações de outros campos de saber: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Apesar de no seu interior trazer marcas dos estudos linguísticos, na AD, imbricam-se pressupostos da História, do Materialismo Histórico, da Psicanálise etc.

Nesse sentido, Orlandi (2002, p. 22) afirma que a AD “se pratica pelo deslocamento de regiões teóricas e se faz entre terrenos firmados pela prática positivista da Ciência (a Linguística e as Ciências Sociais). Em suma, des-territorializa”.

A AD surgiu na França, num conturbado momento histórico-político em que estudantes se manifestavam nas universidades francesas protestando contra um sistema educacional extremamente rígido. Nesse cenário de crise, a liderança política da época intentava contra as greves por meio de ações policiais, e, nesse ínterim, a classe trabalhadora se uniu ao movimento estudantil gerando várias greves operárias, cujo objetivo principal era reivindicar melhores salários e condições de trabalho. (MAZZOLA, 2009, p.7).

Com relação aos estudos da linguagem, aquela época foi marcada por uma superação das perspectivas estruturalistas. A AD surgiu para desfazer a famosa dicotomia de Saussure **língua/fala**, trazendo à tona para os estudos linguísticos a relação **língua/discurso**. Em outros termos, Orlandi (2002, p. 23) formula que, nesse sentido, há “um deslocamento da dicotomia proposta língua (social, geral, sistemática)/fala (individual, singular, assistemática, ocasional) para a relação língua/discurso que não se dicotomiza [...]”. Essa substituição provoca um despertar para a questão do sujeito e sua constituição.

Possenti (2004, p. 362) afirma que “a língua é a materialidade discursiva, ou seja, o aspecto material do discurso”, por isso a importância dada ao estudo e análise dos enunciados que se materializam na língua por essa tão importante instância denominada discurso.

Assim sendo, compreender o sentido de enunciado e enunciação como unidades elementares do discurso também nos faz entender a natureza e o funcionamento da linguagem. Existem, nos estudos da linguagem, várias perspectivas teóricas e definições para os termos enunciado e enunciação, no entanto, explicitamos que concordamos com Cardoso (1999, p. 36-8) ao definir que o enunciado sempre se refere a sua formação discursiva, suporta enunciações distintas pelo fato de existir materialmente e por sua materialidade ser repetível, suporta paráfrases e pressupõe outros, enquanto que a enunciação é o singular, o irrepetível, o acontecimento (tem data, lugar determinado), é eminentemente social. É interessante observarmos que uma mesma oração pode ser utilizada em situações diferentes e em cada uma delas apresentar um sentido diverso, ou seja, um mesmo enunciado pode acontecer em diversas enunciações, como por exemplo, o enunciado “Fica mais difícil ainda para Sarney ficar bem na foto⁵”, pode ter vários sentidos de acordo com a situação em que ocorre. No caso da notícia que será analisada no capítulo 4, significa que a reputação de Sarney não estava muito boa. Em outra situação poderia significar que algum detalhe físico o impedia de tirar uma boa fotografia, por exemplo.

O termo *discurso*, em nosso cotidiano, traz acepções diversas, como por exemplo, “o discurso do presidente da empresa foi muito aplaudido”, nesse caso, significando a fala solene. Pode, ainda, ser utilizado como um uso restrito do sistema da língua, evidenciando uma determinada tipologia de uso como em discurso feminista, discurso religioso, discurso jurídico, discurso administrativo, discurso midiático etc.

Orlandi (2007, p. 22) evidencia que

[...] discurso não é a fala, isto é, uma forma individual concreta de habitar a abstração da língua. Ele não tem esse caráter “antropológico”. Os discursos estão duplamente determinados: de um lado, pelas formações ideológicas que os relacionam a formações discursivas definidas e, de outro, pela autonomia relativa da língua.

Por isso, com relação às Ciências Sociais e à linguagem, o termo *discurso* reflete a língua em funcionamento, pode ser entendido como o que se materializa efetivamente na língua, por meio das linguagens, mais especificamente, nos textos. O discurso pressupõe ação, movimento, diálogo, troca, mutualidade, confronto, luta, embate. Assim, para Cardoso (1999,

⁵ Esse enunciado pode ser verificado na notícia política “Sem botar a mão no bolso”, extraída do *blog Radar on-line*, analisada no capítulo 4.

p. 21), “o discurso é, pois, um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos, por meio de sujeitos interagindo em situações concretas”. Por meio do discurso, podemos nos remeter às diversas ideologias, crenças, convicções, costumes, valores, enfim, tudo o que pode instar um sujeito e levá-lo a expor seus ideais.

Segundo Orlandi (2008, p. 63), “o discurso, definido em sua materialidade simbólica, é efeito de sentidos entre locutores, trazendo em si as marcas da articulação da língua com a história para significar”. Por isso, para produzirmos sentidos é necessário relacionar a língua com a história, a cultura, a ideologia, a política etc. Para ela, “não há sentido sem interpretação”.

Pelo fato de a AD ser uma teoria da interpretação, introduz a noção de efeito de sentidos entre interlocutores. Nesse sentido, Orlandi (2007, p. 20), seguidora de Pêcheux, salienta que

[...] compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum, mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente [...]. Compreender o que é efeito de sentidos é compreender a necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos.

Com relação ao imaginário, a AD traz grandes contribuições, segundo Orlandi (2007, p. 18), esta é a grande contribuição da AD:

[...] observar os modos de construção do imaginário necessários na produção dos sentidos. Por não negar a eficácia material do imaginário, ela torna visíveis os processos da construção desse “um” que, ainda que imaginária, é necessária e nos indica os modos de existência e de relação com o múltiplo [...], a diferença precisa da construção imaginária da “unidade”.

É importante ressaltar que a AD surge colocando em questão e opondo algumas teses até então vigentes nos estudos linguísticos de que a língua seria unívoca, o sujeito seria uma unidade controlada pela razão e que haveria uma conjuntura uniforme. Assim, a AD traz concepções de que a língua é polissêmica e opaca, de que o autor é aquele que diz ou quer dizer sempre coisas a mais ou a menos relacionadas ao que queria dizer, principalmente, levando-se em conta os efeitos da ideologia e do inconsciente, e de que é essencial verificar as condições de produção dos discursos a serem analisados. (POSSENTI, 2004, p.358-360).

Em seu funcionamento como disciplina que interpreta textos, melhor dizendo, como afirmou Orlandi (2008, p.32), “que trabalha (n)os limites da interpretação”, a AD deve considerar as dimensões que ligam o sujeito, a linguagem e a história. Os analistas de discurso devem ter seus interesses voltados para “a determinação histórica dos processos de

significação, os processos de subjetivação, os processos de identificação e de individualização dos sujeitos e de constituição de sentidos, assim como sua formulação e circulação”. (ORLANDI, 2008, p. 35).

O discurso e o sujeito são afetados pela ideologia e pelo inconsciente, por isso não há como falar em Análise de Discurso sem considerarmos o inconsciente que constitui o sujeito, muito menos sem considerarmos a ideologia, ou seja, as visões de mundo que constituem o sujeito e, conseqüentemente, seu discurso. (POSSENTI, 2004)

Ainda nessa linha de pensamento, Orlandi (2002, p. 22) menciona que esta é “a singularidade da Análise do Discurso: ligar a língua à exterioridade, a língua e a ideologia, a ideologia e o inconsciente”. Segundo Possenti (2004), a especificidade da AD está no campo do sentido, este “decorre das enunciações, atos que se dão no interior de FD (formações discursivas)⁶[...]”. Assim, podemos dizer que as enunciações se referem sempre a uma determinada formação discursiva. Por exemplo, no diálogo estabelecido na charge “Conselho de amigo”⁷: “**Dilma**: Zé Dirceu, procurei você porque você é uma pessoa muito prática e objetiva. **Zé Dirceu**: Sou mesmo. **Dilma**: Nós dois lutamos na clandestinidade porque acreditamos que às vezes fazer o que é certo tem um custo alto.” A expressão “fazer o que é certo” pode ser classificada como pertencente a uma formação discursiva dos militantes políticos que consideram como heróis essas personalidades políticas, diferentemente da formação discursiva dos conservadores, em que essas mesmas personalidades são consideradas desordeiras, transgressoras da lei e até mesmo terroristas.

Para um analista de discurso é salutar verificar os acontecimentos discursivos partindo do pressuposto de que “há um real da língua e um real da história”, e isso deve ser tomado como uma relação em si. Por isso, podemos afirmar que é na relação entre sujeitos históricos que a interpretação surge a partir do tripé relacional: homem – língua – história. (GREGOLIN, 2003, p. 11).

As propostas de Michel Pêcheux, fundador da AD nos anos 1960, em seu desenvolvimento posterior, a fim de acompanhar as mudanças teóricas e políticas dos anos 1980 e 1990, vão aproximar-se de outros fundadores. Podemos observar em suas últimas formulações, no início da década de 1980, aberturas para a convergência de seu pensamento com outros pensamentos, que farão surgir uma nova trajetória para a AD. Essa nova trajetória recebe influências de Michel Foucault, porém não assumidas por Michel Pêcheux, relacionadas à problematização sobre a ciência histórica, suas discontinuidades, sua

⁶As formações discursivas serão conceituadas a seguir.

⁷ Extraída do site www.charges.com.br, analisada no capítulo 4.

dispersão, que trouxe à tona o conceito de **formação discursiva**, as discussões das relações entre os saberes e os (micro) poderes e a preocupação com a questão da leitura, da interpretação, da memória discursiva. De Bakhtin, a AD recebeu influências com as ideias de dialogismo, também não assumidas por Pêcheux, da heterogeneidade e da questão de que as discursividades se inscrevem em um conjunto de particularidades sócio-históricas, em relação ao qual, todos os sujeitos se situam. A AD recebe ainda influências de outros teóricos da Nova História, como Jacques Le Goff, Pierre Nora e Michel de Certeau. A AD passa a deslocar seu principal foco sobre o discurso político e sobre a materialidade escrita, para outras formas materiais como a não verbal, por isso, nos últimos textos de Pêcheux, ele prefere falar em “análise de discurso” em vez da forma tradicional “análise do discurso”. (GREGOLIN, 2007b, p. 7).

Assim, resumidamente, Gregolin (2007a, p. 14) aponta que

[...] quatro nomes, fundamentalmente, estão no horizonte da análise do discurso derivada de Pêcheux e vão influenciar suas propostas: Althusser, com sua releitura das teses marxistas; Foucault, com a noção de *formação discursiva*, da qual derivam vários outros conceitos (interdiscurso; memória discursiva; práticas discursivas etc.); Lacan e sua leitura das teses de Freud sobre o inconsciente; Bakhtin e o fundamento dialógico da linguagem, que leva a AD a tratar da heterogeneidade constitutiva do discurso.

A essa altura, torna-se interessante citarmos um enfoque da linguagem e seu ensino, amparada na AD, abordado por Cardoso (1999, p.11):

A primeira e maior dentre as contribuições da Análise do Discurso para com o ensino é fazer compreender que a linguagem, por realizar-se na interação verbal entre locutores socialmente situados, não pode ser considerada independente da sua situação concreta de produção. Todas as práticas pedagógicas que envolvem a produção da linguagem colocam em relação, nas mais variadas situações discursivas, três elementos: interlocutores, enunciado e mundo. Nesse sentido, falar, escrever, citar, analisar, reproduzir, repetir, resumir, criticar, narrar, imitar, parafrasear, parodiar etc. são práticas em que a *linguagem enquanto discurso* materializa o contato entre o linguístico (a língua enquanto um sistema de regras e de categorias) e o não linguístico (um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos), por meio de sujeitos interagindo em situações concretas.

É salutar mencionar que para a AD, a linguagem, o discurso e o sujeito são constituídos pelo equívoco, pela falta, pela incompletude e pela contradição. Nesse aspecto, podemos retornar a Pêcheux e nos referir à “impossibilidade de estancar os sentidos e a ilusão de que o sujeito enunciativo é a fonte dos sentidos.” (CORACINI, 2007, p. 42).

É interessante mencionar que a língua, na perspectiva discursiva, é concebida como materialidade. Segundo Orlandi (2007, p. 2007, p.21), “[...] essa materialidade linguística é o lugar da manifestação das relações de forças e de sentidos que refletem os confrontos

ideológicos”. Ainda nessa visão, a AD objetiva ir além dos efeitos de evidência levando o sujeito/leitor a fixar seus olhos na opacidade do texto e, assim, instaurar outros modos de ler, relacionando o dito ao não dito, ao dito em outro lugar etc. (ORLANDI, 2008, p. 62).

Diante do exposto, ressaltamos que a AD traz notáveis contribuições e influências aos estudos atuais da linguagem. Amparados por essas perspectivas teóricas, os professores de linguagens poderiam desenvolver um trabalho de leitura/escrita e produção de sentidos dos diversos textos que circulam socialmente, desmistificando certos preceitos de linguagem transparente, unívoca e de que o sentido estaria somente no texto, sem levar em conta as condições de produção do discurso e o posicionamento de quem produz sentidos, o leitor.

1.3 O ensino de linguagens e as influências teóricas da AD de orientação francesa e da teoria dialógica do discurso

Desde os anos 1980, em um cenário de mudança de paradigma no ensino de língua portuguesa - da estrutura para o texto - e em um movimento em que era fundamental repensar as práticas de ensino de língua e linguagem, os especialistas pregavam que o texto deveria ser o ponto de partida e de chegada para todo o processo ensino/aprendizagem de língua portuguesa. Desde então, o texto tem sido considerado como objeto de estudo da linguagem.

Dessa forma, partindo do texto e considerando-o como materialidade discursiva, podemos analisá-lo com um olhar voltado para as suas condições de produção, aliando a essa análise vários aspectos importantes como: seus interlocutores e a constituição dos sujeitos, ideologia, formação discursiva, interdiscursividade, polifonia, dialogismo e memória discursiva.

Especificaremos de modo breve, a seguir, cada um desses aspectos teóricos essenciais à produção e compreensão dos textos e, conseqüentemente, do funcionamento da linguagem enquanto interação social.

1.3.1 Condições de produção

O conhecimento e a compreensão das condições de produção de um texto, ou seja, das circunstâncias de um discurso, favorecerão muito em sua produção de sentidos. Buscar os diversos fatores que determinam tanto a produção, como a circulação e recepção dos discursos é essencial para os diversos profissionais que atuam na sala de aula.

O papel dado à **situação** pode ser concebido como um pano de fundo específico dos discursos. (PÊCHEUX, 1997a, p. 75). Nesse sentido, esse autor (1997a, p. 77) aponta que

[...] um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado” etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da *relação de forças* existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que anuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa [...] (destaques do autor).

Em nosso cotidiano, utilizamos a(s) linguagem(ns) significativamente produzindo discursos. Para isso, existem condições indispensáveis, que são abaixo elencadas numericamente:

1. *um locutor* (aquele que diz, sua posição sócio-histórica);
2. *um alocutário* (aquele para quem se diz o que se tem a dizer, sua posição sócio-histórica);
3. *um referente* (o que dizer, sempre determinado pelos sistemas semânticos de coerência e de restrições);
4. *uma forma de dizer*, numa determinada língua (é preciso que se escolham as estratégias para se dizer);
5. *um contexto em sentido estrito*: as circunstâncias imediatas; o aqui e o agora do ato do discurso;
6. *um contexto em sentido lato*: as determinações histórico-sociais, ideológicas, o quadro das instituições em que o discurso é produzido – a família, a escola, a igreja, o sindicato, a política, a informação, a língua, etc. (CARDOSO, 1999, p.38).

Com relação às condições de produção do discurso, devemos ter não só a situação imediata de interação, mas também as determinações histórico-sociais e ideológicas que influenciam a significação. Nesse sentido, Brait (2007, p. 26) evidencia que “ao apontar para um “contexto mais amplo”, Bakhtin já acena com a participação do interdiscurso, ou seja, da história e da memória, nem sempre explícitas na situação, mas sem dúvidas participantes ativas da produção de sentidos”.

Por isso, o retorno às influências históricas, culturais, sociais, políticas, são essenciais nesse momento de busca e apreensão pelos sentidos dos textos. É necessário ir além das evidências, retornar, inclusive, àquilo que faz parte da memória social e discursiva da sociedade a qual se insere o texto e seus interlocutores.

Dessa maneira, diversos fatores extralinguísticos devem ser pesquisados no momento de leitura e compreensão de qualquer texto. O leitor deve filtrar várias informações importantes que perpassam o momento de produção e recepção do texto lido, as quais trarão pistas para a efetiva produção de seus sentidos. O leitor pode, então, se equiparar a um

investigador, um agente que resgata o maior número de informações a respeito do que lê, de quem escreve, do lugar e época onde foi escrito etc.

Diante disso, para produzir sentidos, nessa perspectiva, é preciso que o sujeito mergulhe fundo nesses conhecimentos que perpassam a produção de um texto, seja ele verbal e/ou não verbal. Esse procedimento (compreensão das condições de produção) deve ser encarado como norteador fundamental na produção de sentidos de um texto.

1.3.2 Interlocutores e constituição de sujeitos

Para a compreensão de um texto, bem como para a utilização eficaz da linguagem, também é necessário conhecer os interlocutores, isto é, os protagonistas do discurso como afirma Pêcheux. Em conformidade com esse estudioso do discurso (1997a, p. 82-3), no processo discursivo ocorrem certas formações imaginárias que designam os lugares atribuídos pelos interlocutores a respeito do outro e de si mesmos, como por exemplo, considerando A e B, a imagem que A tem de si mesmo, a imagem que B tem de A, a imagem que B tem de si mesmo, a imagem que A tem de B, a imagem que A tem do referente, a imagem que B tem do referente e ainda a imagem que A tem da imagem que B tem de A e assim por diante. Afinal, segundo Pêcheux (1997a, p. 83), “todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias”. Qualquer processo discursivo pressupõe essa estratégia de antecipação das representações dos protagonistas do discurso.

A posição que ocupam os protagonistas do discurso, ou seja, esse objeto imaginário que reflete o ponto de vista do sujeito, também é uma das diversas categorias que devem ser analisadas quando nos remetemos às condições de produção do discurso.

A esse respeito, Cardoso (1999, p.39-41) relata que “aquele que fala o faz de um lugar determinado, que regula o seu dizer. Todo discurso remete à formação discursiva a que pertence, sendo regido por essa prática.” Podemos verificar, também, que os discursos não são monológicos, pois um discurso se constitui e constitui outros discursos e, assim, sucessivamente.

De acordo com Brandão (1995, p. 62), “para a AD, o centro da relação não está nem no *eu* nem no *tu*, mas no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro. E o espaço dessa interação é o texto”. Nesse sentido, mais uma vez, nos remetemos aos ideais bakhtinianos de que nos constituímos enquanto sujeitos na interação com o outro. É por meio do outro que nos enxergamos, tudo o que

fazemos e dizemos é sempre em função dos outros que nos perpassam, que nos permeiam, nos imbricam, dialogam conosco, nos negam, nos afirmam. Assim, conforme Coracini (2007, p. 17), “o sujeito é também alteridade, carrega em si o outro, o estranho, que o transforma e é transformado por ele”.

Tudo isso evidencia que a linguagem, utilizada por nós, sujeitos incompletos, não é límpida e transparente, pois é formada por uma heterogeneidade e manifesta essa heterogeneidade, há uma mistura, um hibridismo, uma miscelânea de outros que a constituem. Conforme Coracini (2007, p. 11), “outros, enfim, que deixam resíduos, rastros no inconsciente que se marcam como signo ou letra, e afluem, cá e lá, pela memória que se faz discurso, nas histórias de vida, nas invenções de si”.

Portanto, podemos concluir que a linguagem é múltipla, heterogênea, não é transparente, mas sim opaca; não é perfeita, mas aberta a falhas, equívocos, incompletudes. Com o intuito de encaminhar para nossa pesquisa, essas considerações acerca da(s) linguagem(ns) poderão ser confirmadas nas situações de ensino de linguagens, sobretudo no momento de interação entre professor/aluno/texto, a fim de produzir os sentidos dos gêneros digitais propostos. A compreensão das notícias políticas do *blog Radar on-line* e das charges digitais por parte dos agentes produtores de sentidos, nesse caso, professor e aluno, poderão apresentar divergências de ponto de vista. O aluno poderá visualizar algum detalhe importante, ainda não percebido pelo professor, ou vice-versa, que poderá contribuir nesse processo interativo de apreensão dos sentidos. Cada leitor terá a chance de contribuir nesse processo, a fim de tentar completar as incompletudes e falhas que a linguagem apresenta.

1.3.3 Ideologia

Entender as ideologias que constituem os discursos é outro aspecto importante para interpretar os sentidos dos textos, bem como para compreender os diversos conflitos entre posicionamentos sociais, políticos, econômicos e culturais. Para Cardoso (1999, p. 45), “os discursos são governados por formações ideológicas e a ideologia pressupõe *conflitos* (conflitos de classe, de grupo (idade, sexo, raça, cor etc.) motivados por *relações de poder*.” Além de serem governados pela ideologia, os discursos também são materializados por ela. A ideologia pode ser comparada aos interesses de classe, que são refletidos nos seus discursos.

Não há como pensar em ingenuidade ou neutralidade na linguagem, ela é totalmente influenciada pelas ideologias. Para Bakhtin, a palavra é considerada como fenômeno ideológico por excelência. Nesse sentido, esse autor (1986, p. 95-6) nos aponta que

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. [...] A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida. (grifos do autor).

Sobre ideologia, contrapondo a visão de Marx à de Bakhtin, é interessante mencionar, conforme Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (2010, p. 16) que

Uma importante transformação epistemológica que Bakhtin dá aos estudos linguísticos é a compreensão do que ele chamou de ideologia do cotidiano. É essa ideologia que o diferencia de Marx. Marx acreditava que a ideologia fosse uma ferramenta que a Burguesia utilizava para concretizar a dominação dos proletários. Ideologia era, portanto, homogêneo e servia apenas a uma classe social. Já em Bakhtin vemos a distribuição da ideologia para os outros grupos sociais dominados. Portanto, ideologia não é mais um modo de opressão, mas também de libertação. Se para Marx a ideologia apenas escondia a realidade, agora para Bakhtin a ideologia também denuncia. Ideologia do Cotidiano é uma ideologia que transforma a ideologia oficial. Por isso, lá, onde houver uma ideologia funcionando enquanto resistência ao poder hegemônico. A ideologia também não é mais vista como uma ferramenta, mas como uma atividade. Não é vista mais como estável e homogêneo, mas também como algo que se transforma com a sociedade e se constitui na sua heterogeneidade.

A ideologia perpassa todas as situações comunicativas, camadas sociais e influencia a linguagem cotidianamente. Assim, podemos dizer que o sentido das palavras é determinado pela ideologia. Quando tentamos identificar as ideologias presentes em um texto, podemos verificar muitas marcas materializadas que as especificam e que auxiliam na produção dos sentidos, tais como o vocabulário utilizado, as formas de se dizer, a época em que foi dito, o lugar social de quem falou e de quem interpreta, também são significativos na interpretação.

1.3.4. Formação Discursiva

Podemos notar que os textos sempre foram produzidos dentro de uma formação discursiva, ou seja, eles remetem a uma visão de mundo ou opinião acerca de algum assunto próprio de um determinado grupo social, que mesmo implicitamente influencia na compreensão e produção de sentidos dos textos.

É relevante destacar que os sujeitos e os sentidos do discurso devem ser considerados e analisados em seu processo sócio-histórico de constituição, que ocorre no interior das formações discursivas. Dessa forma, podemos compreender que os sentidos mudam de uma

formação discursiva para outra, bem como os sujeitos se constituem ao se inscreverem nessas formações discursivas. (CARDOSO, 1999, p. 35).

Sempre quando lemos um texto, procuramos identificar seu(s) sentido(s). Precisamos ter claro que o sentido não é único. A esse respeito, Pêcheux (1997b, p. 161) afirma que

[...] uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem *um* sentido que lhe seria “próprio”, vinculado à sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações de tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (destaques do autor).

Pêcheux (1997b, p. 160) chama de formação discursiva “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*.” Em outras palavras, Orlandi (2007, p.20) explica que

[...] as formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. O dizível (o interdiscurso) se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas) desigualmente acessíveis aos diferentes locutores.

O conceito de formação discursiva regula a referência à interpelação-assujeitamento do indivíduo em sujeito do seu discurso. É a formação discursiva que permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados em uma determinada conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar às palavras, “falar diferentemente falando a mesma língua”. (BRANDÃO, 1995, p. 39).

Quando os professores compreendem essas perspectivas teóricas acerca das formações discursivas, passando a trabalhar o ensino de língua, partindo dessa concepção, o ensino de leitura e produção textual pode tornar-se mais significativo, por exemplo, pode-se trabalhar uma notícia de um telejornal, cotejar a mesma notícia numa revista, levando em consideração esses aspectos e, conseqüentemente, produzirem os sentidos desses textos, analisando as diferentes versões de um mesmo texto que varia de acordo com as concepções ideológicas de cada grupo social e/ou instituição.

Ainda nessa visão, compreender e identificar as formações discursivas traz grandes contribuições ao ensino de linguagens, porém, é claro que somos conscientes de que os leitores/alunos não aprenderão essas definições e conceitos, mas para o professor é imprescindível dominar tais aspectos teóricos acerca do discurso para que tenha condições de elaborar uma prática educacional que leve seus alunos a entenderem e utilizarem eficazmente

a(s) língua/gem(ns) em funcionamento, levando em consideração as condições de produção do discurso e o sujeito.

1.3.5 Interdiscursividade, Polifonia, Dialogismo

Acreditamos que um discurso nunca seria autônomo, pois ele remete sempre a outros discursos, suas condições de possibilidades semânticas se concretizariam em um espaço de trocas, mas jamais enquanto identidade fechada. O discurso não nasce nele mesmo. Sendo assim, a unidade de análise, que temos enquanto analistas de discurso, não é propriamente o discurso, mas o espaço heterogêneo e de trocas entre vários discursos que é denominado interdiscurso, é nesse imbricamento que nos debruçamos.

O interdiscurso, segundo Coracini (2007, p. 9), “são as diversas vozes, provenientes de textos, de experiências, enfim, do outro, que se entrelaçam numa rede em que os fios se mesclam e se entrecem”. Nessa perspectiva, podemos verificar que nas situações reais de funcionamento da linguagem há um intercalar de discursos, formando, dessa forma, uma troca discursiva que ocorre quando um discurso é relacionado com outros ou quando as formações discursivas se relacionam interdiscursivamente.

Assim, pelo fato de um discurso citar outro, se relacionar com outro, podemos afirmar que ele não é um sistema fechado e sim um palco de trocas, conflitos, heterogeneidade e reprodução. Um discurso pode aceitar, rejeitar, repetir, implícita ou explicitamente, outros discursos, seja em um tom reverente ou irreverente, irônico, entre outros tons. Por isso, as relações interdiscursivas podem polemizar ou concordar. (FIORIN, 1993, p. 45).

Nesse sentido, as formações discursivas podem ser definidas partindo-se de seu interdiscurso. Segundo Maingueneau (1997, p.112),

[...] o interdiscurso consiste em um processo de *reconfiguração incessante* no qual uma formação discursiva é levada [...] a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos.

Analisando os textos, podemos encontrar diversas vozes que interagem, formando um emaranhado. Os textos dão margem para a verificação de uma variedade de vozes que se intercalam, a esse emaranhado de vozes, denominamos *polifonia*, com base em Bakhtin. Para Barros (1994, p.5), “a polifonia atinge sua plenitude: as vozes que dialogam e polemizam “olham” de posições sociais e ideológicas diferentes, e o discurso se constrói no cruzamento

dos pontos de vista”. Faraco (2001, p. 27) evidencia “a *multivocalidade* como marca característica dos discursos, no sentido de que os enunciados de cada discurso têm um percurso que faz com que carreguem à memória de outros discursos”.

Seguindo a teoria bakhtiniana, podemos ressaltar a presença de diversos outros nos discursos. Nesse sentido, esse aglomerado de “outros” nos textos, remete-nos ao dialogismo de Bakhtin. Para ele, o diálogo é constitutivo da linguagem. Por isso, “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém”. (BAKHTIN, 1986, p.113).

Desse modo, é essencial que os leitores/alunos juntamente com seus professores identifiquem essas diversas vozes para que possam produzir os efeitos de sentidos de um texto, tendo sempre em vista que essas vozes podem polemizar, dar suporte à contra-argumentação, à refutação, que são tão importantes para a ampliação da capacidade de linguagem do aluno.

1.3.6 Memória discursiva

Para construirmos os sentidos de um texto, é necessário recorrer à memória discursiva que arquiva uma diversidade de acontecimentos discursivos e nos dispõe, a cada leitura, esses conhecimentos que são essenciais ao estabelecimento dos efeitos de sentidos dos textos. Segundo Gregolin (2007b, p. 57),

[...] as redes de memória, sob diferentes regimes de materialidade, possibilitam o retorno de temas e figuras do passado, os colocam insistentemente na atualidade, provocando sua emergência na memória do presente. Por estarem inseridos em diálogos interdiscursivos, os enunciados não são transparentemente legíveis, são atravessados por falas que vêm de seu exterior – a sua emergência no discurso vem clivada de pegadas de outros discursos.

A memória discursiva também pode funcionar como apagamento, interdição de sentidos, silenciamentos. A esse respeito, Baronas (2011, p. 103) afirma que a “memória discursiva é feita também de deslizamentos e de esquecimentos, isto é, que seus desdobramentos não se dão somente enquanto restituição, mas também enquanto transformação e silenciamento de sentidos”.

Por isso, Pêcheux (1999, p. 56) conclui seu texto “Papel da memória” afirmando que

[...] uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

Portanto, partindo desses pressupostos teóricos, acreditamos que compreender as contribuições da teoria dialógica e da AD para o ensino não é uma questão de apenas conhecer teorias, mas de uma mudança de postura tanto do professor como do aluno frente ao texto e, para isso, necessário se faz uma mudança de concepção de ensino, de linguagem e de leitura, sobretudo, por parte do professor e essas teorias em muito poderiam contribuir.

É nesse processo dialógico de compreensão da palavra alheia, que nos apropriamos de novos conhecimentos, novas teorias e nos (re)significamos. Assim, uma mudança de concepção e/ou de postura, por parte do professor, poderia ampliar a capacidade discursiva dos alunos, libertá-los da pressão de ter de achar o único sentido do texto, a resposta correta, que sempre foi a do professor ou do livro didático e, com isso, colaborar para o desenvolvimento da consciência do aluno, oportunizando condições para que possa questionar as verdades inabaláveis, os ditos e não ditos, e, assim, quem sabe, libertar-se da alienação e do assujeitamento frente aos fatos sócio-históricos.

Para isso, consideramos interessante criar condições para os alunos refletirem sobre o que lêem, compararem suas próprias produções escritas, reelaborarem seus próprios textos, entenderem os silenciamentos, pois essas reflexões podem ser um primeiro descortinar de consciências e, segundo Bakhtin (2010, p. 321), “[...] ver pela primeira vez, tomar consciência de algo pela primeira vez já significa entrar em relação com esse algo: ele já não existe mais em si, mas para o outro (já são duas consciências correlacionadas)”.

Vale ressaltar a importância de o professor investir em estudos sobre tais perspectivas teóricas e, ainda, acreditar na importância de formar leitores e produtores de textos para que possam interagir como sujeitos ativos. Essas perspectivas teóricas discursivas mencionadas, que compreendem a linguagem como interação, podem apresentar muito mais subsídios para uma prática pedagógica dos estudos de linguagens, abrindo um enorme leque de possibilidades de trabalho em sala de aula, sobretudo, no que se refere a entender as diversas possibilidades de sentidos de um texto, bem como no que tange a dar a contrapalavra ao aluno, em outros termos, evidenciar seu papel ativo na construção desses sentidos.

2 GÊNEROS DISCURSIVOS/DIGITAIS, ENSINO, LEITURA E MULTILETRAMENTOS

Pelo fato de termos dois gêneros digitais como objeto de análise nesta pesquisa, o presente capítulo trata especificamente sobre os gêneros discursivos. Abordaremos, sobretudo, os gêneros digitais numa perspectiva voltada para o ensino, a leitura e os multiletramentos.

O estudo dos gêneros discursivos é um tema que está sendo bastante discutido ultimamente, apesar de sabermos que esse estudo não é novo. No Ocidente, existe há aproximadamente vinte e cinco séculos, se partirmos da ideia de que sua observação sistemática iniciou-se em Platão. No entanto, temos, nos dias de hoje, segundo Marcuschi (2008, p. 147), uma “nova visão” acerca dos estudos dos gêneros. Ele nos aponta que

[...] a expressão “*gênero*” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade, até os primórdios do século XX. (destaques do autor)

A questão dos gêneros discursivos é bastante complexa, por isso Marcuschi (2008, p. 149) pontua que “há muito a discutir e tentar distinguir as ideias de que gênero é: uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização textual, uma ação retórica”. Sendo assim, nesta pesquisa, apontaremos uma modesta e breve consideração acerca desse assunto tão rico e complexo. Ressaltamos que o pano de fundo teórico das proposições de Marcuschi não é o mesmo de Bakhtin.

Antes de prosseguirmos, é interessante distinguir noções de tipos e gêneros e esclarecer que nos gêneros discursivos existem as sequências textuais dos tipos textuais. Em muitos livros didáticos encontram-se equivocadas classificações de gêneros em tipos textuais, que, na verdade, são gêneros discursivos. Representaremos, a seguir, um quadro sinóptico elaborado por Marcuschi (2002, p. 23) que traduz claramente a distinção dessas duas noções:

TIPOS TEXTUAIS:

1. constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;
2. constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.

GÊNEROS TEXTUAIS

1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais, etc.

Até algum tempo, a abordagem estudada sobre os textos se constituía em classificá-los como narrativos, descritivos e dissertativos. Durante muito tempo, a escola utilizava somente textos assim definidos para o ensino. Porém, é evidente que essa classificação tão limitada não daria conta de abordar toda a diversidade textual que perpassa nossas práticas sociais diárias.

A necessidade de estudar a linguagem em funcionamento nas diversas situações comunicativas de nosso cotidiano tem sido o alvo dos estudos linguísticos, o que tem levado à verificação de uma diversidade de gêneros discursivos, bem como suas propriedades e características.

Antigamente, os gêneros que eram mais estudados eram os literários, porém eles eram estudados numa relação mais intensa com suas especificações artístico-literárias e não como específicos tipos de enunciados que se diferenciam de outros, apesar de manterem uma mesma natureza verbal, característica que não era levada em conta. Se olharmos para a Antiguidade, veremos que os gêneros retóricos eram os preferidos para o estudo.

Pelo fato de que o estudo dos gêneros não é algo novo, sabe-se que desde Aristóteles, eles já eram mencionados, eram subdivididos, primordialmente, em três categorias: épico, lírico e dramático. Para essa categorização, levava-se em conta o modo de enunciação dos textos, assim, no lírico, a enunciação era feita pelo emissor; no épico, pelo personagem e/ou emissor e no dramático, pelas personagens por meio dos atores. Por fim, nesse breve olhar pelo passado, podemos visualizar o estudo dos gêneros do cotidiano, sobretudo, as réplicas do diálogo cotidiano. (BAKHTIN, 2010, p. 262-26).

Em nossos dias, a noção de gêneros discursivos está relacionada ao enunciado nas perspectivas histórica, linguística, ideológica, cultural e social. (FREITAS, 2007a, p. 1840). É importante ressaltar que os gêneros são denominados por alguns pesquisadores como gêneros textuais e para outros gêneros do discurso/discursivos. Pelo fato de partirmos da noção de gêneros do discurso de Bakhtin, nesta pesquisa, optamos também por usar a nomenclatura *gêneros do discurso/discursivos*.

Segundo Bakhtin (2010, p. 261), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. De acordo com as condições específicas e finalidades de cada um desses campos é que esses enunciados são produzidos.

Os gêneros do discurso não se definem pelos aspectos formais, estruturais ou linguísticos, mas sim, pelos seus aspectos funcionais, sociais e comunicativos. Segundo Marcuschi (2002, p. 25), “os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas”. É na interação social que um determinado gênero se torna significativo, é em sua concretização que as diversas formas de se comunicar, de entender, de ser entendido e de significar a realidade são expressas.

Bakhtin, (2010, p. 262) denomina como **gêneros do discurso** os tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelos diversos campos de utilização da língua. Apesar de não serem definidos pelos aspectos formais, Bakhtin afirma que há uma certa estabilidade nos enunciados de um mesmo gênero. Ele define os gêneros como **relativamente estáveis**, considerando três elementos essenciais - conteúdo temático, estilo da linguagem e construção composicional - que estão intimamente ligados ao todo de cada enunciado e são determinados pela especificidade de cada campo comunicacional. Bakhtin define o estilo da linguagem como a seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua. (BAKHTIN, 2010, p. 262).

Os gêneros discursivos são muito importantes, em conformidade com Marcuschi (2002, p.30), eles são “artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano” e merecem atenção especial no que se refere aos estudos da linguagem em funcionamento. Eles não são criados por uma vontade individual, mas surgem por meio de práticas comunicativas coletivas que se reiteram e atendem a necessidades específicas de comunicação da sociedade no decorrer do tempo.

É importante salientar que Bakhtin diferenciou os gêneros do discurso em primários (simples) e secundários (complexos), no entanto, essa diferenciação ocorre no campo da funcionalidade. Para ele, os gêneros secundários, entre eles se elencam romances, dramas,

pesquisas científicas, grandes gêneros publicísticos, entre outros, “surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (artístico, científico, sociopolítico etc). No processo de sua formação, eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples)”. Os gêneros primários se formam nas condições de comunicação discursiva imediata, como por exemplo, a carta, a réplica do diálogo cotidiano etc. (BAKHTIN, 2010, p. 263).

Apesar de existirem tentativas feitas por alguns teóricos, será sempre muito complicado e difícil classificar, categorizar e até mesmo catalogar os gêneros discursivos. Afinal, como afirma Bazerman (2006, p. 17 e 18), eles “são o que as pessoas reconhecem como gêneros a cada momento do tempo, seja pela denominação, institucionalização ou regulamentação, são rotinas sociais de nosso dia-a-dia.”

Com relação à diversidade e importância dos gêneros do discurso, podemos afirmar que são infinitas as suas possibilidades de uso, assim como são infinitas as formas de interação das atividades humanas. Afinal, em cada campo dessas atividades é riquíssimo o repertório dos gêneros do discurso e quanto mais se tornam complexos esses campos, mais gêneros se desenvolvem. (BAKHTIN, 2010, p. 262).

Nessa perspectiva, Bakhtin (2010, p. 262) argumenta que

[...] a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Diante dessa imensa variedade e riqueza dos gêneros, verificamos que eles refletem a necessidade de comunicação e se adaptam às inovações tecnológicas, em cada situação diferente, um gênero é desenvolvido, no intuito de materializar o discurso adequadamente ao contexto situacional e, conseqüentemente, difunde a linguagem de geração a geração. Nesse sentido, Bakhtin (2010, p. 268) afirma que

[...] os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos.

O estudo dos gêneros do discurso nos leva a verificar a linguagem nas diversas situações de uso na vida social, cultural, política, bem como nos múltiplos contextos discursivos. Marcuschi (2002, p.19) conceitua-os como

[...] entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. [...] Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Nesse sentido, para Marcuschi (2002, p.22-3), referimo-nos aos gêneros discursivos como “*textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”. Ele ainda afirma que “os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação”.

Estudando os gêneros do discurso, podemos evidenciar os vários modos de representar a realidade, estabelecer relações sociais, identificar ideologias, reconhecer as formações das identidades. Quando lançamos nosso olhar sobre os gêneros, eles nos instigam a vários questionamentos que nos levam a refletir. Meurer e Motha Roth (2002, p. 17) nos apresentam alguns desses questionamentos:

[...] como ler e analisar criticamente os diferentes gêneros textuais? Como descrever e explicar os textos, evidenciando que neles e através deles os indivíduos produzem, reproduzem ou desafiam a realidade social na qual vivem e dentro da qual vão construindo sua própria narrativa pessoal?

Esses questionamentos são realmente muito relevantes, afinal, os gêneros discursivos implicam ação, movimento, é por meio deles que os sujeitos agem em suas vidas e escrevem suas histórias.

Trazemos à tona o pressuposto básico defendido por Marcuschi (2002, p. 22) “de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*”. Não conseguimos nem imaginar como seria complicado o processo comunicativo, caso não existissem e não tivéssemos materializados em nossas mentes os gêneros discursivos, como seria difícil se a cada enunciação não tivéssemos esses modelos a serem retomados.

Consideramos texto como a materialização do discurso, assim como Marcuschi (2002, p. 24) “uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. *Discurso* é aquilo que o texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos”.

Para melhor esclarecer, a forma como um gênero se apresenta, devido as suas características próprias, é que nos fazem reconhecê-lo. No entanto, não podemos deixar de

mencionar que um gênero discursivo não é uma forma fixa, homogênea. Geralmente, encontramos diálogo de um gênero com outro, por isso a mistura de formas discursivas em um mesmo texto. Bakhtin (2010, p. 262) salienta em especial “a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso”.

Numa visão sócio-interativa da língua/gem(ns), segundo Marcuschi (2002, p. 22), os gêneros do discurso “se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo, constituindo-o de algum modo”. Nessa perspectiva, a noção de gênero discursivo deve ser concebida como forma de ação social e essa noção deve ser a instrumentalidade socialmente elaborada que faz a mediação, representação e materialização da prática de linguagem de um enunciador, gerando, assim, um texto que é divulgado socialmente em um suporte. (NASCIMENTO, 2009, p. 6).

Devido a uma grande explosão de novas tecnologias, temos a oportunidade de verificar o funcionamento da linguagem em diversas situações, além de podermos constatar novas formas de sua utilização. Dentre as tecnologias que mais têm se destacado em nossos dias, podemos, sem dúvida alguma, afirmar que a *internet* tem sido o meio mais rápido e acessível de veiculação de conhecimentos.

O estudo dos gêneros do discurso e, conseqüentemente, dos gêneros digitais tem se disseminado em grande proporção nos estudos linguísticos atuais e sua importância tem se destacado, sobretudo, porque operam como forma de ação social. Diante disso, podemos afirmar que os gêneros discursivos são operadores de transformação social por meio dos valores que por eles são propagados.

Estamos cientes de que os gêneros do discurso são inúmeros, quase ilimitados, já que a língua é dinâmica e, à medida que a tecnologia vai se desenvolvendo, os costumes e valores vão se modificando, novos gêneros discursivos são (re)criados. Por isso, a necessidade de explorarmos os gêneros discursivos mais circulados no momento.

2.1 Gêneros discursivos, ensino e leitura

É por meio dos gêneros discursivos que as práticas de linguagem se materializam na vida de cada indivíduo, o mesmo acontece na realidade escolar. Com relação ao ensino, podemos apontar que todas as atividades de linguagem dos aprendizes são configuradas na forma de um gênero discursivo. Apesar de serem incontáveis e mutáveis os enunciados e textos que produzimos e lemos em nosso dia-a-dia, existe certa estabilidade que nos fazem reconhecê-los e caracterizá-los como um determinado gênero.

Tendo em vista a grande disseminação dos gêneros discursivos, concordamos com Rojo e Cordeiro (2004, p. 10-1), ao afirmarem que várias questões levaram a uma virada discursiva ou enunciativa referente ao enfoque dos textos e de seus usos em sala de aula, pois “passa-se, então a focar, em sala de aula, o texto em seu funcionamento e em seu contexto de produção/leitura, evidenciando as significações geradas mais do que as propriedades formais que dão suporte ao funcionamento”. Os PCN incorporaram essa virada e, ainda, de acordo com Rojo e Cordeiro (2004, p.11), “convoca-se a noção de *gêneros (discursivos ou textuais)* como um instrumento melhor que o conceito de tipo para favorecer o ensino de leitura e de produção de textos escritos e, também, orais”.

Podemos depreender que, para que haja ação e conseqüente transformação por meio da linguagem, é necessária a mediação de algum gênero. Afinal, haverá sempre um sujeito agindo discursivamente numa determinada situação sócio-histórica, instrumentalizado por um gênero discursivo, e, assim, transformando a realidade. No processo ensino/aprendizagem de linguagens, os gêneros discursivos precisam ocupar lugar central, priorizando a funcionalidade e a produção de sentidos dos gêneros ao invés de enfatizar características e classificações.

Para que nossos alunos ampliem cada vez mais sua competência discursiva, é de suma importância que tenham contato e produzam sentidos de uma diversidade de gêneros discursivos. Assim, uma imensa variedade de gêneros deve fazer parte de nossas aulas, a fim de que os alunos os dominem com mestria, produzam sentidos, reflitam sobre a realidade e façam uso ativo desses textos nas diversas situações comunicativas de uma sociedade em constante transformação. Freitas (2007a, p.1839) salienta que os gêneros são “instrumentos que possibilitam aos agentes leitores uma melhor relação com os textos, pois, ao compreender como utilizar um texto pertencente a um determinado gênero, pressupõe-se que esses agentes poderão agir com a linguagem de forma mais eficaz”.

A produção de sentidos de um gênero estará sempre vinculada ao conhecimento dos fatos, situações sociais, históricas, culturais e ideológicas que seus locutores e interlocutores estão situados. Por isso, é necessário compreender o funcionamento e as condições de produção de um determinado texto.

O estudo dos gêneros digitais, sobretudo, a busca pelas possibilidades de sentidos que podem ser produzidos por meio da leitura desses textos, propicia um posicionamento mais reflexivo do aluno/leitor.

A leitura é um processo complexo e abrangente de produção de sentidos que deve ser enfatizado no processo ensino/aprendizagem de língua/gem(ns). Existem muitos conceitos para a leitura. Nesta pesquisa, entendemos leitura, assim como Geraldi (2000, p.91),

[...] a leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto. Encontro com o autor, ausente, que se dá pela sua palavra escrita. Como o leitor, nesse processo, não é passivo, mas agente que busca significações, o sentido de um texto não é jamais interrompido, já que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis.

Nessa mesma perspectiva, Brandão e Micheletti (1997, p.17) a conceituam da seguinte maneira:

O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra. Da palavra enquanto signo, variável e flexível, marcado pela mobilidade que lhe confere o contexto. Contexto entendido não só no sentido mais restrito de situação imediata de produção do discurso, mas naquele sentido que enraíza histórica e socialmente o homem.

A leitura é um processo complexo e, ao longo do tempo, algumas concepções e perspectivas de leitura surgiram. Pelo fato de que, nesta pesquisa, procuramos dar algumas diretrizes para o ensino, optamos por priorizar o trabalho com a leitura desses gêneros digitais, pois acreditamos que é por meio desse processo que os alunos têm mais contato com esses textos em seu cotidiano, afinal não apresentam, comumente, necessidade diária de produzir notícias para um *blog* jornalístico, nem tampouco charges digitais. Acreditamos ser interessante traçar algumas considerações a respeito da leitura e suas concepções, sobretudo, para dar destaque a uma concepção discursiva que envolve um cenário (pós) moderno de mudanças trazidas pelas novas tecnologias.

Esse mundo moderno ou pós-moderno, como alguns insistem em dicotomizar, invadido pelas tecnologias que, muitas vezes, iludem e seduzem a todos, trouxe muitas mudanças para todos. Coracini (2009, p. 16) considera “a impossibilidade de polarizar as duas perspectivas que se imbricam, se interpenetram para constituir o momento complexo, confuso, epistemologicamente híbrido que estamos vivendo”. A mídia e o marketing tentam nos manipular a todo o momento, gerando uma ansiedade por um consumo desenfreado que não satisfaz os sujeitos. A esse respeito, essa autora (2009, p. 18) traça um panorama no qual podemos claramente nos enxergar nesse

[...] mundo fragmentado, que se, antes, se escondia por detrás do positivismo, na ilusão da totalidade inquestionável, da unidade, da segurança da ordem preestabelecida por um poder transcendental, assumido por representantes terrenos, institucionalmente legitimados, agora, se exhibe de forma crua e inexorável, deixando

às claras a falta constitutiva do sujeito, que busca preenchê-la por outros meios, ou seja, pelos meios que estão ao seu alcance, oferecidos pelo mundo globalizado, pelo capitalismo neoliberal, pela ilusão de que o dinheiro compra tudo, inclusive a felicidade.

Nesse cenário que nos encontramos, necessitamos praticar a leitura dos textos por meio de um embate crítico numa perspectiva muito mais aprofundada, é preciso questionar as verdades inabaláveis presentes nestes textos, é preciso desestabilizar os sentidos propostos. Assim, buscamos em Coracini (2009, p. 23), os preceitos da **leitura enquanto processo discursivo**.

Antes de comentarmos sobre essa perspectiva, é necessário voltar nosso olhar para as perspectivas de leitura que por muito tempo vigoraram e/ou ainda vigoram em nossas escolas. Na primeira delas, a leitura se processa como **decodificação: descoberta do sentido**, em que o leitor é um expectador, busca o sentido que está presente no texto ou na obra a qual direciona seu olhar. Nessa visão, acredita-se que existe uma essência e a tarefa do leitor seria resgatá-la, o significado estaria nas palavras ou nos signos, por isso, muito se fala em desvendar ou descobrir os sentidos. Essa essência poderia ser denominada uma verdade a que todos desejam e buscam incessantemente almejando encontrar uma completude, é a leitura na perspectiva estruturalista. (CORACINI, 2009, p. 20).

No entanto, sabemos que estamos longe de alcançar essa completude e perfeição nos textos em que lemos, pois a(s) linguagem(ns) é(são) sempre cheia(s) de armadilhas, incompletudes, opacidade. Sendo assim, acreditamos que desvendar os sentidos seria inapropriado, pois o sentido não está impregnado nos textos.

A segunda perspectiva trata a leitura enquanto **interação: construção dos sentidos**, nela é essencial considerar a presença ativa de dois sujeitos, que são autor e leitor. Em conformidade com Coracini (2009, p. 21), “autor que deixaria marcas, pistas de sua autoria, de suas intenções, determinantes para o(s) sentido(s) possível(eis) e com o qual o leitor interagiria para construir esse(s) sentido(s).[...] o autor – “*autoridade*” – é responsável pelo(s) sentido(s)”. Apesar de ser uma perspectiva que leva em consideração possíveis leituras ou sentidos, se limita à permissão do autor para que o(s) sentido(s) se construam.

Com relação à prática escolar, segundo Coracini (2009, p. 22), a perspectiva de leitura que está mais presente nas salas de aula é a leitura enquanto decodificação, que considera apenas uma leitura possível e correta que seria a do professor ou a do livro didático. Esse tipo de leitura garante uma facilidade para o professor, além de levá-lo a um controle de um sentido único.

Entretanto, acreditamos no potencial do professor de se preparar para as instabilidades, incertezas e dúvidas que a leitura propicia. Alicerçados nas teorias discursivas que já mencionamos no capítulo anterior, o docente de língua portuguesa pode mudar o rumo de suas práticas introduzindo um trabalho de **leitura enquanto processo discursivo**. Na visão de Coracini (2009, p. 23), o olhar do leitor ou do observador, nessa perspectiva,

[...] vem de dentro do sujeito, inteiramente impregnado por sua subjetividade, que se constitui do/no exterior, por sua historicidade. A subjetividade, cabe lembrar, se constitui das relações sociais que nos inserem, desde que nascemos – ou já no ventre materno – no mundo pré-organizado (carregado de memória), impulsionado pelos desejos, culturalmente adquiridos e culturalmente recalcados, de verdade absoluta, de totalidade, de completude.

Nessa mesma direção, Baronas (2007, p. 164) aponta que “tanto o sujeito-leitor quanto o sujeito-autor e o texto são produtos da cultura, da sociedade, da história na qual estão inseridos”. Por isso a leitura enquanto processo discursivo deve partir de determinações sócio-históricas que influenciam os elementos do processo de leitura (autor, leitor, texto).

Desse modo, de acordo com Baronas (2007, p. 165), é muito complicado pensarmos em leitura errada ou a-histórica, pois “a leitura como produção de sentidos implica na não-existência da valoração dos sentidos em certos ou errados, ou seja, conceber a leitura sempre enquanto produção de sentidos significa negar a proposição de que existe leitura *errada, a-histórica*”.

Mascia (2009, p. 46), alia a AD à teoria da desconstrução de Derrida, denominando essa perspectiva de leitura a que tratamos de **discursivo-desconstrutivista**. Segundo essa autora (2009, p.50), a desconstrução de Derrida pode ser concebida como “a desestabilização das oposições binárias ou o questionamento do conceito de verdade, a partir do qual se constrói a racionalidade de um texto [...] pretende expor aquilo que o texto tenta esconder: os paradoxos, as contradições e as incoerências.”

Dentre as concepções de leitura que elencamos anteriormente, acreditamos que a vertente **discursivo-desconstrutivista** da leitura pode trazer subsídios eficazes para a prática de ensino/aprendizagem de linguagens, pois leva o docente e o aluno a fazerem uma gama de questionamentos referentes àquilo que estão lendo, levando-os a enfatizar, sobretudo, as condições de produção do discurso e o imaginário discursivo.

Nessa visão, Mascia (2009, p. 52) afirma que “não é o texto que determina a leitura, mas o sujeito, como participante de uma determinada formação discursiva [...]. As diferentes leituras referem-se não às leituras realizadas por diferentes indivíduos, mas aos diferentes momentos histórico-sociais, que podem variar de indivíduo para indivíduo”.

Com o intuito de direcionar para as práticas de ensino de linguagens, é salutar mencionar a postura do professor orientado por essa visão discursivo-desconstrutivista de leitura, que, segundo Mascia (2009, p. 53) deveria estar aberto a:

- a) contemplar uma metodologia menos diretiva e autoritária, que crie condições de fazer emergir alunos pensantes e críticos;
- b) buscar problematizar as relações (poder-saber) entre professor e aluno e entre eles e a instituição escolar e a sociedade. Isto implica nos considerarmos sujeitos imersos em discursos constituídos, desenvolvendo papéis, também, institucionalmente constituídos;
- c) tentar criar condições para desmitificar as ilusões que constituem os sujeitos (origem, controle e unicidade de sentidos);
- d) procurar condições que visem fazer emergir a pluralidade de leituras;
- e) propiciar situações para que se possa questionar o conteúdo dos textos;
- f) suscitar questionamentos das verdades, contidas nos textos e tidas como naturais;
- g) desmitificar o estrangeiro, mostrando as diferenças culturais que asseguram a identidade brasileira, em vez de anulá-la;
- h) levar o aluno a compreender que todo texto resulta de uma infinidade de outros textos;
- i) possibilitar que o aluno entenda que todo texto se constrói a partir das condições de produção marcadas pelo imaginário discursivo e
- j) problematizar o processo de leitura a partir do pressuposto de que ele, leitor, é construtor de significado e que lê a partir de sua imersão dentro de uma determinada formação discursiva.

Diante disso, nessa perspectiva de ensino, sobretudo concordando com Saito (2009, p.197), quando argumenta que “enquanto profissionais preocupados com a educação enquanto ação política de intervenção social”, é de suma importância refletirmos sobre a leitura e utilização de uma diversidade de gêneros discursivos na sala de aula para que nossos alunos ampliem suas competências discursivas utilizando a linguagem de modo efetivo e eficaz, além de propiciar a formação de cidadãos críticos, capazes de intervir agindo e transformando a sociedade em que vivem por meio dos gêneros.

2.2. Gêneros digitais e multiletramentos

A previsão feita há tempos pelos filmes e livros de ficção científica com relação à dominação do mundo pelas tecnologias parece se concretizar, positivamente, nos dias de hoje. Segundo Rettenmaier (2009, p. 32), “a era digital tornou o universo do conhecimento uma complexa e instável rede de influências”. Podemos visualizar esse cenário em nossos dias, inclusive nos corredores e arredores de algumas escolas.

A internet nos coloca em contato direto com os diversos gêneros digitais, que se caracterizam por textos (verbais ou não verbais) veiculados por uma grande rede eletrônica. Esses gêneros têm se propagado muito rapidamente e, certamente, esse ritmo de crescimento e

disseminação aumentará, ainda muito mais, devido a uma grande quantidade de usuários conectados por essa grande rede em todo o mundo.

Tendo em vista os avanços das novas tecnologias, os indivíduos podem interagir uns com os outros, mesmo não estando no mesmo ambiente espaço-temporal. Quilômetros de distância física já não separam as pessoas, ou seja, o alcance geográfico já não é mais um problema que impede as pessoas de interagirem, afinal, elas têm uma grande rede que as coloca *on-line* e que pode enviar uma série de documentos digitais. Nessa visão, Thompson (1998, p.107) argumenta que

[...] o desenvolvimento da mídia ajudou a criar um mundo em que os campos da interação podem se tornar globais em escala e em alcance e o passo da transformação social pode ser acelerado pela velocidade dos fluxos de informação. O crescimento dos múltiplos canais de comunicação e informação contribui significativamente para a complexidade e imprevisibilidade de um mundo já extremamente complexo.

Esse desenvolvimento tecnológico parece que conseguiu desviar os antigos mitos e inquietações que eram enxergados como a substituição do ser humano pelos robôs e o surgimento de uma inteligência artificial. O novo ser humano e a nova inteligência humana, agora existentes, precisam estar perfeitamente adaptados e atuantes em meio à imensa quantidade de ferramentas e tecnologias informatizadas. (RETTENMAIER, 2009, p. 73).

É nesse cenário que os gêneros digitais aparecem como uma ferramenta essencial para promover a atuação desse novo ser humano com novas habilidades e competências, capaz de interagir em diversas situações que a vida social nesse mundo altamente tecnológico lhe requer, sobretudo no que diz respeito ao seu agir interativo e colaborativo. Nessa perspectiva, Rettenmaier (2009, p.75) afirma que

[...] nesse novo mundo, gerido por um aparente caos de informações e de opções, a tecnologia e a conexão seriam elementos cruciais ao conhecimento, embora tais elementos sejam meramente facilitadores do saber. Para operar com as redes digitais é fundamental uma competência de auto-organização do sujeito como indivíduo atuante no coletivo colaborativo.

Com relação aos suportes desses novos gêneros digitais, apontamos que permitem leituras e escritas muito mais dinâmicas e interativas. A esse respeito, Freitas (2006, p. 16) afirma que

[...] o leitor em tela é mais ativo que o leitor em papel. [...] a tela informática surge como uma nova máquina de ler. Nela o leitor encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem que no papel parece já forçosamente realizada, pronto. Na tela do computador, o leitor seleciona um texto que reside numa reserva de informação possível e faz uma edição para si, uma montagem singular. Nesse sentido, seu ato de leitura é uma atualização das significações de um texto, já que a interpretação comporta também um elemento de criação pessoal. Enfim, o suporte digital está

permitindo novos tipos de leitura e escrita. Pode-se até falar de uma leitura e uma escrita coletiva.

Podemos visualizar, nesses gêneros, uma plasticidade e uma possibilidade de mudanças imediatas, tendo em vista a rapidez que o espaço cibernético oferece. A propagação tão rápida desses novos gêneros, que podem ser denominados gêneros digitais, é consequência da união de várias formas de expressão, como sons, imagens, movimentos e textos, que têm causado grande impacto na vida moderna. De acordo com Rojo (2012, p. 37), “tais procedimentos passam a exigir o desenvolvimento de diferentes habilidades, de acordo com as várias modalidades utilizadas, criando uma nova área de estudos relacionada com os novos letramentos”.

Acreditamos que os suportes digitais apresentam a nossos alunos um encanto sedutor, e este caráter motivador também deve ser levado em conta ao selecionarmos os gêneros discursivos que serão trabalhados em sala de aula. Nesse sentido, Defillippo e Cunha (2006, p. 114) afirmam que “essencialmente leitura e escrita se dão por sedução. Jamais um aluno partirá em busca da *ilha desconhecida* se não se sentir seduzido por ela.” Enquanto professores, torna-se interessante utilizarmos dessa estratégia motivacional que as novas tecnologias nos fornecem.

Diante de todas as facilidades e comodidades que a mídia, o ciberespaço e todas as novas tecnologias nos dispõem, entendemos que a escola que ainda não está adaptada a essa nova era, ficará à margem desse processo. Caberá a ela, portanto, a luta para conquistar esse espaço, ou seja, levar esses recursos que são imprescindíveis hoje no meio escolarizado. Isso porque defendemos um trabalho com os diversos gêneros do discurso na escola, e neles se incluem os gêneros digitais que podem ser muito bem explorados em sala de aula, sobretudo, no ensino de linguagens. Cumpre-nos salientar que o trabalho pedagógico com os gêneros digitais na escola deve ocorrer em complementação com os demais gêneros discursivos existentes, jamais em oposição ou substituição.

Esse descortinar tecnológico que representa as diversas mudanças visualizadas nesse novo mundo digital implica um repensar das práticas educacionais, sobretudo as relacionadas às linguagens. Nesse sentido, Rettenmaier (2009, p. 72) argumenta que “o novo jovem, por sua maneira de ser em diálogo com o universo tecnológico que se apresenta, precisa de uma nova sala de aula, de um novo professor e de novas concepções que afetem, sobretudo, os currículos”.

É importante salientar que para a leitura e a produção de sentidos dos gêneros digitais, não basta que o leitor se atenha apenas aos aspectos linguísticos presentes neles, ou seja, a

língua em si, faz-se necessário ir muito além. Assim, Orlandi (2000, p. 38) afirma que “o processo de compreensão de um texto certamente não exclui a articulação entre as várias linguagens que constituem o universo simbólico [...] o aluno traz, para a leitura, a sua experiência discursiva, que inclui sua relação com todas as formas de linguagem”.

Segundo Machado (2002, p. 78), os gêneros digitais promovem outra ordem de contato com a civilização, sendo esse contato de forma sensorial mediado pela virtualidade. Para ela, a opção pelo termo *digital* procura preservar a noção de enunciado, cujo potencial dialógico se mostra na passagem de uma dimensão a outra. Essa autora comenta que um documento digital inclui sistemas semióticos da comunicação, sejam palavra, vídeo, áudio, hipermídia, que são processados, armazenados e transmitidos pelo meio digital. Assim, a digitalização funciona como uma forma de processar eletronicamente os enunciados, tornando-os acessíveis a qualquer momento e lugar por meio da *internet*. Nesse processamento, apesar de poderem ser considerados enunciados concretos, textos, imagens em movimento, sons, enfim, tudo se torna realidade digital.

Notadamente, após algumas comparações com alguns gêneros existentes há algum tempo, podemos afirmar que os gêneros digitais não são absolutamente novos, eles resgatam outros gêneros já existentes e modifica-os. Nessa perspectiva, os gêneros digitais podem ter características dos gêneros mais antigos e serem considerados como repaginados para se adequar a uma nova realidade tecnológica na qual nos inserimos no momento. Os gêneros utilizados atualmente poderão, por conseguinte, sofrer algumas mudanças futuras para estarem de acordo com o que nos aguarda o porvir.

É nesse sentido que Freitas (2007b, p. 178) argumenta que “as fronteiras entre os gêneros não podem ser claramente estabelecidas”, os gêneros discursivos sempre estarão em movimento, alguns desaparecendo, outros reaparecendo, sempre atendendo às necessidades comunicativas dos povos no decorrer do tempo. Por isso destacamos a afirmação de Freitas (2007b, p. 178) no sentido de evidenciar que “a mestria de um gênero aparece como co-constitutiva da mestria de situações de comunicação”.

Como já mencionamos, ao verificar toda essa multiplicidade de gêneros discursivos, torna-se necessário analisar o funcionamento da linguagem nas diversas situações comunicativas, pois dependendo da situação sócio-comunicativa é que um gênero discursivo, e, sobretudo, no caso dessa pesquisa, um gênero digital será utilizado. Isso instigou nossa curiosidade e despertou-nos o interesse em pesquisar, aprofundar nossos conhecimentos sobre a questão dos gêneros, principalmente partindo-se da necessidade urgente dos multiletramentos mencionados em estudos recentes, mais especificamente os letramentos

multissemióticos e letramento multimidiático para formação de alunos/leitores ativos e participativos na sociedade na qual estão inseridos.

Um dos objetivos principais da escola é possibilitar que seus alunos participem das mais variadas práticas sociais em que a escrita e a leitura são utilizadas, por isso é dever da comunidade escolar proporcionar um ensino de linguagens de maneira ética, crítica e democrática, que propicie condições para que o leitor possa desconstruir algumas verdades divulgadas como únicas e absolutas. Para que isso aconteça, devemos levar em conta as condições de produção dos discursos, o lugar social dos sujeitos interlocutores, as crenças e valores disseminados há séculos nessa sociedade.

Barros (2009, p. 126-127) considera a importância dos multiletramentos, dos letramentos multissemióticos e multimidiáticos, que são também explorados por Rojo (2007) e são assim explicados:

Multiletramentos: estão ligados à ampliação das esferas sociais trabalhadas pela Língua Portuguesa, ou seja, não há como restringir os estudos linguísticos ao campo literário, da escrita consagrada pelos grandes autores da literatura. É preciso recuperar a fala dos campos jornalístico, publicitário, científico, jurídico, político. Ou seja, a palavra em uso em todas as suas instâncias.

Letramentos multissemióticos: requer que a escola não se detenha apenas na linguagem verbal. O mundo contemporâneo é o mundo das multissemióticas, mundo onde a palavra verbal passou a interagir com a linguagem sonora, visual, musical, gestual [...]. Uma multiplicidade de linguagens se articulando a todo o momento com a linguagem verbal.

Letramento multimidiático: letramento do/para os diversos mídiuns que a sociedade disponibiliza.

Essas diversas exigências que a contemporaneidade apresenta à escola e seus respectivos docentes, de um modo geral, devem trazer como consequência a circulação e abordagem de uma gama de gêneros discursivos utilizados em diversas práticas sociais.

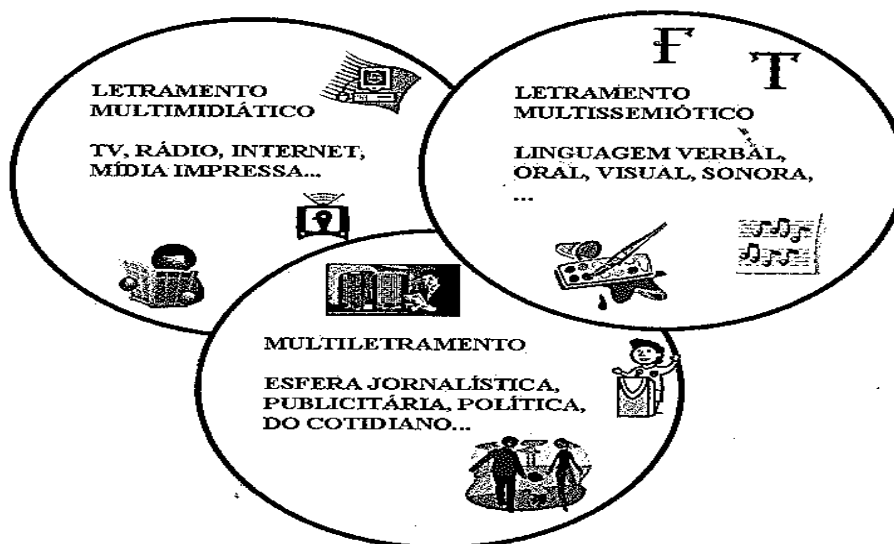
De acordo com Rojo (2009, p. 108), o conceito de letramentos múltiplos ou multiletramentos é um pouco complexo porque envolve “além da questão da multissemiose ou multimodalidade das mídias digitais que lhe deu origem, pelo menos duas facetas: a *multiplicidade de práticas* de letramento que circulam em diferentes esferas da sociedade e a *multiculturalidade* [...]”.

Com relação aos estudos sobre os multiletramentos, Rojo (2012, p. 23) aponta algumas características que neles são unânimes e acreditamos que essas características também têm muito a ver com os gêneros digitais:

- a) eles são interativos, mais que isso, colaborativos;
- b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]);

- c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Salientamos que, segundo Barros (2009, p. 127), esses tipos de letramentos se entrecruzam a todo instante. Por isso, essa autora apresenta um esquema, que representamos a seguir, para ilustrar esse imbricamento dos letramentos:



Na perspectiva dos multiletramentos, o ensino de linguagens deveria priorizar o desenvolvimento, nos alunos, de capacidades de se apropriarem da maior diversidade de gêneros que circulam na sociedade, independente da esfera social, do tipo de mídia ou do tipo de linguagem a que estão vinculados. (BARROS, 2009, p. 130).

Abordando os letramentos críticos, concordamos com Rojo (2009, p. 114), ao afirmar que

[...] duas armas a favor da construção da coligação contra-hegemônica seriam justamente a escola e as tecnologias digitais. Por um lado, novamente aqui, são cruciais os letramentos críticos que tratam os textos/enunciados como materialidades de discursos, carregados de apreciações e valores, que buscam efeitos de sentido e ecos e ressonâncias ideológicas. É preciso, portanto, um reenfoque do texto, fora da escola, mas principalmente nela, por sua vocação cosmopolita, por sua capacidade de agenciamento de populações locais na direção do universal, dos patrimônios da humanidade.

Para que isso ocorra, é essencial enfatizar uma abordagem discursiva dos gêneros que são produtos de diversas mídias e culturas, deixando em segundo plano as abordagens meramente formais ou conteudistas, para dar lugar de destaque ao espaço histórico e ideológico no qual os textos se situam, para, assim, com eles manter uma relação de diálogo. (ROJO, 2009, p. 120).

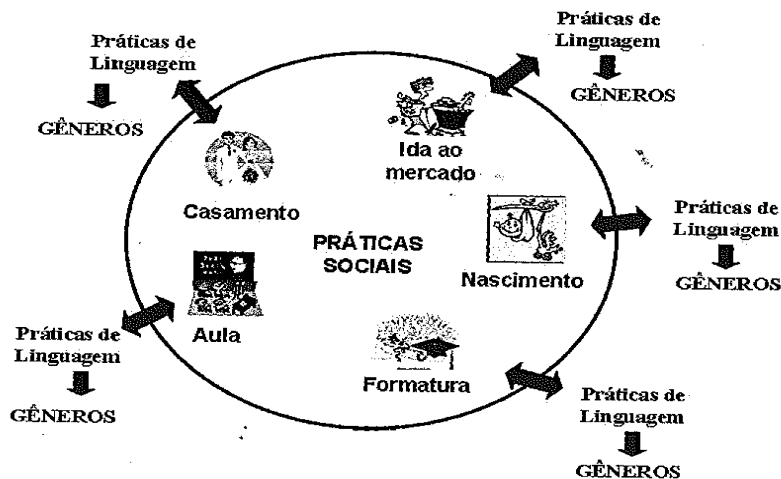
Ressaltamos que essa abordagem dos múltiplos letramentos também é embasada pelos estudos dos pesquisadores da equipe de didática das línguas da Universidade de Genebra em

que, segundo Barros (2009, p. 132), “os gêneros não são vistos como meros artefatos linguísticos, mas como re(configurações) das práticas de linguagens, estas vistas como aquisições acumuladas pelos grupos sociais no decorrer da história”.

Embasados nesse grupo de estudiosos de Genebra, acreditamos que os gêneros, além de serem instrumentos de interação social, constituem também as principais ferramentas mediadoras das estratégias de ensino de linguagens. Ainda nessa perspectiva, Barros (2009, p. 134) afirma que

[...] os produtos da cultura midiática são tratados como pré-construtos sócio-históricos perpassados por regras, valores, crenças, ideologias que devem ser discutidos em sala de aula, não como um simples tema para “redação”, mas como partes indissociáveis de uma atividade linguageira, configurados em um gênero de texto.

Na visão de Barros (2009, p. 128), “toda prática social é perpassada por práticas de linguagens re(configuradas) em **gêneros textuais**”. Por isso, acreditamos ser relevante apresentar a figura a seguir que essa autora traz para exemplificar as práticas sociais, práticas de linguagem e gêneros:



Sendo assim, para essa autora (2009, p.130) e seu grupo de pesquisa, com relação ao ensino, “um indivíduo só é letrado em uma determinada prática de linguagem a partir do momento em que se apropria do gênero que a configura, ou seja, desenvolve capacidades para a recepção e/ou produção desse gênero”.

É salutar que a escola propicie ao aluno atividades significativas de leitura e produção de gêneros discursivos diversificados, deixando para além de suas portas a artificialidade que, muitas vezes, corrompe o ensino de linguagens. Por isso, ultimamente, assuntos relacionados

com a temática dos letramentos são muito discutidos entre os pesquisadores da área de linguagens, sobretudo, quando é visualizada a atual situação de nosso sistema escolar que, em alguns casos, ainda não é favorável para que ocorra a formação de leitores ativos e reflexivos.

A questão central nos dias de hoje não é saber se a pessoa sabe ou não ler e escrever, que era o que se definia para saber se uma pessoa era alfabetizada, mas sim, se ela é ou não capaz de usar essas habilidades nas diversas situações e esferas que a vida social impõe. Segundo Nascimento e Zironi (2009, p. 249), “baseado nas teorias do discurso e no caráter dialógico da linguagem, o letramento compreende a atitude social do sujeito mediante a apropriação e desenvolvimento da linguagem, oral ou escrita, em um contexto social específico”. Assim sendo, a utilização efetiva e eficaz da leitura e da escrita nas diversas situações específicas de uso que a vida nos impõe é o que realmente está em jogo quando se trata de letramentos.

Saito (2009, p. 196) propõe que “o significado de letramento deve incorporar não somente habilidades e competências referentes a aspectos linguísticos, mas também a significações advindas de uma multiplicidade de sistemas de linguagem aliadas às novas tecnologias”. Nesse sentido, as teorias relativas aos letramentos em muito se assimilam às dos gêneros discursivos, sobretudo no que se refere à utilização das linguagens mediadas pelas novas tecnologias nas diversas situações de uso na vida cotidiana dos indivíduos.

A utilização de uma diversidade de gêneros discursivos em sala de aula, os quais refletem as diversas situações de uso da linguagem na vida cotidiana, nos remete a um tipo de escola denominada transformadora. A respeito de uma escola que atenda a essas expectativas de transformação da sociedade, Soares (2002, p. 73) argumenta que

[...] uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social.

O espaço escolar é considerado o lugar de construção da cidadania, de embates ideológicos, por isso não pode fechar suas portas para os diversos meios de comunicação. É salutar que as novas tecnologias de comunicação e informação façam parte da rotina das salas de aula. Nessa perspectiva, a escola, em sua tarefa de mobilizar, divulgar e sistematizar o conhecimento, deveria tomar para si o espaço interdiscursivo e midiático da comunicação para produzir e veicular a cultura. (SOARES, 2002).

É de extrema necessidade pensarmos numa educação para as diversas mídias, assim, concordamos com Saito (2009, p. 198), ao afirmar que

[...] práticas pedagógicas sejam adotadas com o intuito de levar os alunos a desenvolver capacidades para compreender a repercussão que as formas simbólicas expressas pelas mídias exercem em sua vida e, ao mesmo tempo, para levá-los ao reconhecimento das formas constitutivas dos enunciados mediatizados em suas dimensões formais, estéticas, pragmáticas e ideológicas.

Com relação à compreensão dos gêneros digitais propostos para as análises nesta pesquisa, trazemos à tona o pressuposto da contrapalavra do leitor. Ao produzir sentidos desses textos, é imprescindível que o aluno/leitor tenha liberdade para expor suas opiniões, concordar, refutar, acrescentar dados etc. Nesse sentido, Bakhtin (2010, p. 271) expõe que “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”. Para isso, torna-se relevante que o docente se prepare para essas instabilidades que a leitura e compreensão desses gêneros requerem.

Destacamos a importância da figura do professor nesse processo de ensino de linguagens, que, sobretudo, nos dias de hoje, deve estar conectado com as informações do mundo contemporâneo e ser capaz de estabelecer diálogos entre a escola e as diversas mídias circuladas em nossa sociedade, para que, dessa maneira, haja uma participação efetiva de nossos alunos nesse mundo multissemiótico.

Nessa mesma visão, Nascimento (2009, p. 55) aponta que “na atividade pedagógica em que o professor se movimenta, instaura-se a relação dialética entre ele e o aluno, interação em que ambos se transformam e se constituem, desenvolvendo suas capacidades”. É nessa perspectiva que os gêneros digitais propostos para análise, nesta pesquisa, precisam ser problematizados.

De maneira bastante prática e objetiva, Rojo (2009, p. 119) nos aponta que a escola e seus respectivos professores podem

[...] enfocar, portanto, os usos e práticas de linguagens (múltiplas semioses), para produzir, compreender e responder a efeitos de sentido, em diferentes contextos e mídias. Trata-se, então, de garantir que o ensino desenvolva as diferentes formas de **uso** das **linguagens** (verbal, corporal, plástica, musical, gráfica etc.) e das **línguas** (falar em diversas variedades e línguas, ouvir, ler, escrever). Para participar de tais práticas com proficiência e consciência cidadã, é preciso também que o aluno desenvolva certas **competências básicas** para o trato com **as línguas, as linguagens, as mídias e as múltiplas práticas letradas**, de maneira crítica, ética, democrática e protagonista. (destaques da autora)

Diante dessas considerações, acreditamos que a análise dos gêneros digitais selecionados para esta pesquisa - tanto as notícias políticas do *blog Radar on-line* como as

charges digitais de Maurício Ricardo - visando ao ensino de linguagens, pode ampliar a capacidade discursiva dos alunos, propiciar melhores condições para a produção dos sentidos de textos de diversos gêneros.

3 OS GÊNEROS DIGITAIS ‘NOTÍCIAS POLÍTICAS DO *BLOG RADAR ON-LINE*’ E ‘CHARGES DIGITAIS DE MAURÍCIO RICARDO’

O desenvolvimento deste capítulo tem como objetivo apresentar os gêneros digitais selecionados para análise em nossa pesquisa e evidenciar alguns de seus traços de sentido, particularidades e fenômenos linguísticos que são comuns a esses gêneros.

3.1 Notícias políticas do *blog Radar on-line*, de Lauro Jardim e equipe

Com o advento da imensa divulgação da internet, foi possível um grande aumento da participação popular nos mais diversos setores de nossa sociedade, principalmente por intermédio dos *blogs* que divulgam livre e abertamente as diversas ideologias.

Amparados nos estudos de Baronas (2011, p. 48), constatamos que o termo *blog* foi criado recentemente, originou-se a partir do neologismo *blogosfera*, que se refere não só aos textos publicados nesse suporte, como à diversidade de *links* e hipertextos que acessam outros *blogs*. Uma das características mais importantes do *blog* é sua imensa interatividade, dado que permite que seus leitores-navegadores façam comentários das notas ou notícias que são postadas nesse suporte quase simultaneamente, além de permitir sua circulação nas mais acessadas redes sociais, como *Facebook* e *Tweeter*.

Lorenzi e Pádua (2012, p. 40) afirmam que

O *blog* foi, inicialmente, idealizado como um diário virtual, que, ao longo do tempo, adquiriu diversas finalidades, pois, além do fácil espaço de escrita, o *blog* tornou-se também um ambiente que possibilita a seu usuário liberdade para produzir, reproduzir e difundir a escrita de maneira interativa.

É muito oportuno o apontamento de Miller (2012, p. 102), ancorada nos estudos de Sullivan, de que “blogar é a mais profunda revolução no mundo das publicações desde a invenção da imprensa, um desenvolvimento que permite que o povo se apodere dos meios de produção”. Mesmo não sendo o autor do *blog*, qualquer pessoa pode interagir postando seu comentário sobre o assunto ou notícia postada no *blog*. Apesar de existir um tipo de controle em que nem todos esses comentários são divulgados, podemos ver no *blog* uma possibilidade democrática de compartilhamento de informações e opiniões.

Para compreendermos melhor a respeito dos *blogs*, é necessário traçar uma trajetória desde seu surgimento até os dias de hoje. Miller (2012) em seus ensaios “Blogar como ação

social: uma análise do gênero *weblog*” e “Questões da blogosfera para a teoria do gênero⁸”, traduzidos por Judith Hoffnagel e Leonardo Mozdzenski, em muito contribuem para essa compreensão global sobre os *blogs*. Essa autora evidencia o convite que os *blogs* nos fazem a emergirmos numa tendência moderna de interação entre o público e o privado. Para ela os *blogs* são “arenas relativamente estruturadas de interação social”.

Segundo essa autora (2012), os *blogs* possuem vários ancestrais. A etimologia da palavra evidencia que *log* (registro diário) é um gênero ancestral, consiste em um detalhado registro cronológico que tem origem nas navegações marítimas. A cronologia marcada e a regularidade da atualização, que são características dos *logs*, foram repassadas para os *blogs*. Partindo dos diversos estudos sobre *blogs* citados por Miller (2012), ela aponta o diário como o gênero ancestral mais citado.

Os blogs surgiram e então multiplicaram-se exponencialmente, quando a tecnologia tornou evolutivamente possível combinar características de um conjunto de gêneros antecedentes que, em outras circunstâncias, talvez jamais produzissem uma descendência comum: o diário, o serviço de clipagem, o impresso avulso, a antologia, o livro de citações, o diário de bordo. Podemos ver o *blog* como um complexo híbrido (ou cruzamento) retórico, com marcas genéticas de todos esses gêneros anteriores. (MILLER, 2012, p. 83).

Miller (2012, p. 16) nos traz uma grande caminhada de definição, a priori, dos *blogs* como gêneros discursivos, e após alguns estudos sistematizados conclui que “o blog não é um gênero, e sim um meio, embora possa ter ocorrido que nos primeiros estágios ele tenha sido um gênero, quando gênero e meio eram indistintos”.

Os trabalhos relacionados aos gêneros nos mostram sua natureza dinâmica e evolutiva. Ao observarmos o *blog*, desde seu surgimento nos anos 1990, podemos constatar algumas mudanças que o perpassaram. Os *blogs* foram criados como uma maneira de compartilhar informações de interesse. Três características primárias podiam ser neles visualizadas: cronologicamente organizados, continham *links* para acesso de *sites* de interesse na internet e ofereciam comentários sobre esses *links*. Os primeiros blogueiros eram programadores ou designers que tinham bastante familiaridade com a *web*. (MILLER, 2012, p. 69).

Com o passar dos tempos, com a disponibilidade de diversos serviços de hospedagem de *blogs* e com a facilidade de criá-los, existem milhões deles espalhados pela rede. Miller (2012, p. 73), após ouvir vários blogueiros, menciona uma base comum compartilhada que é o formato, “todos os blogs têm postagens datadas, começando pela mais recente, e a maioria

⁸ Esses ensaios podem ser encontrados na obra “Gênero textual, agência e tecnologia”, de Carolyn R. Miller, organizada por Ângela Paiva Dionísio e Judith Hoffnagel.

inclui *links* externos [...] a cronologia reversa e o registro do horário das postagens geram uma expectativa por atualizações.” Assim, as características formais mais enfatizadas são a frequência e a brevidade.

A respeito da interatividade dos *blogs* e sua ação social, Miller (2012, p. 84) postula que

[...] o sujeito do *blog* engaja-se em uma autoexposição [...], o *blog* opera para reunir, em uma forma retórica reconhecível, as quatro funções da autoexposição: o autoesclarecimento, a validação social, o desenvolvimento de um relacionamento e o controle social.[...] O sujeito seleciona, expõe e comenta a realidade mediada da internet, tornando-se assim uma parte validada dessa realidade e definindo para si e para os outros sua própria natureza.

É interessante observar que os *blogs* como os demais suportes tecnológicos modernos permitem a utilização e circulação de uma diversidade de neologismos, como *blogar*, *twittar*, *post*, *postar*, *clicar*, *permalink*, *browser* etc. Os avanços científicos e tecnológicos imensamente disseminados pelo mundo nos permitem verificar esse fenômeno lexical. Preti (1984, p. 16) já nos evidenciava que “a linguagem técnica caracteriza-se pelo fluxo neológico incessante, devido ao próprio avanço científico. Essa expansão, não raro, projeta-se hoje, também para o léxico corrente [...]”.

Assim como a mídia eletrônica passa por mudanças rápidas e constantes, o *blog* também revela mudanças e adaptações. Miller (2012, p. 88) apresenta questionamentos relacionados a reconhecer o *blog* como gênero discursivo. Para ela, “se um gênero é um marco de recorrência, o que é que recorre especialmente numa situação de tamanha volatilidade como a internet?” As evoluções tecnológicas permitem várias mudanças, talvez seja por isso que essa autora, no decorrer de suas pesquisas, passa a ver o *blog* não como um gênero, mas como um meio. Podemos explicar esse posicionamento a que também concordamos pelo fato de que, no *blog*, outros gêneros podem ser verificados, como notícia, entrevista, fotografia, gráfico, entre outros, por isso acreditamos ser mais propício considerá-lo um meio de reprodução de gêneros.

Podemos visualizar uma crescente quantidade de *blogs* relacionados à vida política e aos negócios públicos, e estes têm sido considerados como grandes influenciadores de opiniões. Verificamos que a mídia, de um modo geral, tem um papel essencial na divulgação e produção de acontecimentos políticos. Voltando nosso olhar para esses tipos de *blogs*, concordamos com Miller (2012, p. 96), ao afirmar que “enquanto o *blog* pessoal se vale das

tecnologias de interação e conexão da internet no interesse da construção de identidades, essas mesmas capacidades têm tido outros usos, que tem a ação e mudança social como metas”.

Essa autora (2012) argumenta que apesar de existirem bem menos *blogs* políticos do que *blogs* pessoais, aqueles têm milhares de leitores diários. Por esse grande número de leitores é que escolhemos analisar, nesta pesquisa, notícias de um *blog* que divulga, entre outras, notícias de cunho político.

Denominamos **notícia política** os *posts* publicados nos *blogs* que se remetem a assuntos relacionados à política, às personalidades que atuam na esfera governamental, detentores de cargos e funções no governo.

O *blog* Radar *on-line* existe há seis anos e está hospedado no site oficial da revista *Veja*, na seção ***Blogs e Colunistas***. Apresenta notas exclusivas sobre política, negócios e entretenimento. No *site* da *Veja*, sua visualização está à direita, conforme imagem abaixo:



Ao clicarmos na seção ***Blogs e Colunistas***, aparecerá a seguinte tela:

Coluna do Augusto Nunes
Análises, vídeos, enquetes e o resgate das histórias do Brasil

Atualização: Diária [Assine o feed](#)

26/11/2012 às 16:32:23 [0](#)
» A volta da lengalenga

26/11/2012 às 16:25:07 [188](#)
» A Polícia Federal descobriu que uma Erenice do Lula chefiava o Planaltinho

26/11/2012 às 16:04:09 [0](#)
» A ordem veio de cima

26/11/2012 às 08:13:05 [28](#)
» Só de vista

Radar on-line Lauro Jardim
Notas exclusivas sobre política, negócios e entretenimento

Atualização: Diária [Assine o feed](#)

Blog Reinaldo Azevedo
Análises políticas em um dos blogs mais acessados do Brasil

Atualização: Diária [Assine o feed](#)

26/11/2012 às 17:33:08
» Deputado Pedro Henry pega pena de sete anos e dois meses; deve pegar regime semiaberto

26/11/2012 às 16:42:44
» Vai para a cadeia ou não vai? Valdemar é condenado a exatos oito anos de reclusão

26/11/2012 às 16:20:01
» Lewandowski alivia para Valdermar Costa Neto e... ganha por 5 a 4

26/11/2012 às 16:08:13
» Mensalão – Romeu Queiroz é condenado a seis anos e meio de prisão

De Nova York Caio Blinder
Civilização, direitos humanos, geopolítica e outras picuinhas

Para acessar o *blog* basta clicar na imagem destacada anteriormente. De acordo com nota sobre aniversário do *blog*, postada em 30 de outubro de 2012, conforme imagem a seguir, o *blog* Radar *on-line* é uma extensão da coluna publicada semanalmente na revista Veja, desde os anos 70, editada por Lauro Jardim, desde Janeiro de 2000. Esse *blog* iniciou suas postagens em 30 de outubro de 2006, tem a autoria de Lauro Jardim, cuja equipe é formada por Thiago Prado, Severino Motta e Gabriel Mascarenhas. Eles têm como objetivo “publicar informações exclusivas e bastidores de tudo o que for relevante”, conforme notícia postada e representada a seguir:

terça-feira, 30 de outubro de 2012

15:21 \ Diversos

Feliz aniversário

Hoje, faz seis anos que nasceu o *Radar on-line*, uma extensão da coluna publicada semanalmente em VEJA desde os anos 70 e editada por mim a partir de janeiro de 2000.

Se você teve curiosidade – e paciência – pôde ler 23 253 notas, que receberam 257 621 comentários publicáveis. Outros tantos comentários impúblicáveis foram devidamente deletados.

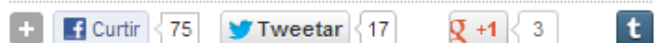
O meu compromisso (e o de Thiago Prado, Severino Motta e Gabriel Mascarenhas, que comigo formam a equipe do *Radar*) é o de publicar informações exclusivas e bastidores de tudo o que for relevante.

Da política à economia; do esporte à área cultural; do mundo dos negócios à segurança pública – tudo cabe no *Radar*, desde que seja uma informação confiável e inédita. De vez em quando, se a nota fizer o leitor sorrir, melhor ainda.

Neste mês, que ainda não acabou, a coluna alcançou o seu recorde de acessos: 1 554 699 nestes trinta dias.

Por Lauro Jardim

Tags: aniversário, Radar, Radar on-line, recorde, seis anos, VEJA



O *blog* Radar *on-line* apresenta um alto grau de interatividade, segundo a nota “Feliz Aniversário”, anteriormente representada na íntegra, as 23.253 notas ou postagens dos autores, até seu aniversário de 6 anos, em 30 de outubro de 2012, receberam 257.621 comentários publicáveis. A partir dessa informação, podemos perceber que a visualização dessa interação passa por um tipo de controle, pois alguns comentários, segundo o autor do *blog*, foram *deletados* por serem considerados impúblicáveis. Fica a nós a dúvida sobre o que, para esses jornalistas, se enquadram como “comentários impúblicáveis”.

A quantidade de acessos de mais de um milhão e meio no mês de outubro de 2012, mês de aniversário de 6 anos, e os comentários publicados a respeito dessa nota representada anteriormente, assegura que o *blog Radar on-line* constitui um meio de divulgação de informações muito acessado em nossos dias. Para evidenciar a representatividade da grande quantidade de acessos neste *blog*, apresentaremos a seguir alguns dos 74 comentários postados pelos leitores-navegadores a respeito da nota “Feliz aniversário”:

74 Comentários



ademar filho - 31/10/2012 às 16:21
Parabéns a equipe do radar.



alessandro - 31/10/2012 às 15:55
parabéns leio toda semana
adoro essa coluna



Julio - 31/10/2012 às 14:42
Parabéns! Sua coluna é leitura diária obrigatória, seja pela informação relevante, seja pela variedade de assuntos abordados!



Joe Silva - 31/10/2012 às 14:27
Esta coluna é a de um verdadeiro “insider”, com notícias que não vemos em nenhum outro lugar.
Parabéns, Lauro, isto é trabalho jornalístico de primeira grandeza.



Marco - 31/10/2012 às 13:27
Caro L. Jardim: Me esqueci de te felicitar ontem e faço hoje. Teu espaço é uma das especialidades q melhor conheço na Internet.
Abs.



Jofré Palhares - 31/10/2012 às 12:56
Parabens ao grande jornalista Lauro Jardim e sua ótima equipe!
É um prazer acompanhar essa fantástica trajetória de muito sucesso.
Abraços
Jofré



Valdir A. C. - 31/10/2012 às 12:49
Parabéns.... O Radar é nota 10. É dos meus acompanhamentos diários! Parabéns à toda equipe!!



João Marcos - 31/10/2012 às 10:07

Vida longa ao RADAR!!! P A R A B É N S !!!!! Esta equipe é fera!!!
Não passo um dia sequer sem ler Radar, aliás , o abro mais de 5 vezes ao dia e posto muitos comentários.



Djalma Lopes de Aguiar - 31/10/2012 às 8:40

Radar on Line é importante para nos manter bem informado com credibilidade e objetividade nas notícias.Parabéns do Blog de Djalma Lopes



Nilson de Simas - 31/10/2012 às 8:24

Bem! Sendo assim, parabéns.



Mari Labbate *44 Milhões* - 31/10/2012 às 8:21

Querido Lauro: ADORO AS SUAS QUENTINHAS! Parabéns à maravilhosa equipe! Beijoss...



Frank - 31/10/2012 às 12:42

Parabéns Lauro & Equipe

Sem dúvida, seu blog é de longe o mais confiável. Não se parece me nada com alguns que tem por aí que se mantêm com grandes verbas das estatais para somente falar bem do governo e "baixar o pau" no adversários. Vida longa ao blog e sem ajuda governamental.



LUG - 31/10/2012 às 12:32

PARABENS E MAIS PARABENS A VOCÊ E A TODA A SUA EQUIPE.



Sérgio Barros - 31/10/2012 às 12:23

Também acho muito boa e leio todos os dias. Quase sempre com um sorriso, exceto quando são notas sobre o desgoverno, mas aí a culpa não é da coluna, muito pelo contrário.



Jorje Junqueira - 31/10/2012 às 11:35

Muito boa. Leio todos os dias.



Popeye - 31/10/2012 às 10:26

Parabéns ao Lauro e sua equipe. Os quatro mosqueteiros da noticia.



celia salvi - 31/10/2012 às 10:22

Parabens a você e a sua equipe pelo belo trabalho. Sou leitora do blog e da revista tambem. Sucesso sempre!



carlos eduardo gil - 31/10/2012 às 10:15

Parabens pela qualidade e seriedade da informação.

Continuem com o mesmo espírito.

Vs. ajudam a entender este país.

Carlos Gil

É por esse grande número de acessos de leitores-navegadores que selecionamos as notícias políticas postadas no *blog Radar on-line* para fazerem parte do *corpus* de análise desta pesquisa, e também pelo fato de dialogarem com as charges digitais de Maurício Ricardo que selecionamos, as quais também dão destaque aos assuntos políticos.

3.2 Charges digitais de Maurício Ricardo

As charges constituem um gênero que há muito tempo têm sido veiculado pelos jornais, revistas e outros meios de comunicação e têm despertado a atenção de muitos leitores. Atualmente, elas também são divulgadas pela internet, com características um pouco diferenciadas, as quais trataremos a seguir.

Miani (2012, p. 37), estudioso que se dedica a pesquisar sobre a charge, afirma que as características da linguagem caricatural no Brasil, a partir do século XIX, na verdade, são as mesmas do gênero que hoje denominamos charge. A charge se constitui em uma modalidade de linguagem iconográfica, nesse tipo de linguagem também se inserem a caricatura, o cartum e as histórias em quadrinhos. Para ele (2012, p. 39), a charge deve ser entendida, “enquanto representação humorística, caricatural e de caráter político, satirizando um fato específico, é ‘herdeira da caricatura’; mudou de nome, mas continua a mesma em significado e função.”

Os termos charge, cartum e caricatura podem ser confundidos, porém existem diferenças a serem observadas. Segundo Cavalcanti (2008, p. 37),

[...] o cartum é uma anedota gráfica, não insere personagens reais ou fatos verídicos, entra no meio fantasioso e é mais atemporal que a charge. [...] O cartum tem espaço para a representação gráfica do imaginário. [...] Quanto à caricatura, esta é definida como um exagero proposital das características de um indivíduo. Essa caracterização é tão exagerada que se torna grotesca, cômica. É importante observarmos que a charge e a caricatura não se excluem, pois esta é elemento constituinte daquela.

A respeito das caricaturas, Miani (2012, p. 38) afirma que “a história da caricatura no Brasil já estava associada ao combate e à crítica dos costumes e da política. Era um termo genérico aplicado a todos os desenhos humorísticos, desde que desencadeasse o riso, a crítica escarnecedora e a sátira contundente”.

Segundo Oliveira (2001, p. 265), “por empréstimo do Francês, a palavra ‘charge’, significa carga, ataque”. É um gênero discursivo em que a realidade é (re)apresentada a partir de imagens e palavras. Para essa autora, os chargistas são formadores de opinião que fazem

uma leitura crítica e burlesca do mundo. Para isso, se debruçam sobre a sociedade a qual conhecem muito bem e tentam intervir na realidade, por intermédio do humor.

Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar o posicionamento ideológico que os chargistas defendem, afinal, todo texto carrega consigo a ideologia que o constitui. Esses artistas podem ser considerados cronistas de imagens, uma vez que, partindo do humor, se inscrevem como leitores do mundo e convidam seus interlocutores a partilharem suas leituras, por isso, podemos considerá-los como formadores de opiniões. Eles jogam com aquilo que pode gerar risos e trazem ao palco de seus textos as mazelas sociais, pois os personagens que neles são retratados são celebridades que representam a vida em sociedade. Por isso, “o desfile de presidentes, ministros – figuras representativas de um grupo social – serve para pôr a nu os erros e os desmazelos desses ‘heróis’”. (OLIVEIRA, 2001, p. 266).

Miani (2012, p. 39) conceitua a charge como uma

[...] representação humorística de caráter eminentemente político que satiriza um fato ou indivíduo específicos; ela é a revelação e defesa de uma ideia, portanto de natureza dissertativa, traduzida a partir dos recursos e da técnica da ilustração. Outro elemento importante a destacar é a efemeridade da charge, que geralmente é esquecida quando o acontecimento a que se refere se apaga de nossa memória individual ou social (porém, ela permanece viva enquanto memória histórica).

É importante ressaltar que as caricaturas presentes nesse gênero já existiam em um passado bem distante que podiam ser vistas em objetos entalhados. De acordo com Oliveira (2001, p. 265),

No Brasil, a charge surge, como tal, da junção da caricatura com a sátira, no final do séc. XVIII e início do séc. XIX. Como qualquer discurso fundado na linha do humor, os textos de charge ganham mais força expressiva quando a sociedade enfrenta momentos de crise, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica num texto aparentemente desprezioso. Os ventos da censura e da liberdade de expressão mudaram o rumo desses textos ao longo dos anos.

Miani (2012, p. 37) analisa a “condição ideológica e persuasiva da charge enquanto estratégia comunicativa nos mais diversos contextos sociopolíticos”. Para ele, a charge tem esse poder de persuasão, de levar a definições políticas e ideológicas do leitor, por meio da sedução gerada pelo humor, além de poder culminar em um processo de mobilização. Sua popularização ocorreu por meio de jornais e periódicos que a utilizavam para estimular o consumo desses meios de comunicação, porém ganhou mais espaço devido a sua caracterização como material de opinião que revela aspectos concretos de uma determinada época histórica.

Em conformidade com Caruso (1997), em entrevista dada ao Leia Brasil:

Na charge, o Brasil registra um alto nível de qualidade, confirmando e ampliando a sua tradição de país com excelentes desenhistas. No passado mais recente, merece destaque o trabalho de Henfil, definindo-se, sobretudo, pela intensa crítica à situação político-social do país durante o período da ditadura militar. Na primeira metade do século XX, cabe ressaltar o humor delicado e sutil das caricaturas de J. Carlos - como as das melindrosas e dos almofadinhas -, que captam o espírito e os costumes de uma época e de um Rio de Janeiro que já não existem mais. Atualmente, os principais jornais e revistas do Brasil publicam charges, cartuns e caricaturas de artistas do porte de Lan, Ique, Millör, Cláudio Paiva e os irmãos Paulo e Chico Caruso, cada um deles dotado de um estilo personalíssimo e uma visão de mundo inconfundível.

Ainda de acordo com Caruso (1997), os chargistas possuem habilidades específicas e o domínio de algumas técnicas. Para o chargista desenvolver bem o seu trabalho, ele necessita ter um grande poder de síntese, demonstrando, assim, um olhar atento e reflexivo sobre a realidade que o cerca. Esse profissional ou artista precisa ter “capacidade de captar o traço essencial da situação ou personagem caricaturizados, de maneira que o leitor possa identificá-los e reconhecê-los prontamente”. Para isso, ele deve ter uma sensibilidade aguçada para não perder de vista cada um dos detalhes e conseguir repassar a realidade social.

Dessa forma, constatamos que as charges expressam o retrato da realidade e levam à propagação e reconhecimento das diversas identidades tanto de políticos como de celebridades nacionais. Assim sendo, segundo Caruso (1997),

[...] um caricaturista é, antes de tudo, *um leitor*, em todos os sentidos da palavra. Precisa ler, *extensiva e intensivamente*, jornais, revistas, livros, fotos, mas também expressões, tiques e obsessões das principais personalidades responsáveis pelo destino político, econômico e cultural do país e do mundo, além de procurar captar uma gama infinita de sensibilidades, anseios, revoltas e sentimentos afins, expressos no viver cotidiano de nossa população. [...] A referência ao Brasil e às questões nacionais é uma das marcas mais significativas dos nossos chargistas e caricaturistas, contribuindo de maneira significativa para a construção da identidade nacional. [...] Assim, podemos dizer que, através do trabalho crítico, irônico e por vezes lírico dos nossos chargistas e cartunistas, vai-se revelando aos poucos um retrato multifacetado do Brasil, rosto sempre em movimento, como o traço fino, preciso e sensível dos artistas que o re-criam.

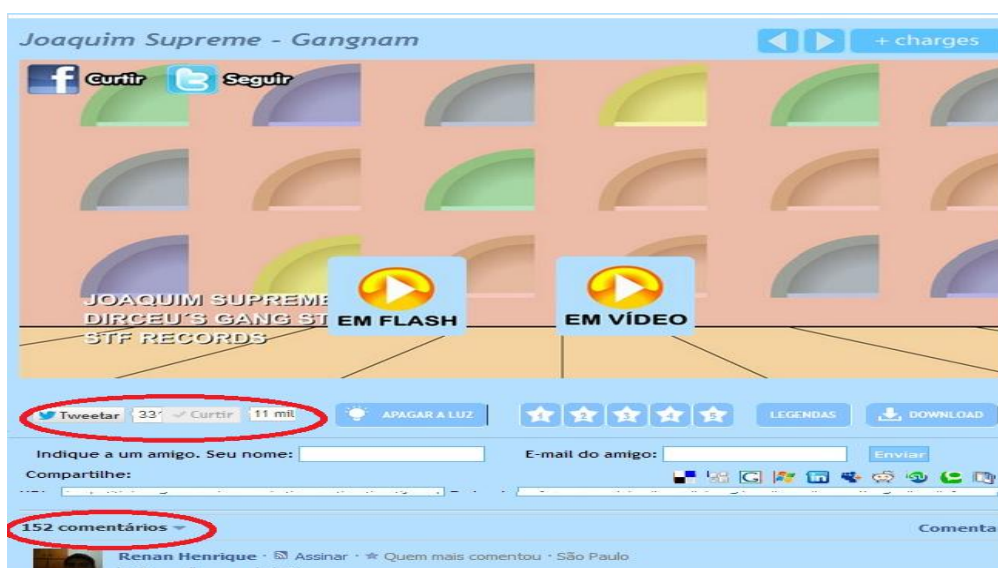
Os chargistas levam seus interlocutores a refletirem sobre o momento histórico, social, político e cultural que vive a comunidade social a qual se situam. É salutar que esses artistas tenham um olhar crítico frente à realidade, ironizem, trabalhem com os detalhes físicos dos personagens. Nesse sentido, Oliveira (2001, p. 266) relata que “os textos chargísticos constituem, por isso, um vasto material de memória social, sem a qual não poderia existir a História, que só se constitui pelo discurso [...] numa época bem datada, um conjunto de

charges tem a força da narratividade”. Diante disso, as charges podem ser consideradas um vasto material em que a História da sociedade pode ser lida e interpretada.

Parte do *corpus* coletado para o desenvolvimento desta pesquisa são as charges digitais, que, partindo das teorias anteriormente expostas, caracterizamos como gênero digital, pois nos levam a verificar a linguagem numa dada situação comunicativa em que predomina a mediação da linguagem e da tecnologia digital.

As charges digitais que utilizaremos nesta pesquisa são criadas e hospedadas no *site* www.charges.com.br pelo jornalista e chargista Maurício Ricardo Quirino, que é considerado o principal representante desse gênero no Brasil. Ressaltamos que o que intensificou nosso interesse por esse gênero e levou-nos a selecioná-lo foi o fato de que essas charges são muito assistidas e comentadas por pessoas de diversas idades, principalmente, pelos jovens e adolescentes que frequentam nossas escolas.

Com relação à interação promovida por esse gênero, essas charges possuem em sua visualização a quantidade de usuários que as curtiram pelo *facebook*, bem como a quantidade dos que a *tweetaram* por intermédio da rede social *Tweeter*, além de várias outras redes sociais. A maioria delas apresenta grande número de aprovação por seus leitores-navegadores, que pode ser verificado em sua disseminação nos diversos perfis das redes sociais mais acessadas atualmente. A imagem da charge digital “Joaquim Supreme – Gangnam”, de Maurício Ricardo, do dia 20/09/2012, representada a seguir, nos mostra bem essa questão interativa das charges. Essa charge foi grandemente disseminada nas redes sociais, a imagem nos mostra que aproximadamente 11.000 leitores-navegadores a curtiram no *facebook*, mais de 330 a *twittaram* e obteve 152 comentários:



Cada uma dessas charges, individualmente, pode ser considerada um documento digital. As charges digitais podem ser visualizadas a partir de seu *site*, bem como pode se efetuar um *download* de seu arquivo para que possam ser visualizadas por qualquer suporte digital, mesmo que não esteja conectado na grande rede: a internet; ainda, podem ser encaminhadas para que outros usuários possam visualizá-las em outros computadores, celulares, *netbooks*, *notebooks*, entre outras tecnologias que estão se disseminando tão rapidamente em nosso mundo contemporâneo.

Tendo em vista o avanço das novas tecnologias e as grandes possibilidades de interação por meio da linguagem verbal e não verbal, concordamos com Machado (2002) ao afirmar que “a cultura audiovisual abriu um campo de possibilidades comunicativas fora da palavra, como as linguagens mediadas por meios sensoriais (sonoros, visuais e particularmente, de reprodução do movimento no espaço)”.

Nas charges digitais, podemos verificar o quanto a linguagem não verbal aliada à linguagem verbal pode trazer ótimos resultados no que se refere à produção de sentidos. Os estímulos visuais e as imagens oferecidas pela internet e pelas novas tecnologias fazem com que essas charges sejam mais interessantes e estimulantes para seus leitores. Mediante tais fatos, acreditamos que as charges apresentadas na internet, cujas características são signos verbais aliados a sons, imagens e movimentos, fazem parte de um gênero que pode propiciar uma análise produtiva quanto aos aspectos linguístico-discursivos, tomando como pressuposto teórico bakhtiniano a língua como produto histórico, social e cultural.

Dessa maneira, podemos visualizar nas charges digitais as seguintes características:

Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. A linguagem dos novos gêneros torna-se cada vez mais plástica, assemelhando-se a uma coreografia. (MARCUSCHI, 2002, p.22).

É interessante observar como as palavras aliadas aos gestos, à entonação, às imagens, às formas em movimento e ao som se complementam originando os sentidos das charges. Cada um desses aspectos deve ser analisado para que a produção dos sentidos seja efetivada.

É característica das charges apresentarem uma visão de mundo intercalada com a sátira, o humor, a ironia e a ambiguidade e, se seus leitores não estão informados quanto ao que acontece no dia-a-dia, dificilmente, compreenderão a charge ou identificarão o humor ou a ironia presente, elementos esses que as tornam mais atrativas e interessantes. Afinal de contas, quem é que não gosta de um pouco de humor? O humor traz motivação para a leitura e

para buscar os sentidos implícitos que podem ser identificados numa leitura mais crítica da realidade.

Por suas diversas facetas e possibilidades de uso em sala de aula, podemos destacar a questão da interdisciplinaridade que tem sido muito comentada nos atuais estudos sobre o ensino. Conforme Bidarra e Reis (2013, p. 161), “a própria construção das charges se faz por meio interdisciplinar, uma vez que são necessários conceitos de artes, literatura, história, física, geografia, sociologia e filosofia”.

As charges digitais promovem uma crítica social por meio do humor. Esse tipo de charge instaura um novo suporte material e, conseqüentemente, verifica-se uma mudança em seu modo de circulação. A leitura de comentários enviados por leitores-navegadores nos leva a constatar a assiduidade de visitantes que se divertem e se informam nesse espaço eletrônico.

Assim como as piadas analisadas por Possenti (2002, p.26), podemos evidenciar que as charges digitais são interessantes pelo fato de que quase sempre são veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não-oficial, não veiculado explicitamente. Da mesma forma, como nas piadas, as charges veiculam, além do sentido mais apreensível, uma ideologia subjacente, um implícito ironizador. (POSSENTI, 2002, p. 38).

3.3 Algumas particularidades e traços de sentido dos gêneros digitais selecionados

Procuraremos expor, em seguida, algumas particularidades, fenômenos linguísticos e traços de sentido que podem ser verificados tanto nas charges digitais de Maurício Ricardo como nas notícias políticas do *blog* Radar *on-line*, que são: ironia, humor, ambigüidade, dialogismo e polifonia, carnavalização do discurso, linguagem verbal e não verbal: imagens e sons. Ressaltamos que os traços de sentido desses gêneros não serão explorados à exaustão.

3.3.1 Ironia

Um dos fenômenos observados tanto nas charges digitais como nas notícias políticas do *blog* Radar *on-line* que mais nos despertam é a ironia, que faz com que um enunciado seja adornado por jogos de palavras e de imagens que o tornam mais interessante. Para que a ironia seja percebida em qualquer situação comunicativa, é necessário que haja uma efetiva produção de sentidos, sem a compreensão e interpretação de qualquer texto não há como

identificar esse fenômeno. No entanto, em alguns casos, a ironia gera ambiguidade, podendo, também, ser reconhecida pelos leitores e produtores de sentidos.

A ironia, em muitos casos, não é facilmente reconhecida. Para Maingueneau (1997, p. 99) “a ironia é um fenômeno sutil, passível de análises divergentes e cuja extensão é difícil de circunscrever, por menos que nos afastemos de exemplos simples”. Acreditamos que esse fenômeno pode ser considerado como uma forma sutil e disfarçada do enunciador expressar aquilo que sente e que, geralmente, não expressa abertamente por diversos motivos.

Brait (2008, p. 16) afirma que

[...] a ironia será considerada como estratégia de linguagem que, participando da constituição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia, ainda que essa polifonia não signifique, necessariamente, a democratização dos valores veiculados ou criados.

A ironia pode ser considerada um elemento estruturador de um texto, a qual tem como força motriz e consequência a capacidade de gerar risos. A interdiscursividade irônica faz com que determinados aspectos sociais, culturais e estéticos sejam evidenciados. Reconhecer esse elemento denominado ironia e sua significação em qualquer texto exige uma “perspicácia do destinatário”. (BRAIT, 2008, p. 17).

Quanto às normas da coerência de um enunciado, consideramos interessante o ponto de vista de Maingueneau (1997, p. 100):

O interesse estratégico da ironia reside no fato de que ela permite ao locutor escapar às normas da coerência que toda argumentação impõe: o autor de uma enunciação irônica produz um enunciado que possui, a um só tempo, dois valores contraditórios, sem, no entanto, ser submetido às sanções que isto deveria acarretar. A ironia parece, então, uma armadilha que permite frustrar o assujeitamento dos enunciadores às regras da racionalidade e da conveniência públicas.

Especialmente nas charges digitais, podemos visualizar a ironia funcionando, estrategicamente, lado a lado com o humor. Primordialmente, ela ocorre para que esse gênero seja interessante e para que provoque risos no momento da produção de sentidos. A ironia não aparece nesses gêneros digitais de forma aleatória e desinteressada e no momento das análises poderemos identificá-la melhor.

3.3.2 Humor

Uma definição precisa sobre humor é um tanto complexa, quando nos lembramos de humor, já nos vêm à mente risos, alegrias, descontração. Martins (1994, p. 7) o define como:

[...] atividade do intelecto, capaz de caminhar lado a lado com o pensamento mais profundo e de servir-se das articulações lógicas para se expressar. Algum destilado especial das emoções e dos sentimentos, e que aflora e contagia da mesma maneira que a tristeza, o olhar de carinho ou a ira. Reação fisiológica acoplada a imagens e situações que nos dão um novo insight dos fatos corriqueiros. Uma descarga de tensão que nos descontra, revela e põe em comunhão com os outros.

É muito comum assistirmos a uma cena de reação de risos e descontração de quem assiste, ouve e lê uma charge digital. Essa reação é praticamente involuntária e é causada pelo humor característico nesse gênero. De acordo com Gil (2011, p. 13), “o humorista é aquele que capta as contradições, sublinha os conflitos, surpreende na seriedade das coisas o traço cômico do ridículo”. Em tempos de tantas tristezas, nada melhor e mais estimulante do que produzir sentidos de um texto altamente humorístico como as charges animadas e um texto dosadamente temperado com humor como as notícias políticas do *blog Radar on-line*, afinal de contas, o humor

[...] tem o dom de introduzir nova ordem onde um ritmo pouco vital se instalou, e o riso é uma reação a um estímulo cômico que se origina e se expressa de várias formas. Pode-se começar a compreender o humor por aí, pois as várias facetas do risível estão intimamente ligadas à concepção que o ser humano tem do mundo e de si mesmo. Mas seu poder mais central é o de trazer o novo, a esperança, diante de fatores que a vida nos apresenta como imutáveis. O humor é um aliado de poder de toda pessoa que sente que o mundo está em processo. A imaginação pode convocá-lo como mágica, se lhe concedermos espaço. (MARTINS, 1994, contracapa.)

O humor não se realiza quando o leitor de qualquer texto não o compreende efetivamente. Caso haja uma quantidade de conhecimentos não partilhados entre locutor e interlocutor, certamente, não haverá compreensão do texto e do humor ali presente.

Para Possenti (2002, p. 38), “o que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais”.

Brait (2008, p. 15) apresenta considerações importantes sobre o humor ao relatar que

[...] as formas de construção, manifestação e representação do humor, configurado ou não pela ironia, podem auxiliar o desvendamento de momentos ou aspectos de uma dada cultura, de uma dada sociedade. O deslindamento de valores sociais,

culturais, morais ou de qualquer outra espécie parece fazer parte da natureza significativa do humor. Assim sendo, uma manifestação humorística tanto pode revelar a agressão a instituições vigentes, quanto aspectos encobertos por discursos oficiais, cristalizados ou tidos como sérios.

Nesse sentido, podemos visualizar, especificamente nas charges, essa agressão a instituições e a personalidades que serão analisadas posteriormente nesse gênero. As charges estão repletas de palavras com duplo sentido, e, isso, geralmente, nos faz rir, mas não é somente o duplo sentido da palavra que causa humor nas charges, mas também os desenhos e os sons que se aliam para tal, além de que as palavras têm outros humores além do duplo sentido. Para Possenti (2002, p.126), “fazer humor é basicamente produzir um equívoco, ou melhor, desnudar um equívoco possível”.

Para produzir humor, em qualquer situação, é necessário usar as palavras tecnicamente. Conforme Possenti (2002, p. 125), “o humorista L.F. Veríssimo insiste em dizer que não é pessoalmente engraçado, o que provavelmente é verdadeiro, e que faz humor porque isso é apenas uma questão de técnica, o que talvez seja simplificar demasiadamente as coisas”.

Com relação às notícias políticas postadas no *blog* Radar *on-line* por Lauro Jardim e sua equipe, também podemos visualizar uma boa dose de humor. Nas próprias palavras de Lauro Jardim numa notícia intitulada “Feliz Aniversário”, postada no dia 30 de outubro de 2012, ele afirma que “de vez em quando, se a nota fizer o leitor sorrir, melhor ainda”.

Apesar de ser um ótimo ingrediente para os gêneros aqui analisados, o humor carrega certa dose de veneno, pois apesar de, algumas vezes, provocar criticidade no leitor, ele pode também ser perigoso no sentido de que pode mascarar a realidade. Afinal nunca se diz nada apenas por dizer, o simples fato de dizer já revela algo. A mídia utiliza a reiteração de ideias, que, de certa forma, acaba levando o leitor a concordar com o que se diz e acatar aquilo que é um aparente consenso causado pelo riso. (GREGOLIN, 2007a, p. 23).

Nessa perspectiva, Gregolin (2007a, p.23) evidencia que

Essa é uma das funções do humor, pois o riso entorpece. Para haver a possibilidade da discordância é preciso levantar esse véu das evidências, conseguir localizar de onde vem aquilo que nos faz rir. A possibilidade da subversão só pode vir, portanto, da interpretação polêmica que, diante da ilusória transparência da linguagem, pergunta pelos seus pressupostos.

O humor pode ser uma pista na direção da produção dos efeitos de sentidos de um texto e deve ser criticamente analisado nos textos em que aparece. Brait (2008, p. 13) ressalta o “humor como categoria ampla, ainda que objetivado como traço de linguagem revelador de um ponto de vista, um olhar sobre o mundo, que requer, tanto do produtor quanto do

destinatário, uma competência discursiva especial”. Por isso, consideramos muito relevante o trabalho com textos humorísticos em sala de aula para desenvolver em nossos alunos essa competência discursiva especial e, segundo Gil (2011, p. 20), “trabalhar com a perspicácia do aluno”. Essa autora (2011, p. 19) afirma que “o elemento linguístico extraído de uma narrativa humorística oferece-se, assim, no ensino da Língua Portuguesa como um valor de alta motivação para o estudante, possibilitando-lhe natural assimilação e, conseqüentemente, fácil aprendizagem”.

3.3.3 Ambiguidade

A ambiguidade é um fenômeno linguístico que se caracteriza por enunciados que admitem interpretações (leituras) alternativas. Segundo Ilari e Geraldi (1995, p. 57), “a homonímia é frequentemente a raiz de uma ambiguidade ou dupla leitura de frases”.

Acerca do fenômeno da ambiguidade, Cáccamo (1988) afirma que

[...] a linguagem possui um defeito irresistível que é a nossa arma e a nossa perdição: confere um falso sentimento de certeza. Em realidade as palavras, supostas representações de conceitos, situam-se em pontos diversos dum imaginário espaço sem fronteiras. Mesmo é freqüente que uma palavra ocupe mais dum lugar figurado simultaneamente. [...] Resolver a contradição duma palavra equivale a resolver o conflito que supostamente reside nela.

Poeticamente, Hatherly (2005) define a ambiguidade como “a arte do suspenso. Tudo o que está suspenso suspende ou equilibra. Ou instabiliza. Mas tudo é instável ou está suspenso. Pelo menos ainda. Ainda é uma questão de tempo”.

Brait (2008, p. 23) define a “ambiguidade como traço inerente ao funcionamento da linguagem”. Essa autora (2008, p. 24) aponta que alguns filósofos tratam a ambiguidade como “configuração do riso, do humor, do cômico e da ironia”. Por isso, a linguagem em seu funcionamento nos faz conferir esse fenômeno importante na produção dos diversos sentidos dos textos.

Para compreendermos a ambiguidade, é necessário analisarmos minuciosamente cada palavra ou expressão do enunciado, observando as palavras homógrafas e homônimas, a estrutura sintática e as condições de produção do discurso. Nos gêneros digitais analisados nesta pesquisa, geralmente a ambiguidade é estrategicamente utilizada para gerar humor.

3.3.4 Dialogismo e Polifonia

Seguindo as sugestões e definições de Bakhtin, grande estudioso da linguagem e um dos precursores dos estudos linguísticos atuais, acreditamos que “o princípio dialógico permeia a concepção de linguagem e, quem sabe, de mundo, de vida [...]. O dialogismo é a condição do sentido do discurso”. (BARROS, 1994, p.2).

Nessa perspectiva, Faraco (2001, p. 27) evidencia “a *multivocalidade* como marca característica dos discursos, no sentido de que os enunciados de cada discurso têm um percurso que faz com que carreguem à memória de outros discursos”. Assim, um texto retoma outro texto, um discurso retoma outro discurso. De acordo com Barros (1994, p.5), a polifonia atinge seu ápice da seguinte forma: “as vozes que dialogam e polemizam “olham” de posições sociais e ideológicas diferentes, e o discurso se constrói no cruzamento dos pontos de vista”.

Nessa perspectiva, Cardoso (1999, p. 25) afirma que:

[...] o dialogismo, que é, para Bakhtin, a condição de existência do discurso é duplo: ao mesmo tempo que é lei do discurso constituir-se sempre de “já-ditos” de outros discursos, o discurso não existe, independentemente, daquele a quem é endereçado, o que implica que a visão do destinatário é incorporada e determinante no processo de produção do discurso.

Assim, ocorre nas charges digitais de Maurício Ricardo e nas notícias políticas postadas no *blog Radar on-line*, nas quais podemos “ouvir” várias vozes. Principalmente as charges políticas em que, geralmente, há um entrecruzamento de vozes do discurso de um representante máximo da população com as diversas vozes do povo do país. Para compreender essas charges, é necessário recorrermos a essas diversas vozes que aparecem nos enunciados.

Os autores desses gêneros certamente utilizam esse intercalar de vozes, a priori, inconscientemente, pelo fato de que o dialogismo é constitutivo da linguagem. E, a partir do momento que torna conhecedor de tal fato, pode utilizá-lo com o intuito de persuadir e conquistar aqueles que serão seus enunciatários, afinal, a visão do destinatário desses gêneros é incorporada e é determinante na produção do discurso e na produção dos sentidos.

Ao refletirmos sobre o dialogismo constitutivo da linguagem, vem-nos a mente um belo poema de João Cabral de Melo no qual ele representa metaforicamente exatamente o que ocorre nos discursos quanto à variedade de vozes existentes:

Um galo sozinho não tece uma manhã
 Ele precisará sempre de outros galos
 De um que apanhe um grito que ele
 E o lance a outro; de um outro galo
 Que apanhe um grito que um galo antes
 E o lance a outro; e de outros galos
 Que com muitos outros galos se cruzem
 Os fios do sul de seus gritos de galo,
 Para que a manhã, desde uma teia tênue,
 Se vá tecendo, entre todos os galos

As charges digitais e as notícias políticas postadas no *blog* Radar *on-line* dialogam entre si, na medida em que essas retomam vários outros textos, principalmente aquilo que é notícia no momento em que esses gêneros são criados. Se assistirmos aos noticiários da TV e lermos as principais revistas que circulam em nosso país, poderemos já deduzir qual é o tema da charge do dia e das notícias postadas no *blog*, ou seja, há um grande diálogo entre esses gêneros digitais e as notícias atuais.

Para exemplificar melhor esse diálogo estabelecido entre os diversos gêneros, apresentaremos, a seguir, a imagem de uma charge digital de Maurício Ricardo, intitulada “Dilma canta – Glamurosa”, do dia 24/08/2012, na qual podemos retomar explicitamente uma capa da Revista Forbes, que traz o ranking anual das 100 mulheres mais poderosas do mundo e apresenta uma entrevista com a atual presidente Dilma.



Dilma na capa da "Forbes" (Foto: Reprodução)

(<http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/08/dilma-e-capa-da-revista-forbes-e.html>)



(QUIRINO, 2012)

Essa charge digital remete o leitor/ouvinte, como já mencionamos, a essa capa da revista, que a nosso ver, inspira a criação da charge digital e com ela dialoga. Nessa charge digital de Maurício Ricardo há uma paródia em que a representação de Dilma, atual presidente da República, canta e dança um *funk*, de MC Marcinho, na qual ela se apresenta como a terceira mulher mais poderosa do mundo, ganhando de outras grandes e famosas personalidades femininas do mundo inteiro. Por seu grandioso reconhecimento numa revista tão conhecida, a representação de Dilma, nessa paródia, enuncia à representação do ex-presidente Lula que será reeleito em 2014 e que ele não terá nenhuma chance, no entanto, garante a ele emprego em sua segunda gestão.

É salutar mencionar que o chargista, na tela inicial da charge, quando apresenta o destaque da letra “A”, em tamanho maior no final da palavra “PresidentA”, retoma o fato de que Dilma fez e faz questão de ser chamada de presidenta, evidenciando, assim, sua personalidade forte e marcante. O destaque do “A” feito pelo chargista marca seu posicionamento enunciativo polêmico em relação ao de Dilma. Isso foi muito comentado, causou e ainda provoca muita polêmica em todo país. Há aqueles que concordam com ela, acreditando que por ser a primeira a ocupar esse cargo de grande relevância e visibilidade no país, nossa língua deveria atender a essa necessidade e se adequar, de modo que todos a denominem “Presidenta”. No entanto, muitos, considerados mais conservadores da língua, criticam essa atitude de se autodenominar presidenta, crendo que por ocupar um cargo tão

importante não deveria transgredir as normas da Língua Portuguesa, até porque existem outras mulheres que ocupam esse cargo em outros países e, geralmente, não são chamadas de presidentas aqui no Brasil, como é o caso da Cristina Kirchner, atual presidente da Argentina. Tudo isso revela que a charge, nesse caso, apenas por meio do aspecto visual, consegue resgatar temas polêmicos e mais discutidos na sociedade em um tempo determinado, deixando claro seu caráter interdiscursivo e dialógico.

3.3.5 Carnavalização do discurso

A carnavalização do discurso parte do princípio de que se pode abolir algumas regras do dito ou expresso e, em outras palavras, o mundo é colocado ao avesso. Podemos citar as charges digitais como propagadora de um discurso avesso, ou seja, de uma carnavalização da linguagem, onde tudo se torna mais *light*.

Discini (2006, p. 84) registra a carnavalização “como movimento de desestabilização, subversão e ruptura em relação ao ‘mundo oficial’”. Essa autora constata que a carnavalização é uma categoria que pode ser verificada e analisada nos textos de qualquer época. Ela demonstra a observação dessa categoria apoiada em duas obras de Bakhtin, que são voltadas para a questão do carnaval e do carnavalesco: *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* e *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Barros (1994, p.7) afirma que, por intermédio da carnavalização, “se reformula o mundo pelo discurso, vê-se a realidade sob novos prismas, refaz-se o “real”.

Assim, podemos constatar essa categoria nos gêneros digitais selecionados para esta pesquisa, sobretudo nas charges digitais, que permitem a visualização da realidade sob novos prismas, a permissão para brincar com fatos e personagens.

Expressar mais abertamente e mais livremente é uma das vantagens do gênero charge digital. Geralmente, em outros gêneros como nas notícias políticas do *blog Radar on-line*, se isso ocorre, é de forma mais amena. Há uma certa censura nos demais gêneros, como por exemplo, os jornais divulgam as notícias e até fazem alguns comentários críticos, no entanto, nas charges digitais, essa notícia é muito mais aprofundada, no sentido de ser um gênero em que é permitido, muito mais que nos demais, brincar com as palavras e imagens, ironizar, ser ambíguo, provocar risos, fazer uso da carnavalização da linguagem.

3.3.6 Linguagem verbal e não verbal: imagens e sons

Não são somente as palavras que dão sentido aos gêneros analisados, mas sim um intercalar entre linguagem verbal e não verbal, ou seja, as imagens e os sons também geram o sentido das charges e no caso das notícias postadas no *blog*, a imagem também contribui para a produção de sentidos, pois “imagem e discurso têm em comum a união indissolúvel de expressão e conteúdo. [...] Uma imagem vale mil palavras”. (NEIVA, 1994, p. 10).

A imagem tem o poder de suscitar, fazer despertar, do nosso mais íntimo interior, experiências e significados, os quais contribuirão para a produção dos sentidos dos gêneros, principalmente, das charges. As sensações, no momento de recepçarmos uma imagem, despertam experiências sensíveis e culturais, individuais e coletivas. (FERRARA, 1997, p.24).

A imagem representa, leva-nos a inferir e tem a capacidade de referência e, por ter essa capacidade, podemos ler as imagens. Além do mais, podemos determinar uma leitura visual pela posição do olhar. Para Ferrara (1997, p. 26), “a leitura não-verbal é uma maneira peculiar de ler: visão/leitura, espécie de olhar tátil, multi-sensível, sinestésico”.

Os sons como as músicas que fazem fundo das charges e os que representam a entonação das falas, as hesitações e truncamentos também complementam os seus sentidos. Todos os aspectos relacionados à percepção humana aumentam ainda mais a capacidade de representação de um gênero.

Em conformidade com Ferrara (1997, p.16), podemos nos atentar para o texto não verbal como um texto que não apresenta um sentido que se impõe, mas sim, sentidos que podem ser produzidos numa simultaneidade. Para essa autora (1997, p. 19), “o não-verbal não é exclusivamente visual ou sonoro, mas é, sobretudo, plurissígnico”.

3.3.7 Acontecimento discursivo

Para compreendermos melhor como os discursos funcionam, sobretudo, na mídia e nos gêneros digitais selecionados para análise nesta pesquisa, consideramos relevante mencionarmos sobre o acontecimento discursivo.

Para Pêcheux (2006, p. 17), “o acontecimento é o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, em outras palavras, pode ser observado como uma inter-relação entre um fato e o modo como é percebido, circulado e retomado.

É salutar traçarmos algumas considerações sobre acontecimento histórico, acontecimento jornalístico e acontecimento discursivo. Para que o acontecimento seja considerado histórico, Rassi (2012, p. 44) pontua que “o fato deve ser suficientemente significativo para ser lembrado ou ser registrado em livros, fazendo parte da história de um povo, de uma sociedade, uma comunidade, como reflexo da cultura”. Desse modo, como o acontecimento será significativo para, pelo menos, alguém, todos os acontecimentos deveriam ser considerados históricos, no entanto, Rassi (2012, p. 44) nos alerta para o fato de que

[...] nem todo acontecimento pode ser considerado histórico, pois aquilo que se torna de fato *acontecimento histórico* é sempre resultado de uma seleção feita pelo historiador. Em outras palavras, considera-se que nenhum acontecimento é histórico por natureza; faz-se necessário o discurso para reconstruí-lo como tal e estabelecer o seu sentido, que só ganha existência no interior de uma série.

Na perspectiva discursiva, segundo Dela-Silva (2008, p. 15), o “acontecimento histórico enquanto acontecimento da ordem da realidade, das práticas humanas, pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentidos diversos”. É nessa relação que podemos retomar os gêneros digitais selecionados para esta pesquisa - notícias políticas do *blog Radar on-line* e charges digitais -, considerando que, por meio de cada um deles, a mídia discursiviza determinados fatos de maneira diferenciada e produz diferentes efeitos de sentidos partindo de um mesmo acontecimento.

Dela-Silva (2008, p. 15) traz a concepção de acontecimento jornalístico como “um fato de interesse público”. No entanto, essa autora (2008, p. 15) afirma que

Enquanto linguagem, o dizer jornalístico não traz consigo o fato, mas um gesto de interpretação do mesmo. A imprensa, mais que simplesmente narrar acontecimentos e servir de suporte para tais narrações, produz sentidos para os acontecimentos que eleger como de destaque em um momento dado.

Nessa perspectiva, Dela-Silva (2008, p.17) afirma que “o acontecimento discursivo pressupõe, assim, a relação entre dizeres que, ao se cruzarem, tendem a promover rupturas, ainda que um novo dizer, por princípio, seja formulado a partir das possibilidades que este dizer encerra.”

Pêcheux (2006) em sua obra “O discurso: estrutura ou acontecimento” analisa o enunciado “**On a gagné**”, que significa “Ganhamos”, o qual foi repetido diversas vezes no dia 10 de maio de 1981, na Praça da Bastilha em Paris, após ter sido declarada a vitória da esquerda francesa nas eleições presidenciais daquele ano. A respeito dessa análise, Baronas e Aguiar (2009, p. 168) apontam que “o campo político ao ser trabalhado pela mídia é encaminhado na direção da negação do equívoco, ou seja, a mídia ao dar a circular este

enunciado como se fosse logicamente estabilizado, gerencia, nega a possibilidade de os sentidos serem outros”.

Portanto, podemos verificar no decorrer das análises dos gêneros digitais que o autor das notícias políticas discursiviza o acontecimento de maneira diferenciada do chargista. Os autores desses gêneros promovem diversos efeitos de sentidos partindo de um mesmo acontecimento em que o discurso político é midiaticado e veiculado às massas, porém, ambos apresentam um direcionamento de sentidos, contrariando o que Pêcheux (2006, p.53) afirma relacionado ao equívoco da língua:

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação.

Para finalizar este capítulo, acreditamos que os traços de sentido e particularidades dos gêneros digitais analisados nesta pesquisa- notícias políticas do *blog Radar on-line* e charges digitais - anteriormente mencionados, são bastante significativos para o aluno, atrativos e propícios para a utilização em sala de aula no ensino de linguagens.

4 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS POLÍTICAS DO *BLOG RADAR ON-LINE* E DAS CHARGES DIGITAIS DE MAURÍCIO RICARDO

Neste capítulo apresentaremos as análises dos gêneros digitais selecionados, abordando o diálogo estabelecido entre eles e como essa articulação de gêneros digitais em sala de aula e a produção de seus diversos sentidos pode ser um trabalho produtivo no ensino de linguagens.

Inicialmente, propomos a análise do gênero digital notícia, que denominamos **notícia política** pelo fato de que as selecionadas para esta pesquisa se relacionam com assuntos políticos, extraídas do *blog* jornalístico Radar *on-line* e, em seguida, a análise da charge digital do *site* www.charges.com.br. Essa sequência se justifica pelo fato de que acreditamos que a notícia de fatos relacionados à política deve ser analisada, primeiramente, por ter o domínio da linguagem verbal, colocando em evidência todos seus aspectos linguísticos e extralinguísticos relevantes à produção de sentidos para que, em seguida, como forma diferenciada de representar o mesmo acontecimento, seja apresentada a charge digital, para mostrar as diversas formas que uma mesma temática pode ser trabalhada em sala de aula, com gêneros diferentes e extremamente estimulantes. A utilização da charge digital propõe uma análise de como o discurso pode ser carnavalizado e exposto de uma maneira muito mais dinâmica e humorística.

Nosso principal objetivo para motivar a utilização desses dois gêneros em sala de aula é para que os alunos tenham uma atitude crítica-reflexiva diante desses textos tão divulgados em nosso mundo altamente interconectado e produzam os efeitos de sentidos que eles possibilitam, bem como identifiquem as visões de mundo que os perpassam.

Trazemos à baila um novo elemento: a **mídia**, que tem papel fundamental na divulgação desses gêneros e na maneira como manipula a sociedade a produzir alguns sentidos. Com relação à importância da mídia para os estudos discursivos em nossos dias, Baronas (2011, p. 31) argumenta que

[...] há trinta anos bastava apreender o discurso como um imbrincamento de um texto e de um lugar social; atualmente, na sociedade multimidiática em que vivemos, é preciso, além disso, compreender, por exemplo, o papel, a natureza e a função da mídia na produção, circulação e recepção dos discursos.

Apesar de existir um mito que propaga a ideia de neutralidade da mídia, sabemos que a linguagem não é neutra em nenhuma instância, muito menos na midiática. A esse respeito,

Voese (2004, p. 39), ao articular o ensino de Língua Portuguesa à Análise do Discurso, afirma que

[...] os meios de comunicação social desinformam, ou não comunicam tudo da forma mais imparcial porque assim atendem os interesses de determinados segmentos sociais: há informações a dar e há as que devem ser omitidas, há um modo de dizer e outros a desconsiderar.

Vale salientar que, relacionando a política, o discurso e a mídia e retomando uma “cultura do espetáculo” que tem sobressaído na sociedade contemporânea, que “transforma tudo e todos em objeto de consumo midiático”, Gregolin (2003, p.14) aponta que

[...] numa estranha equação, instaura-se a política como teatro: de um lado, no palco, a mídia atuando no sentido de “revelar” os jogos da política; de outro, na plateia, a passividade espectadora do (e)leitor imerso na imensa rotatividade das mensagens que lhes são dirigidas pelos meios de comunicação [...] a mídia promete representar (interceder em favor de) uma dada coletividade e, ao mesmo tempo, confrontar-se com os agentes políticos.

Nessa intensa busca por informações que serão consumidas por seus leitores, a mídia intenta persuadi-los e levar a sociedade a uma assimilação da ideologia que essa instância tão poderosa impõe. Com o intento de mudar esse cenário, de “passividade espectadora do e(leitor)”, frente àquilo que é exposto pela mídia, buscamos, com esse trabalho, exemplificar como, no ensino de linguagens, que leve a questionamentos e reflexões, pode-se evidenciar as linguagens em funcionamento e mostrar aos alunos como elas (as linguagens) podem ser utilizadas a fim de atingir uma vasta quantidade de propósitos nesse jogo de poder em que o discurso político e midiático se instauram.

É interessante relacionar nosso mundo moderno com a questão do consumo e das características principalmente das charges digitais. Nesse sentido, Gil (2011, p. 68) afirma que

Talvez o grande interesse que o riso, o cômico e o humor começam a despertar na sociedade moderna esteja correlacionado com a recente transformação do cômico em mercadoria. Desde que começou a ser produzido, consumido e trocado no mercado, o cômico e o humor adquiriram as propriedades de um bem econômico que interessa à sociedade como um todo e não apenas aos meios de comunicação, televisões, emissoras de rádio, revistas ilustradas, diários, editores, humoristas, psiquiatras, psicólogos e terapeutas que empregam o humor no tratamento de seus pacientes.

Os efeitos de sentido são materializados nesses textos circulados pela mídia na sociedade. Sabemos que o interdiscurso nem o sujeito são transparentes, bem como o sujeito não é a fonte dos sentidos, por isso não é possível enxergar uma totalidade significativa tampouco entender a totalidade de percursos dos sentidos produzidos socialmente. A construção discursiva é que permite uma coerência visível em cada discurso específico: cada

sujeito compreende apenas alguns fios que se destacam na imensa diversidade de teias de sentidos que vão invadindo nossa realidade social. (GREGOLIN, 2007a, p. 16).

Assim como Baronas (2011, p. 37), acreditamos que em plena sociedade da multimídia “democrática”, ainda existe uma ilusão de que apenas um sentido deve ser circunscrito, “tentando interditar a metáfora e a ideologia constitutiva de todo discurso”.

A esse respeito, Gregolin (2007a, p. 16) afirma que

[...] a criação dessa ilusão de “unidade” do sentido é um recurso discursivo que fica evidente nos textos da mídia. Como o próprio nome parece indicar, as *mídias* desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta.

Cientes dessa ilusão existente em nossa sociedade, é importante que a escola bem como os professores de linguagens a combatam severamente, deixando claro aos alunos que esse é um recurso estratégico utilizado pelas mídias a fim de manipular as massas e inculcar as ideologias dos grupos que têm os suportes midiáticos.

Nesse sentido, acreditamos ser muito propícia a afirmação de Gregolin (2003, p. 14) de que “o discurso não serve apenas para comunicar, mas que ele é, a um só tempo, um objeto simbólico e político [...] no sentido de que ele é uma luta pelo poder.”

Observando as notícias políticas do *blog Radar on-line* e as charges digitais de Maurício Ricardo, visualizamos a construção da história do presente “ao vivo” que esses gêneros efetivamente participam por intermédio da mídia. Nesse sentido, Gregolin (2007a, p. 16) afirma que

[...] na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente. Esse efeito de “história ao vivo” é produzido pela instantaneidade da mídia, que interpela incessantemente o leitor através de textos verbais e não-verbais, compondo o movimento da história presente por meio da ressignificação de imagens e palavras enraizadas no passado. Rememoração e esquecimento fazem derivar do passado a interpretação contemporânea, pois determinadas figuras estão constantemente sendo recolocadas em circulação e permitem os movimentos interpretativos, as retomadas de sentidos e seus deslocamentos.

Outrossim, no processo de ensino de língua portuguesa é importante situar o leitor/aluno com relação à ideologia dos suportes que hospedam esses gêneros. Por intermédio dessas análises por nós apresentadas, pretendemos suscitar outras leituras em sala de aula, tanto pelos professores, como pelos alunos, já que, devido à opacidade da linguagem, os sentidos a serem produzidos em um texto nunca são prontos e acabados, a cada leitura que

fazemos, novos significados podemos construir, novos questionamentos podem surgir. Assim, professor e alunos poderão desempenhar papel de leitores, agentes ativos de produção de sentidos desses textos. Afinal, por mais examinado e observado seja um texto, seu processo de produção de sentidos jamais estará pronto, acabado, terminado.

4.1 Condições de produção dos gêneros digitais e o ensino

Antes de iniciar as análises dos gêneros digitais selecionados, consideramos interessante que o professor proponha aos alunos uma busca das condições de produção desses textos. Para isso, algumas perguntas básicas – O quê? Como? Por quê? De onde? Para quem? – relacionadas a o que se enuncia por meio desses gêneros digitais são essenciais. Uma das diversas possibilidades de trabalho que pode ocorrer e que sugerimos é um momento de leitura biográfica dos políticos/governantes que serão representados nos textos selecionados, a fim de situar os alunos com relação às condições de produção do discurso de tais gêneros. Essa leitura poderá ser feita por intermédio de biografias e textos disponibilizados em livros, jornais, revistas e também na *internet*, sempre com a mediação do professor.

Sugerimos que, nessa fase inicial, o professor deixe claro que a biografia se constitui num gênero discursivo que nos mostra como os textos, de um modo geral, evidenciam a visão de mundo do segmento social ao qual estão inseridos e manipulam as informações. Assim, algumas dessas biografias mostram apenas um lado da personalidade política pesquisada, outras mostram apenas o outro lado, outras tentam ser um pouco imparciais, no entanto, todas deixam evidentes o posicionamento de quem as elabora e da formação discursiva a que estão inscritos os seus autores. Por esse motivo, é necessário pesquisar várias biografias e textos relacionados a esses políticos para ter uma visão geral da vida da personalidade pesquisada. É de suma importância entender o momento histórico em que elas vivem, o que essas determinações geram no momento de produzir sentidos.

Convém mencionar a importância de propiciar condições para que nossos alunos questionem o conteúdo de suas leituras e relacione-as com a realidade política, econômica, histórica e social a que se inscrevem. Até que ponto as informações repassadas são verídicas? Quais são as impressões ideológicas do chargista ou do jornalista que criam esses gêneros, bem como de seus suportes? Enquanto leitores, temos que aceitar tudo que nos é posto ou podemos refletir, questionar, criticar e até mesmo desconstruir alguns sentidos que são direcionados pela mídia? Esses são alguns questionamentos que devem ser incentivados pelo docente nesse trabalho com os gêneros digitais.

Nosso objeto de pesquisa – notícias do *blog Radar on-line* e charges digitais - por se relacionarem diretamente com a comunicação política, se constitui em um terreno um tanto movediço, cheio de armadilhas e polêmicas. O senso-comum há tempos adverte que “futebol, política e religião não se discute”, esse é um dos ditados mais conhecidos da sabedoria popular. No entanto, acreditamos que retrata uma grande contradição brasileira, pois esses três assuntos se constituem nos temas mais presentes e relevantes na memória discursiva de nosso povo. Afinal, o tema “política”, nos últimos dias, tem sido alvo de muitos debates, protestos e manifestações do povo brasileiro. Posto isso, ousamos analisar esses textos, cientes de que muitas leituras divergentes da nossa surgirão.

Para que atendamos à necessidade urgente dos multiletramentos, a fim de que o indivíduo seja capaz de compreender as linguagens em todas as suas instâncias de uso, sugerimos a inserção da instância política, partindo do pressuposto de que uma imensa variedade de gêneros discursivos deve ser utilizada em sala de aula.

4.2 Análises dos gêneros digitais selecionados

A seguir, procederemos às análises dos gêneros selecionados da seguinte maneira: primeiramente, analisaremos duas notícias de cunho político retiradas do *blog Radar on-line* sobre acontecimentos políticos e, em seguida, analisaremos uma charge digital que dialoga, ou seja, de uma forma ou de outra, se relaciona com essas notícias ou as retoma. Essas análises serão divididas em três blocos:

4.2.1 Notícias “No limbo” e “Personagem-símbolo” dialogam com a charge digital “Conselho de Amigo”

O *blog Radar on-line* é um ambiente digital de autoria de Lauro Jardim e possui espaço para a interação com os leitores por intermédio de postagem de comentários entre outros recursos que interagem também com as redes sociais tão usadas no momento. Está localizado no *site* da Veja, que, apesar de ser um veículo oficial de informação um tanto criticado por alguns estudiosos, é de grande circulação nacional, sendo considerada a quarta maior revista em circulação do mundo, e por esse motivo uma grande formadora de opiniões, crenças e valores que poderão ficar cristalizados na memória discursiva da população, durante gerações.

Por isso, a importância de se desconstruir certos sentidos direcionados neste suporte textual de comunicação de massa bem como de outros. É importante mencionar, na visão de Gonçalves (2009, p. 5), que *Veja* é “uma revista atuando politicamente, opondo-se ao PT, fazendo do seu discurso uma trincheira intransponível para ideias contrárias as suas”. Essa revista, que é uma instância que funciona como suporte do *blog Radar on-line*, sendo um meio de comunicação, vende juntamente a ele, uma ideia, posiciona-se politicamente, inculca seus valores ao leitor.

Com relação à ideologia política desse suporte, Gonçalves (2009, p. 13) afirma que

[...] na *Veja*, a imagem do Partido dos Trabalhadores está sendo o tempo todo desgastada. Ao enxergar o partido através da história contada pela revista é possível perceber que o discurso de *Veja* se configura como liberal e, desta maneira, contrário ao PT, que se enquadra na categoria de partido de esquerda.

Acreditamos que a repetição de ideias veiculadas pela mídia sugere um direcionamento de sentidos. Gonçalves (2009, p. 13) afirma que “através da ordenação de fatos, o discurso midiático vem consolidar uma realidade retratada, que é a determinação das características de um dado grupo social, a exposição da sua forma de ver a realidade.”

É importante mencionar que Gonçalves (2009, p. 14), ao relacionar *Veja* com o PT, traz à baila a questão de que um partido político pode passar por mudanças, se visualizado a longo prazo, além de que pode ser heterogêneo, ou seja, nele podem ser ouvidas mais de uma voz:

Escrever sobre o Partido dos Trabalhadores é sempre um desafio, devido à complexidade das forças envolvidas na sua construção e, principalmente, porque o PT em tempo algum foi um partido sectário – mesmo que em seu interior houvesse grupos assim. Logo, historicizar sobre uma “metamorfose ambulante” é falar de algo que, apesar de ter face, está o tempo todo a mudar as características. [...]

Diante disso, fica claro que defender categoricamente um partido x ou y, como muitas vezes, pode ser percebido em alguns suportes midiáticos como a *Veja*, incorre em parcialidades explícitas diante dos fatos, gerando o que Gonçalves (2009, p. 15) define como deturpação completa do caráter do jornalismo.

Apesar de toda crítica envolvendo *Veja*, não podemos deixar de mencionar que essa revista, bem como seu suporte digital, noticiou uma rede de escândalos de corrupção no país envolvendo diversos partidos e pessoas. Essa extensa lista de escândalos e seus respectivos envolvidos, desde os anos de 1987 até o presente ano de 2013, pode ser acessada no endereço eletrônico <http://veja.abril.com.br/infograficos/rede-escandalos>. No topo da tela desse

endereço há os seguintes dizeres: “Rede de escândalos – O Brasil não esquece”, esse arquivo digital deixa expresso a todo o povo brasileiro uma memória viva da corrupção no Brasil.

A seguir apresentamos as notícias tais como elas são visualizadas no *blog*:

sexta-feira, 11 de novembro de 2011

6:04 | **Congresso**

No limbo

José Dirceu, Antonio Palocci, Luiz Antonio Pagot são hoje exemplos clássicos da turma que, uma vez defenestrada da máquina pública, foi encontrar abrigo no endinheirado ramos das consultorias. Nada ilegal: cumpridos os quatro meses de quarentena, eles foram liberados a usar sua “expertise” a serviço de toda sorte de interesses.

Pois essa festa já teria acabado há muito tempo se o projeto apresentado pelo governo em 27 de outubro de 2006 não tivesse se perdido pelas gavetas da Câmara (onde está ainda hoje).





O texto regulamenta o que é conflito de interesses na gestão pública e estipula impedimentos posteriores ao exercício do cargo para servidores do alto escalão da máquina em todas as esferas.

Se já tivesse virado lei, o prazo de quarentena passaria de quatro meses para um ano e valeria para ministros de estado, ocupantes de cargo de natureza especial, de presidente, vice-presidente e diretor de autarquias, fundações, empresas públicas ou sociedades de economia mista e ocupantes de DAS níveis seis e cinco.

Ocupantes de cargos com acesso a informações privilegiadas, capazes de trazer vantagem econômica ou financeira para o agente público ou para terceiro também entram na lei.

Por Lauro Jardim

Tags: Antonio Palocci, José Dirceu, Luiz Antonio Pagot, projeto anticorrupção

A notícia de fatos políticos “No limbo” foi postada no *blog* Radar *on-line* no dia 11/11/2011, às 6h4 min., enquadra-se no tópico Congresso, retrata a questão dos políticos que tiveram de deixar seus cargos no governo, e, posteriormente, passaram a utilizar seus conhecimentos adquiridos em suas funções públicas para prestarem consultoria. A palavra “*expertise*”, utilizada na notícia, expressa muito bem esses conhecimentos partilhados por esses atores políticos.

O título da notícia traz a expressão “no limbo”. Trazemos, a seguir, a definição da palavra **limbo**, retirada do Dicionário *on-line* Michaelis:

sm (latlimbu) **1** Fímbria, zona. **2** Rebordo exterior. **3** *Astr* Rebordo exterior do disco de um astro. **4** *Bot* Expansão membranosa que, a partir do pecíolo, constitui a folha. **5** *Bot* A parte livre e expandida das sépalas e das pétalas. **6** Círculo de bordo graduado. **7** Arco de transferidor, onde são marcados os graus para medida dos ângulos. **8** *Teol catól* Lugar intermediário entre o céu e o inferno onde, sem a felicidade celeste, nem as penas infernais, se encontram as almas das crianças que morreram sem batismo e onde permaneceram as almas dos justos, antes da ascensão de Jesus Cristo. **9** Lugar para onde se deita coisa a que não se liga apreço; cadoz. *Pôr no limbo*: deixar no esquecimento.

Partindo da definição 8, referente à teologia católica, os efeitos de sentido desse título estão em conformidade com o que a notícia expressa, pois esses políticos desfrutaram dos prazeres financeiros, obtidos, muitas vezes, fora dos padrões de honestidade e moralidade, partindo daquilo que expressa a visão midiática. Entretanto, situam-se numa zona intermediária entre o gozo financeiro e o julgamento das acusações a que estão submetidos.

Uma expressão pode assumir uma diversidade de sentidos, segundo Orlandi (2007, p. 21), “uma mesma coisa pode ter diferentes sentidos para os sujeitos e é aí que se manifesta a relação contraditória da materialidade da língua e da história”. Desse modo, a expressão “no limbo”, também pode se referir ao projeto de lei que regulamenta os impedimentos posteriores ao exercício dos cargos políticos e administrativos do alto escalão do governo, que, em conformidade com a definição 9, pode significar que o referido projeto foi deixado no esquecimento, como acontece, muitas vezes, com outros diversos projetos.

É interessante mencionar que todos os políticos citados nessa notícia, José Dirceu, Antônio Palloci e Luiz Antônio Pagot deixaram suas funções públicas acusados de suposta corrupção. Esses três nomes, que repercutiram intensamente na grande mídia brasileira como símbolos de corrupção política, são os protagonistas dessa notícia. Retornando à ambiguidade da expressão “no limbo”, também poderia ter o efeito de sentido relacionado ao fato de que essas três personalidades políticas acabaram ficando no esquecimento, ou seja, seus supostos crimes esquecidos, porém os três continuam a agir.

No segundo parágrafo da notícia, temos os seguintes dizeres: “Pois esta festa já teria acabado há muito tempo se o projeto apresentado pelo governo em 27 de outubro de 2006 não tivesse se perdido pelas gavetas da Câmara (onde está ainda hoje)”. Nesse trecho, a palavra “festa” se sobressai. Como sabemos, as palavras são carregadas de sentidos e, nessa notícia, de acordo com o que a mídia nos expressa, festa nos remete à realidade vivida pelos políticos. Nesse caso específico, àqueles que se beneficiam oferecendo consultorias com informações privilegiadas por meio do contato que tiveram diretamente com a máquina pública. Não é por acaso que essa palavra que significa alegria, regozijo, contentamento, descontração, é inserida nessa notícia. Há toda uma vontade enunciativa do jornalista que se evidencia nessa escolha vocabular. Nesse sentido, Bakhtin (1986, p.122) argumenta que toda enunciação é socialmente dirigida e que “toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica”. Portanto o autor ao utilizar a palavra ‘festa’, de forma irônica, já direciona seu discurso, faz um julgamento de valor.

Ainda nesse trecho, podemos visualizar a expressão (**onde está ainda hoje**), colocada entre parênteses no final do enunciado, o que traduz uma crítica ferrenha ao momento político de nosso país. Assim, podemos inferir, por meio dessa observação, que quando o governo propõe um projeto para tentar diminuir os benefícios exagerados dos governantes e ocupantes de altos cargos administrativos do país, o que ocorre é o seu engavetamento por anos e anos.

O restante da notícia esclarece sobre os objetivos do referido projeto, postulando impedimentos posteriores ao exercício de cargos do alto escalão do governo, dos que detêm as tão desejadas informações que podem trazer benefícios financeiros não só aos que as detêm como também às empresas que buscam a consultoria deles.

É importante destacar que essa notícia teve um *feed-back* de seus leitores, em sua parte inferior, há a informação de que 33 leitores a curtiram e 29 a tweetaram. Esses procedimentos interativos referem-se às redes sociais *facebook* (curtir) e *Tweeter* (tweetar) e se configuram numa interação autor/texto/leitor, que pode ser constatada na própria visualização desse gênero digital. Há ainda, na visualização inicial do título da notícia, a quantidade de comentários feitos pelos leitores que também deixam suas marcas no *blog* e a possibilidade de acessá-los por meio do *link comentários*. Assim, além de podermos verificar na própria notícia a ideologia de seu autor, bem como de seu suporte, podemos, ainda, visualizar nos comentários um panorama de opiniões acerca dessa notícia, uma pequena amostra do quanto essa notícia pôde influenciar os modos de pensar e agir desses interlocutores.

terça-feira, 15 de novembro de 2011

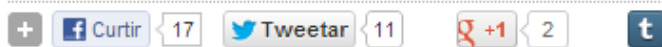
17:26 \ **Partidos**

Personagem-símbolo

A crise de identidade da juventude petista esbarra também no seu padrinho: José Dirceu. Aclamado como “guerreiro do povo brasileiro” e “comandante Zé”, Dirceu, o consultor bem sucedido do capitalismo brasileiro, esteve presente em quase todas as falas de dirigentes que ironicamente condenaram a corrupção no governo Dilma Rousseff, mas definiram o PT como “um partido que quer construir um mundo socialista no Brasil”. Dirceu, claro, também disse ser contra a corrupção.

Por *Lauro Jardim*

Tags: **José Dirceu, PT**



Já a notícia de fatos políticos “Personagem-símbolo” postada no *blog Radar on-line* no dia 15/11/2011, às 17 h 26 min., enquadra-se no tópico Partidos, remete, também, a um dos

personagens principais da notícia “No limbo”, que é José Dirceu, considerado padrinho da juventude petista, a qual passa por uma crise de identidade. A notícia evidencia que esse personagem esteve presente na maioria das falas dos dirigentes que condenaram a corrupção no governo Dilma. A palavra ‘ironicamente’ utilizada para caracterizar a condenação à corrupção feita por esses dirigentes políticos pode ser entendida pelo fato de que há uma contradição no sentido de que, apesar de condenarem a corrupção, caracterizam o PT como um partido que quer construir um mundo socialista no Brasil. A expressão que se segue na notícia analisada acaba causando riso pelo fato de enunciar: “Dirceu, claro, também disse ser contra a corrupção”.

A notícia também explicita a questão de José Dirceu exercer o ramo de consultoria no trecho que o qualifica como “consultor bem sucedido do capitalismo brasileiro”. Acreditamos que a utilização dos sistemas econômicos citados na notícia, capitalismo e socialismo, não foi colocada aleatoriamente, existe uma estratégia discursiva que pode ser verificada para que, assim, leve ao questionamento de como pode o mesmo sujeito político, José Dirceu, participar de um sistema tão lucrativo para si que é o capitalismo (consultoria) e se filiar a um partido com ideais sociais e ideológicos tão divergentes?

Mais uma vez, notamos uma crítica à corrupção ligada ao PT. O título “personagem-símbolo” remete, metonimicamente, considerando uma parte pelo todo, a José Dirceu, que é atingido pela crítica expressa na notícia abarcando consigo todo o partido a que se filia (PT). Percebemos a insistência estratégica da mídia, nesse caso representada pelo jornalista autor da notícia, em apresentar claramente a contradição entre o discurso (fala) dos políticos e suas atitudes, pois mesmo sendo tão criticado por todos os esquemas corruptos ligados a seu nome, ironicamente, o autor do blog faz questão de trazer que José Dirceu também é contra a corrupção. Alguns questionamentos podem ser trabalhados em sala de aula como: Por que esse blog escolheu noticiar esse fato e não outro? Por que escolheu os apelidos “comandante Zé” e “guerreiro do povo brasileiro” para noticiar um fato de corrupção de José Dirceu? Nota-se o tom de ironia e de contraste presente em toda notícia, com o fito de desmascarar quem, até então, era considerado um ídolo dentro do partido.

Não podemos deixar de mencionar um recurso interdiscursivo comum nas notícias postadas nos *blogs* que são as *tags*, que permitem estabelecer um diálogo entre as notícias. As *tags* são utilizadas como palavras-chaves que abrem um hipertexto utilizado para direcionar o leitor/navegador a outra notícia que trata sobre a mesma temática da *tag* mencionada. No *blog Radar on-line*, as *tags* aparecem sempre no final de cada notícia postada. Na notícia “No

limbo”, as *tags* são **Antônio Palocci**, **José Dirceu**, **Luiz Antônio Pagot**, projeto **anticorrupção**. Na notícia “Personagem-símbolo”, as *tags* são **José Dirceu**, **PT**.

Por trazer à tona esse assunto tão comentado publicamente, que é a corrupção política, essas duas notícias travam um diálogo com a charge que será analisada a seguir. Buscaremos evidenciar a questão da interdiscursividade, ou seja, do diálogo estabelecido entre as notícias políticas do *blog* jornalístico Radar *on-line* e as charges digitais.



(QUIRINO, 2011)

Na primeira tela da charge **Conselho de amigo**, de Maurício Ricardo, disponibilizada no site www.charges.com.br, do dia 17/11/2011, há um *link* denominado **sobre a charge**, quando o clicamos aparece a seguinte informação: “Essa notícia é da semana passada: os atrasos nas obras da Copa já vão representar um prejuízo de R\$ 750 milhões para os cofres públicos. Claro que a Dilma deve estar preocupada!” Esse trecho serve para localizar o leitor com relação à temática da charge e a da situação imediata de comunicação que a gera.

Apresentamos, a seguir, a transcrição dessa charge, utilizamos a letra D para representar a fala da presidente Dilma e a letra Z, para a fala de José Dirceu, mais conhecido como Zé Dirceu:

D: Zé Dirceu, procurei você porque você é uma pessoa muito prática e objetiva.

Z: Sou mesmo.

D: Nós dois lutamos na clandestinidade porque acreditamos que às vezes fazer o que é certo tem um custo alto.

Z: Concordo, o que eu posso fazer por você?

D: Não tô conseguindo dormir direito, Zé. Os atrasos nas obras da Copa, pra cumprir os prazos teremos que gastar R\$ 750 milhões só em hora extra de funcionários.

Z: E daí, tem que pagar.

D: É isso o que você tem a me dizer?

Z: Ué, você não queria uma resposta prática e objetiva? Nós somos o Partido dos Trabalhadores, hora extra é distribuição de riqueza, é mais dinheiro no bolso do operário.

D: Mas o dinheiro não estava previsto, de onde eu tiro a grana?

Z: ONGs.

D: ONGs?

Z: Dilma, bota pilha na Polícia Federal. Duas ou três ONGs dessas que ministro usa pra desviar grana pagam a conta. E você sai por cima, porque tá combatendo a corrupção.

D: Zé, você é um gênio, não perdi meu tempo vindo aqui. Obrigada.

Z: Obrigada, não. Duzentos mil, companheira.

D: O quê?

Z: Sou consultor, você não viu a placa lá fora? Você não perdeu seu tempo, eu também não quero perder o meu.

D: Companheiro, como você tem coragem? Não acredito que você é tão...

Z: Prático e objetivo.

Nesse *site*, além de podermos assistir as charges com som e também ouvi-las, evidenciando a voz dos personagens, músicas, além de outros sons para representar outros detalhes, podemos, ainda, visualizá-las com legenda, com a apresentação escrita das falas dos personagens.

A charge, que ora analisamos, traz as representações da atual Presidente da República Dilma Roussef e de José Dirceu, mais conhecido como Zé Dirceu. Essa charge digital retrata um encontro entre eles, no qual Dilma procura Dirceu para se aconselhar. Mediante a leitura de algumas biografias e textos digitais pesquisados⁹, pudemos ver que José Dirceu foi um homem de visibilidade bastante expressiva em nosso cenário político nos últimos tempos. Foi herói de uma geração de militantes políticos, porém, nos últimos dias, foi julgado pelo suposto esquema do mensalão. No governo Lula, foi considerado um “primeiro-ministro” do Brasil, mais conhecido como o homem forte da administração federal, capaz de tomar as mais sérias decisões.

Por toda essa influência que José Dirceu teve, e, por sabermos que após sair do governo, passou a prestar consultorias é que o chargista inicia a charge com a fala de Dilma: “Zé, procurei você porque você é uma pessoa muito prática e objetiva”. Ele concorda afirmando que é mesmo.

⁹ As biografias e textos digitais a que nos referimos podem ser acessados por meio dos seguintes *links*:
 <<http://educacao.uol.com.br/biografias/jose-dirceu.jhtm>>
 <http://www.doutrina.linear.nom.br/historia/Hist%F3ria_Quem%20%20Jos%20Dirceu.htm>
 <<http://noticias.terra.com.br/brasil/crisenogoverno/interna/0,,OI778214-EI5297,00.html>>
 <<http://exame.abril.com.br/brasil/politica/noticias/entrara-jose-dirceu-para-a-historia-como-mensaleiro?page=1>>
 <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/jose-dirceu-mostra-que-ainda-manda-em-brasilia>>

Em seguida, Dilma fala que os dois lutaram na clandestinidade porque acreditavam que, às vezes, fazer o que é certo tem um preço alto. A expressão “fazer o que é certo” é muito relativa, se remetermos a o que levou os dois a viverem clandestinamente no passado, muitos aprovarão a conduta deles, porém muitos também a reprovarão, vai depender da posição ideológica a que pertence o leitor da charge. Nesse trecho, irrompem duas formações discursivas, aquela dos militantes políticos, em que esses personagens são considerados heróis na luta contra a ditadura militar e outra formação discursiva, a dos conservadores, em que esses mesmos personagens são considerados terroristas, desordeiros, transgressores da lei.

Resgatando as condições de produção do discurso, sabemos que Dilma e José Dirceu tiveram seus nomes inscritos na História do país por terem participado de protestos e manifestações sociais, lutando contra o regime militar no Brasil. De acordo com o *site* www.sohistoria.com, a ditadura militar no Brasil iniciou-se com o golpe militar em 1964 e durou até 1985, com a eleição de Tancredo Neves. Foi um período marcado historicamente que se caracterizou na condução do país por militares. Nesse período, predominava a prática da censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a falta total de democracia e a repressão àqueles que eram contrários a esse regime militar.

José Dirceu, naquele período, já exercia papéis de liderança desde os anos escolares. Isso é demonstrado na notícia anteriormente analisada “personagem-símbolo”, no trecho “aclamado como ‘guerreiro do povo brasileiro’ e ‘comandante Zé’”. Quando exercia a presidência da União Estadual de Estudantes, em 1968, participou de um conflito no qual ele e mais de mil jovens foram presos. Exilou-se em Cuba, onde estudou e fez treinamento em guerrilha. Em 1971, voltou ao Brasil clandestinamente, fez cirurgia plástica para não ser reconhecido e mudou de nome. Após anos, com a anistia em 1979, voltou a Cuba para desfazer a cirurgia plástica e retornou definitivamente para o Brasil. Participou da fundação do PT, foi militante em tempo integral e ocupou cargos relevantes na estrutura partidária.

A atual presidente Dilma Rousseff¹⁰ também se destacou no combate à ditadura militar, atuando na luta armada em movimentos revolucionários. Em 1969, vivendo na clandestinidade, Dilma usou vários codinomes para não ser encontrada pelas forças de repressão aos opositores do regime.

A charge evidencia a prontidão da representação de Zé Dirceu em atender à representação da Presidente, quando ele pergunta o que pode fazer por ela. Lendo os não ditos

¹⁰ Essas informações referentes à vida da presidente Dilma podem ser acessadas nos seguintes links:
<http://www.e-biografias.net/dilma_rousseff/>
<<http://educacao.uol.com.br/biografias/dilma-rousseff.jhtm>>
<<http://www2.planalto.gov.br/presidenta/biografia>>

da charge, podemos perceber a ganância de Dirceu em prestar um serviço à presidente Dilma, uma vez que poderia lhe render altos lucros financeiros, criando um jogo de imagens entre capitalismo e socialismo.

Por sua vez, a representação de Dilma reclama de sua angústia relacionada aos atrasos nas obras da copa, revela que o governo terá que gastar R\$ 750 milhões em horas-extras de funcionários. No contexto da charge, esse problema não está deixando-a dormir direito. Salientamos que esse assunto estava altamente em voga nas notícias da época em que essa charge foi divulgada, muitos brasileiros expressaram suas opiniões evidenciando que nosso país não teria condições de sediar uma copa, são diversas as vozes brasileiras que aqui ecoam.

Nesse sentido, podemos verificar a interdiscursividade presente na charge, pois ela retoma outros textos circulados concomitantemente a ela, inclusive as notícias políticas extraídas do *blog Radar on-line* que analisamos anteriormente. Isso comprova que um discurso nunca é autônomo, pois ele remete sempre a outros discursos, suas condições de possibilidades semânticas se concretizam num espaço de trocas, mas jamais enquanto identidade fechada. O discurso não nasce nele mesmo, porém não se relaciona aleatoriamente com o interdiscurso, existe uma seleção.

O interdiscurso, segundo Coracini (2007, p. 9), “são as diversas vozes, provenientes de textos, de experiências, enfim, do outro, que se entrelaçam numa rede em que os fios se mesclam e se entretecem”. Nessa perspectiva, podemos verificar que, nas situações reais de funcionamento da linguagem, há um intercalar de discursos, formando, dessa forma, uma troca discursiva que ocorre quando um discurso é relacionado com outros ou quando as formações discursivas se relacionam interdiscursivamente. É essa realidade interdiscursiva que verificamos nesses dois gêneros que analisamos.

Para retomar a análise da charge, diante da reclamação de Dilma de que o governo teria que pagar R\$ 750 milhões em horas-extras, Zé Dirceu é categórico em afirmar que o governo tem que pagar. Dilma questiona com semblante decepcionado: “É isso o que você tem a me dizer?” Nesse trecho, ela insinua que esperava outro conselho dele. Então, Zé Dirceu começa a justificar sua resposta trazendo à tona a ideologia do partido a que pertencem - o PT -, evidenciando, assim, que o pagamento de horas-extras deve ser considerado distribuição de riquezas, e esse é um dos lemas desse partido político.

Ressaltamos que entender as ideologias subjacentes aos discursos é um aspecto relevante para produzir os sentidos dos textos, que são a materialização do discurso, bem como para compreender os diversos conflitos entre posicionamentos sociais, políticos,

econômicos e culturais. A produção de sentidos das charges nos permite um melhor entendimento das ideologias que permeiam esses textos.

Quando a representação de Dilma diz à representação de Dirceu que estes valores não estavam previstos para serem gastos, ela pergunta de onde poderia tirar “a grana”. O conselho que Dirceu dá a ela para solucionar esse problema é contraditório ao apregoado pelo Partido: “Dilma, bota pilha na Polícia Federal. Duas ou três ONGs dessas que ministro usa pra desviar grana pagam a conta. E você sai por cima, porque tá combatendo a corrupção”. Isso significa que ele está aconselhando a presidente do país a pressionar a Polícia Federal para descobrir algumas ONG que recebem as verbas do governo, mas não as utilizam seriamente, desviando para outras finalidades. Esse conselho é dado porque, na época da criação e divulgação dessa charge, essa era uma realidade vivida no país, algumas ONG estavam recebendo os repasses do governo e esses valores não estavam sendo integralmente aplicados nas atividades desenvolvidas por essas organizações, de acordo com o exposto na mídia de um modo geral. Ressaltamos, ainda, que nesse trecho da charge, pelo fato de Dirceu usar o vocativo “Dilma” e não “presidente(a)”, notamos um recurso de proximidade e intimidade entre os dois, no entanto, não é isso o que ocorre quando a representação de Dirceu cobra um alto preço pelo conselho.

Nesse trecho, Dirceu ainda diz a Dilma que se ela seguisse seu conselho, teria uma reputação pública de que estava combatendo a corrupção e provocaria mais aceitabilidade de seu governo junto à população. Assim, mais uma vez, a visão que nos é repassada por meio do olhar do chargista é que os interesses pessoais dos políticos estariam acima de qualquer outra coisa.

Por sua vez, Dilma elogia Zé Dirceu dizendo: “Zé, você é um gênio, não perdi meu tempo vindo aqui. Obrigada”. Nesse trecho, Dilma demonstra sua gratidão pelo conselho recebido pelo companheiro que, até aquele momento, considerava-o amigo. Zé Dirceu, por sua vez, dispensa o agradecimento e cobra a presidente pelo conselho dizendo: “Obrigada, não. Duzentos mil, companheira”.

A representação de Dilma fica impressionada com a cobrança, mas a representação de Zé Dirceu retruca: “Sou consultor, você não viu a placa lá fora? Você não perdeu seu tempo, eu também não quero perder o meu”. Há aqui um diálogo explícito com a imagem da placa visualizada na porta e com a notícia “No limbo”, postada no *blog Radar on-line*, que retrata os políticos que saem do governo e utilizam seus conhecimentos para prestar consultorias.

Finalizando a charge, Dilma enuncia: “Companheiro, como você tem coragem? Não acredito que você é tão [...]”. A presidente, ao procurar um adjetivo para qualificá-lo, é

silenciada por Zé Dirceu que diz: “prático e objetivo”. Essas são as qualificações que a própria Dilma dá a Dirceu no início da conversa deles, no entanto, os termos “prático e objetivo” mencionados no início da charge denotavam uma característica positiva, empreendedora, do verdadeiro conselheiro. Já o “prático e objetivo” no final da charge remete-nos ao fato de que ele não faz nada gratuitamente, age como um verdadeiro mercenário e faz questão de não esconder isso, segundo o que o chargista quer que entendamos.

Nesse trecho, podemos verificar o emprego da palavra “companheiro” pelos personagens da charge. Ao observar o uso dessa palavra, podemos apontar que é um termo muito utilizado entre os partidários do PT. De acordo com o Dicionário *on-line* Michaelis, a definição da palavra “companheiro” é: “*sm (baixo-lat companariu)* **1** Aquele que acompanha. **2** Colega, discípulo. **3** Camarada. **4** *Maçon* Graduação inferior à de aprendiz, no rito francês. **5** Esposo, marido. **6** *Amásio.adj* Que acompanha.”

Assim, podemos notar que “companheiro” não é um termo que se emprega com relação a qualquer pessoa, mas sim, àquele que acompanha, que é colega, camarada, amigo. A palavra dentro de uma situação enunciativa jamais é neutra, dessa forma, a palavra “companheiro” está carregada de sentidos que pode ser visualizada na situação em que foi empregada. Podemos entender com a utilização dessa palavra, uma contradição daquilo que se fala sobre o tratamento de companheiro, com o que realmente se vive, a cobrança exacerbada por um conselho dado, seria ele (Zé Dirceu) um companheiro no sentido estrito do termo? Outrossim, o termo companheiro também pode produzir efeito de sentido relacionado à designação estereotipada de petista.

Nessa mesma perspectiva, o título da charge “Conselho de amigo” é irônico pelo fato de que, na verdade, não se trata de um conselho de amigo, e sim de um profissional que está preocupado, tão somente, em receber pelo conselho que não é dado, mas sim, vendido. Apesar de se autodenominarem “companheiros”, está implícita a visão de que os políticos, apesar de serem unidos por partilharem de uma mesma ideologia partidária, dão sempre prioridade às vantagens pessoais obtidas. Há, portanto, neste texto, uma denúncia de corrupção, visando, talvez, inflamar o sujeito leitor.

Outro fator interessante que deve ser destacado é a utilização de expressões da linguagem coloquial, como, por exemplo: “grana”, “bota pilha na Polícia Federal”, “sai por cima”. Há nesse contexto, também, uma retomada de termos muito utilizados em determinadas quadrilhas, o que expressa a linguagem da contravenção ou da subversão e que

demonstra bem o momento de denúncias de corrupção que o partido estava passando, tudo isso, no intuito de intensificar os fatos denunciados.

Além disso, a escolha vocabular do chargista pode criar uma proximidade entre os personagens, ou seja, uma intimidade entre eles. A utilização desse tipo de linguagem também pode evidenciar proximidade com os leitores desse gênero que, em sua maioria, são jovens e adolescentes. Esse efeito de sentido também gera humor e um certo estranhamento, porque, geralmente, não se espera que uma pessoa que ocupa um cargo tão importante, como o de Presidente da República, se expresse utilizando esses termos tão coloquiais.

Diante do exposto, outro aspecto que é importante destacar é a fisionomia dos personagens no transcorrer da charge que, na maioria das vezes, gera humor, como, por exemplo, o semblante de desgosto que a representação da Presidente Dilma faz, quando Dirceu cobra um valor altíssimo pelo conselho dado. Os sons como as músicas que fazem fundo das charges e os que representam a entonação das falas, as hesitações e truncamentos também complementam os seus sentidos. Todos os aspectos relacionados à percepção humana aumentam ainda mais a capacidade de representação desse gênero.

Assim sendo, não são somente as palavras que dão sentido às charges digitais, mas sim, um intercalar entre linguagem verbal e não verbal, ou seja, as imagens e os sons também geram o sentido das charges. Nesse aspecto visual, podemos apontar nessa charge a imagem de um armário com a palavra “disfarces”, em que há dentro e sobre ele algumas roupas, máscaras e perucas. Isso reativa nossa memória discursiva e retoma o passado de Dirceu, em que ele fez uma cirurgia plástica para não ser reconhecido e voltar clandestinamente ao Brasil após ter sido preso político, como também pode remeter à hipótese de o político utilizar-se de diversas máscaras para ganhar seu público. Podemos, ainda, relacionar José Dirceu a um sujeito ambíguo, ou seja, “lobo em pelo de cordeiro”.

Há também a imagem de um livro sobre a mesa dele em que está escrito “influenciar pessoas” e a porta de seu escritório em que há a palavra “Consultoria”. Todas essas imagens contribuem na produção dos sentidos da charge. Tudo isso nos remete ao fato de que José Dirceu continua utilizando artimanhas, como se disfarçar, usar técnicas para influenciar as pessoas com o intuito de prestar consultoria e obter vantagens. Sua postura, com as pernas em cima da mesa, diante da presidente Dilma, demonstra que José Dirceu, apesar de não estar mais no governo e estar sendo processado por supostos esquemas de corrupção, continua se sentindo um homem de muita influência e poder. Nessa perspectiva, podemos constatar, nas charges digitais, a seguinte estratégia contemporânea do discurso político:

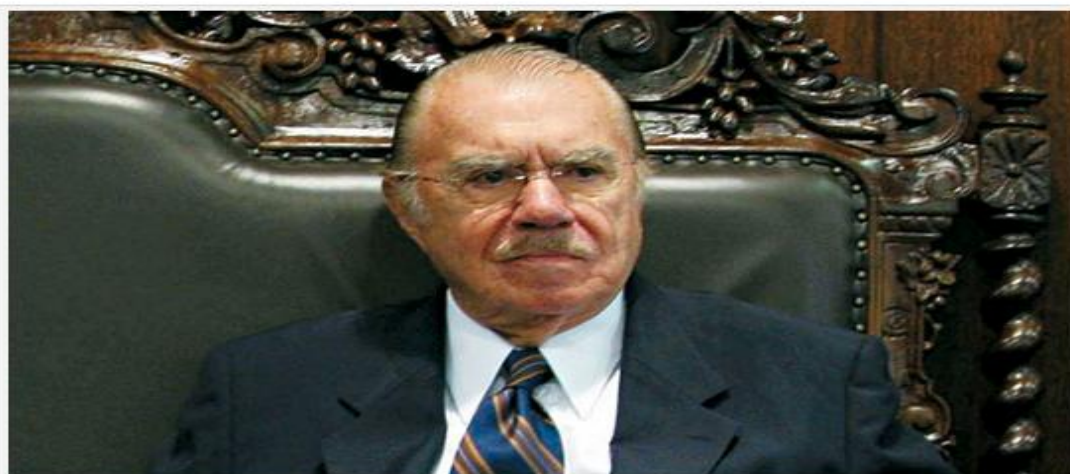
[...] as técnicas audiovisuais de comunicação política promoveram toda uma pedagogia do gesto, do rosto, da expressão. Elas fizeram do corpo um objeto-farol, um recurso central na representação política. É como se se passasse de uma política do texto, veículo de ideias, para uma política da aparência, geradora de emoções. (COURTINE, 2003, p. 25).

No entanto, ressaltamos que essa estratégia do discurso político é resgatada na charge como forma de ironizar as personalidades políticas, afinal o que verificamos nas charges é a midiaticização do discurso político, ou seja, a comunicação política.

4.2.2 Notícias “Sem botar a mão no bolso” e “Ratos, baratas e escorpiões” dialogam com a charge digital “Depois da dedetização”

1:01 \ Congresso

Sem botar a mão no bolso



Vício arraigado - Sarney: despesas pessoais à custa do Senado

Ciente de que sua imagem nos últimos anos despencou ladeira abaixo, **José Sarney** resolveu se mexer. Contratou em julho uma consultoria, a carioca Prole, para fazer um diagnóstico e sugerir como agir para seu filme ficar menos queimado.

Entre as ideias propostas estava a criação de um site para recontar sua trajetória política e literária. O conteúdo é 100% chapa-branca — mas ninguém esperaria outra coisa. A reciclagem de um passado tão movimentado só esbarrou num detalhe: como é de praxe, Sarney não coçou o bolso.

Os 24 000 reais pagos pela pesquisa foram pendurados na conta do Senado — repetindo o que ocorreu em 2009, quando uma empresa recebeu 8 600 reais para organizar o acervo pessoal de livros e documentos de Sarney.

Ao usar dinheiro público para fins particulares, fica mais difícil ainda para Sarney conseguir ficar bem na foto.

Por Lauro Jardim

Tags: [consultoria](#), [José Sarney](#), [trajetória política e literária](#)

+ Curtir 872 Tweetar 519 +1 15 t

A notícia de fatos políticos “Sem botar a mão no bolso” foi postada no *blog Radar online* no dia 19/11/2011, à 1h e 01 min., enquadra-se no tópico Congresso, retrata a questão de

os políticos utilizarem dinheiro público para benefícios pessoais. Mais especificamente notícia que José Sarney¹¹, presidente do Senado, na época de divulgação da notícia, filiado ao PMDB, contratava e pagava, com verbas do Senado, uma empresa para fazer consultoria de imagem e prestar serviço de criação de site a fim de veicular sua trajetória política e literária. A notícia, ainda, traz à memória de seus leitores o pagamento, em 2009, com dinheiro público, a uma empresa, para organizar acervo de livros e documentos pessoais de José Sarney. Podemos observar nessa notícia uma crítica a essa personalidade política, relembrando fatos passados e noticiando um novo escândalo, assim, podemos mencionar que um acontecimento sempre retoma outros. Salientamos que todas essas informações a respeito da personalidade política em evidência nessa charge podem ser conhecidas no momento em que as condições de produção do discurso são pesquisadas.

O título da notícia “Sem botar a mão no bolso”, que significa sem gastar nada, aliado à imagem veiculada do Senador José Sarney, em sua nobre cadeira de presidente do Senado, seguida da nota explicativa “Vício arraigado – Sarney: despesas pessoais à custa do Senado”, direciona o leitor para o que virá nas próximas linhas da notícia, ou seja, antecipa ao leitor que ideologicamente será apresentada uma crítica a José Sarney pelo fato de não utilizar seus próprios recursos financeiros para satisfazer suas vontades pessoais e sim os recursos públicos. A expressão utilizada na nota explicativa abaixo da imagem de Sarney –“vício arraigado” - reativa na memória discursiva do leitor a questão dos vários escândalos tão veiculados pela mídia, de um modo geral, relacionados à família Sarney no poder, pois vício pode ser entendido como algo que é recorrente e no caso dessa notícia, depreendemos que o vício da família Sarney seria a corrupção, pois ela se repete entre os familiares, conforme o exposto pela mídia.

Com relação à memória discursiva, reativada para a produção de sentidos dessa notícia, Pêcheux (1999, p. 52) aponta que

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados , discursos

¹¹ Os textos lidos referentes à vida de José Sarney podem ser acessados nos seguintes links:

<<http://educacao.uol.com.br/biografias/jose-sarney.jhtm>>;

<<http://www.foracorrutos.org/english/sarney.htm>>;

<<http://veja.abril.com.br/infograficos/rede-escandalos/perfil/jose-sarney.shtml>>;

<<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/familia-sarney-coleciona-escandalos-no-poder/>>;

<<http://www.ler-qi.org/Jose-Sarney-no-centro-dos-escandalos>>;

<<http://meuartigo.brasilecola.com/politica/corruptao-tem-solucao.htm>>;

<<http://noticias.uol.com.br/politica/escandalos-no-congresso/jose-sarney-pmdb-ap-faz-consultoria-de-imagem-com-verba-publica.htm>>.

transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

A mídia tenta veicular uma “história ao vivo” dos fatos mencionados, sobretudo, nos gêneros analisados nesta pesquisa, no entanto, não deixa de recorrer ao passado, à memória discursiva, com o intuito de expressar a recorrência dos fatos, principalmente, dos escândalos noticiados, a fim de legitimar e confirmar seus ideais.

Percebemos, nessa notícia do *blog* Radar *on-line*, uma grande utilização de expressões que comportam sentidos múltiplos, evidenciando que as palavras possuem uma pluralidade de significações, como “imagem despencou ladeira abaixo”, “botar a mão no bolso”, “seu filme ficar menos queimado”, “100% chapa-branca”, “esbarrou num detalhe”, “coçou o bolso”, “pendurados na conta”, “ficar bem na foto”. Em apenas quatro breves parágrafos, podemos retirar oito expressões multisignificativas, que em uma linguagem coloquial, remetem-nos a diversas outras significações. Diante disso, no momento de produção de sentidos desses gêneros, não podemos ficar presos à literaridade dos sentidos e isso deve ser ressaltado pelo docente em sala de aula.

O predomínio da linguagem coloquial pode ser considerado como um recurso utilizado pelos autores desses textos a fim de aproximar os leitores mais jovens que estão acostumados a utilizá-la em seu cotidiano e, assim, melhor persuadi-los para inculcar uma ideia, a ideia de que todo político é corrupto.

Procuraremos explicar alguns dos sentidos que podem ser produzidos a partir dessas expressões populares dentro dessa notícia. “Imagem (de Sarney) despencou ladeira abaixo” significa que sua imagem diante da sociedade estava com baixos índices de aprovação, pois “despencar ladeira abaixo” remete-nos à queda dos índices de aprovação.

“Botar a mão no bolso” e “coçar o bolso” comumente significam se responsabilizar por pagar algo. No caso dessa notícia, as expressões “sem botar a mão no bolso” e “não coçou o bolso” servem para que esse agente político seja atingido por uma denúncia de corrupção, pois se referem ao Senador José Sarney, que não se responsabilizou por suas despesas pessoais, porém deixou-as para que o poder público as pagasse. Outrossim, essa notícia poderia levar seus leitores a refletirem sobre o fato de que cada um dos cidadãos que abastecem os cofres públicos com o pagamento de altíssimos impostos seriam os responsáveis para satisfazer as vontades pessoais desse político. Vale ressaltar que esse tipo de notícia geralmente provoca revolta e indignação em seus leitores.

A expressão “seu filme ficar menos queimado” designa reputação menos abalada, de acordo com o site www.dicionarioinformal.com.br, “queimar o filme” pode significar “perder

o moral, abalar a reputação, passar por uma situação vergonhosa”. Sendo assim, a fim de agir para que sua reputação não fosse abalada, a notícia nos faz perceber que Sarney contratou uma empresa de consultoria e essa despesa foi paga pelo Senado, ou seja, apenas ele seria o beneficiado com esse gasto público. Direcionando para uma leitura mais aprofundada em que os alunos/leitores efetivem um embate crítico com o texto, podemos perceber que sobressai, nessa notícia, a imagem passada pela mídia de que além de ser corrupto e gastar dinheiro público a seu favor, o referido senador ainda tenta iludir o povo, visando a ser admirado pelas qualidades pessoais, nesse caso, sua trajetória literária e política que será exposta no *site*, em que, provavelmente, serão destacados apenas os aspectos positivos.

A expressão chapa-branca, de acordo com o site www.dicionarioinformal.com.br, “deriva das placas brancas de veículos oficiais, algo relativo ao Governo ou aos seus órgãos de poder”. Assim, entendemos que por divulgar que o conteúdo do *site* é 100% chapa-branca, a mídia, por meio desse *blog*, propaga que o Senador José Sarney terá no *site* encomendado por ele, uma trajetória política e literária que tentará expressar apenas fatos positivos relativos ao Senador, com o intuito de melhorar sua imagem junto à sociedade, de um modo geral. Porém, como sabemos que a linguagem é opaca e constitutivamente heterogênea, essa tentativa pode não ser alcançada, caso haja leitores com capacidade crítica aguçada.

A expressão “pendurar na conta” é comumente utilizada no sentido de responsabilizar a despesa ou os custos para pagar posteriormente ou para que outros paguem. No caso dessa notícia, os custos da consultoria de imagem e da construção do *site* foram pagos pelo Senado, bem como o pagamento pela organização do acervo pessoal de livros e documentos de Sarney há anos. A atitude de pendurar na conta, muitas vezes, pode ser verificada no cotidiano de pessoas que não têm, no momento da efetivação da despesa, condições para pagá-la. No caso de Sarney, essa situação pode ser vista como uma ironia se levarmos em conta os altíssimos salários que os senadores e detentores de demais cargos políticos recebem, ou seja, não lhes faltam condições financeiras para satisfazerem suas vontades.

A utilização da expressão “ficar bem na foto” pode se referir à questão da reputação, nessa notícia, essa expressão remete ao fato de que Sarney tenta melhorar sua credibilidade com a criação do *site*. Por outro lado, essa expressão também pode ser relacionada com a foto que aparece na notícia, podemos perceber que a tentativa de Sarney foi frustrada, pois aparece com semblante carrancudo e sério na imagem representada.

Cumpramos ressaltar que a notícia “Sem botar a mão no bolso”, por se tratar da personalidade política José Sarney, acusado de envolvimento em corrupção, vai dialogar com

a charge digital “Depois da dedetização”, que será analisada posteriormente e que também traz à baila a questão da corrupção dos políticos, os benefícios adquiridos ilicitamente.

segunda-feira, 16 de janeiro de 2012

19:32 | **Congresso**

Ratos, baratas e escorpiões



O Senado classificou de “**animal não identificado**” o rato que mordeu o pé de uma servidora da Secretaria-Geral da Casa na semana passada, mas a estratégia para evitar o trocadilho político fracassou. Com a repercussão do assunto, diferentes teorias surgiram para justificar a fúria inesperada do bicho sem identidade.

A mais plausível tem relação com o hábito dos servidores do Senado de levar comida para o local de trabalho, o que atrairia o interesse dos ratos.

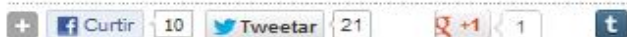
Há pouco tempo, o lugar preferido dos ratos era a Taquigrafia do Senado, que fica no subsolo do plenário. Como o local sofreu reformas, suspeita-se que os ratos também se mudaram para a Secretaria-Geral.

Entre os servidores mais antigos, a presença de toda sorte de bichos no Senado é mais do que conhecida. Um deles relata:

– Além dos ratos, tem uma parte aqui do Senado que tem muito escorpião. A gente brinca: não mata o escorpião porque é ele que come a barata.

Por *Lauro Jardim*

Tags: **Congresso**, **Senado**



Já a notícia “Ratos, baratas e escorpiões”, postada no *blog Radar on-line* no dia 16 de janeiro de 2012, às 19 h 32 min, trava um diálogo explícito com a charge digital “Depois da dedetização”, de Maurício Ricardo, que será analisada posteriormente. Essa notícia que também se enquadra no tópico “Congresso” remete-nos, interdiscursivamente, ao fato acontecido no Senado em que um rato mordeu o pé de uma servidora. Destacamos que o título da notícia abrange, além dos ratos, que realmente ocuparam o Senado naquela ocasião, mais dois animais nocivos ao ser humano, produzindo um efeito de sentidos de que todos os animais encontrados naquele lugar trazem prejuízos à sociedade, sobretudo, por se remeterem à sujeira. Afinal, ratos, baratas e escorpiões geralmente são encontrados em locais sujos. Sendo assim, seria o Senado, também, um lugar de muita sujeira? Sujeira é um termo que

remete, interdiscursivamente, à corrupção que ocorre no meio político. Seriam todos os políticos somente prejudiciais à sociedade, ou será que existe algum que traz algum benefício? Esses são alguns questionamentos que poderiam ser discutidos no momento de análise desse texto em sala de aula.

A fala de um dos servidores representada no último parágrafo da notícia: “não mata o escorpião porque é ele que come a barata” pode produzir efeitos de sentidos relacionados à questão da competitividade/rivalidade entre os políticos, em outras palavras, eles agem a fim de destruir a reputação de seus opositores partidários.

No início da postagem, há uma imagem de um homem que usa máscara e coloca um recipiente que parece ser de veneno em uma bomba pulverizadora, a qual procura manter o máximo de distância possível. Acreditamos que esse homem também seja um servidor do Senado que tenta solucionar o problema, visto que não está vestido adequadamente como um profissional qualificado para esse tipo de serviço, afinal, não usa luva, nem outros equipamentos de segurança, além da máscara.

Esse fato virou notícia, porque reativa nossa memória discursiva, associando o animal “rato” e outros insetos nocivos aos políticos corruptos tão condenados e expostos pela mídia. Comprovamos essa antiga comparação entre ratos e políticos, por meio da capa da revista *Veja* de Maio de 2005, quando expõe um personagem com cabeça de rato e corpo de homem vestido de terno, com um anel brilhando no dedo de uma mão e um charuto na outra mão, representando, assim, as personalidades políticas que eram acusadas de escândalos de corrupção política na época.



Ed. 1906 (maio/2005)

(GONÇALVES, 2009)

Ratos são animais roedores de alimentos e os políticos corruptos são associados e/ou comparados a esses animais pela mídia, nesse caso, representada pelo autor do *blog*, por seu suporte que é a *Veja*, e pelo chargista Maurício Ricardo. Desse modo, os políticos são tidos como “roedores” do dinheiro público.

Podemos verificar nas charges, nas notícias analisadas, assim como na capa da revista um ataque satírico aos políticos, favorecendo/induzindo o leitor subversivo a articular uma atitude ofensiva. Segundo Moisés (1974, p. 470), “a sátira consiste na crítica às instituições ou pessoas, na censura dos males da sociedade ou dos indivíduos”.

Uma ruptura com o real, ou seja, a realidade vislumbrada sob novos prismas nos faz perceber o carnavalesco no discurso desses gêneros. O mundo real é notadamente colocado ao avesso quando se projeta a imagem (fotografia) de um animal “rato” representando uma personalidade política.

Retomando a notícia “Ratos, baratas e escorpiões”, visualizamos abaixo da imagem o enunciado: “Luta contra animal não identificado”. A notícia gera uma crítica ao fato de o Senado ter denominado o rato de “animal não identificado”, expressando o pertencimento a uma formação discursiva e ideológica. Segundo a notícia, essa expressão foi enunciada por representantes do Senado a fim de evitar o trocadilho político tão conhecido, afinal seria complicado o Senado enunciar “Luta contra rato”. Isso traria interpretações negativas relacionadas ao Congresso Nacional. A nosso ver, os efeitos de sentidos que a sociedade produziria, de um modo geral, representando formações discursivas e ideológicas distintas das dos políticos do Senado e influenciada pela mídia, seriam relacionados a uma luta instaurada contra algum político corrupto, por isso é usado o termo ‘animal não identificado’, de forma ambígua, visando a não identificar diretamente um, ou até generalizar, deixando para o leitor produzir os sentidos possíveis.

Acreditamos ser oportuno apresentar, a seguir, os 21 comentários que essa notícia teve até a data em que a analisamos, a fim de demonstrar que a maioria deles relacionou o fato de o animal “rato” ter sido encontrado no Senado com a questão da corrupção política. Isso comprova que a memória discursiva dos leitores foi reativada para que a maioria deles fizesse tal comparação.

21 Comentários



Ailma - 31/03/2013 às 13:59

Nós temos a satisfação de poder dizer a vcs que exterminamos com o problema de baratas, ratos, escorpioes, cupins, formigas, etc...
ligue nos e garantimos os serviços prestados.
61 3383-3811



Adriano - 18/01/2012 às 10:12

O brasileiro bem que desconfiava que no Congresso está cheio de animais não identificados...
No dia que identificarem, é prisão, digo dedetização na certa!



Mari Labbate *44 Milhões* - 18/01/2012 às 9:46

Eu conheço a "RAINHA DOS ESCORPIÕES"! CUIDADO COM ELA...



Think tank - 17/01/2012 às 15:45

Vamos jogar gatos para acabar com as ratazanas bípedes especializadas devorar dinheiro dos contribuintes.



MRT - 17/01/2012 às 13:04

Pelo visto a fauna está completa, agora deve ter muito mais ratazana por lá, não só no senado...



Valdir A. C. - 17/01/2012 às 12:14

Hummm... Será que o rato que mordeu a servidora não usava terno e gravata e tinha cartão corporativo!



Luis - 17/01/2012 às 10:35

Como diria o José Simão "mais uma piada pronta".



Fe/Brasil - 17/01/2012 às 6:19

TERIA SIDO UMA RATAZANA? – Animal não identificado? Pode ser então uma ratazana? Por onde andava naquele momento a senadora Martaxa, por exemplo?



G. Carvalho - 17/01/2012 às 4:28

Parece que a turma jovem não teme a desinfestação, mas senadores mais idosos receiam os efeitos do raticida a ser usado. Têm razão para tanto. Os dinossauros deixaram de existir por iniciativas análogas ou semelhantes, segundo me afirmaram. Não é tradição brasileira prevenir; as chuvas provam a validade da premissa. Mas, temos de admitir que alguns senadores reagem por precaução. O seguro, afinal, morreu de velho. O desconfiado ainda vive.



Paulo Renato Vieira - 17/01/2012 às 0:54

A muito tempo os ratos se mudaram para os gabinetes e para o plenário



Roberto - 17/01/2012 às 0:39

O animal, roedor, não identificado é um senador.



Luciano - 17/01/2012 às 0:30

Pelo que ando vendo e lendo, o único bicho que não poderia ter mordido a servidora é um... TUCANO!



Coelho - 17/01/2012 às 0:25

Os nossos prezados congressistas não precisam se preocupar por quaisquer mordida por parte dos roedores, pois a corrupção e roubos já os torna imunes...!!!




ze do matogrosso - 17/01/2012 às 0:07


é... estes seres por muitos repugnados só proliferam em ambientes propícios e adequados... a sua perpetuação... será que não é o cheiro de tantos cadáveres insepultos pelo voto... ou por nossa INDIFERENÇA?... ACORDA BRASIL...





GEORGE - 16/01/2012 às 23:50


OS RATOS E BARATAS SAO PETS DOS SARNEY. JA OS ESCORPIOES SAO DIVIDIDOS ENTRE COLLOR E MALUF.


 **Fabricio** - 16/01/2012 às 23:14
Deve ter muito rato no plenário também, não tem!?

 **Anônimo** - 16/01/2012 às 23:12
"animal não identificado" ? Só pode ter sido um senador!

 **J.B.CRUZ** - 16/01/2012 às 22:31
A associação é inevitável !! Rs,rs,rs,rs,rs,...

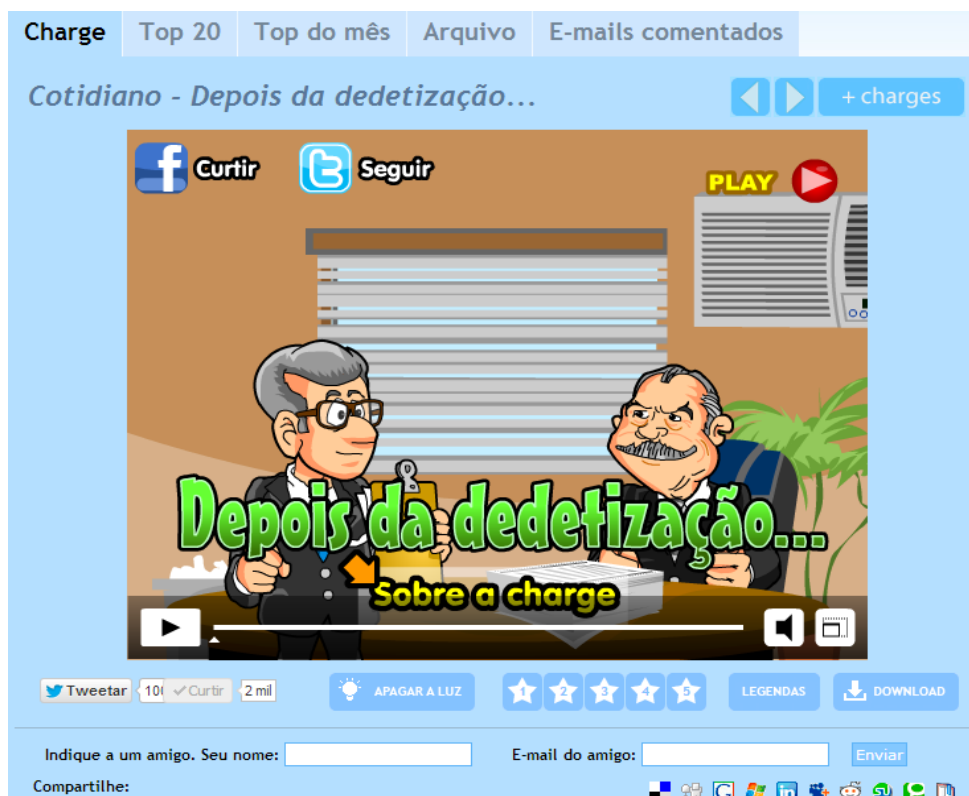
 **sidney** - 16/01/2012 às 22:15
Cuidado podem matar SARNEY, COLLOR E MERCADANTE.

 **giba** - 16/01/2012 às 22:11
Somente agora é que descobriram que tem ratos no senado???? no congresso nacional esta chapado de ratazanas. 99% com dois pés.

 **pedro couto** - 16/01/2012 às 20:52
Pelo que eu conheço, tenho a impressão de que a limpeza nestas repartições não estão sendo feitas como se devem. Se é que existe equipes para efetuarem tal serviço. Digo isto pelo simples fato de que, quando ratos, baratas e mesmo escorpiões são atraídos para o interior de um imóvel é porque existe muita sujeira, (notem bem, não estou associando a nada) apenas citando o caso dos indesejados animais. Agora levando se em conta de que um Ministro, autorizou a "desratização, desmorcegatização, como também a despombalização" do Ministério da Justiça. Há de convir que a coisa em Brasília anda em petição de miséria, literalmente.

Observando esses comentários, verificamos que apenas dois deles, o de Ailma (31/03/2013) e o de Pedro Couto (16/01/2012), fazem menção ao fato da aparição do animal "rato" no Senado. No entanto, todos os demais comentam sobre corrupção política. Essa constatação nos mostra o quanto a mídia, de um modo geral, por repetir, tantas vezes, as mazelas das questões políticas em nosso país, acaba criando uma imagem de que todos os políticos são corruptos e indignos de confiança, desmotivando, assim, nossos jovens de terem o desejo de exercer seu direito cidadão de voto.

Passemos à análise da charge digital "Depois da dedetização", publicada no site www.charges.com.br, no dia 01/02/2012, que dialoga com as duas notícias do *blog Radar online*, anteriormente analisadas. Segue a imagem da tela inicial da charge, onde podemos visualizar o *link* "Sobre a charge", que quando clicado aparece a seguinte mensagem: "O Senado foi ocupado por ratos. Dessa vez, literalmente. É sério! E olha que estavam em recesso parlamentar! Como não utilizar essa piada pronta?"



(QUIRINO, 2012)

Inicialmente, ao ler a seção “sobre a charge”, já podemos verificar o direcionamento ideológico que será exposto por meio da charge. Maurício Ricardo, já na sessão de abertura da charge - que serve para situar o leitor/expectador do contexto que a gerou - direciona o olhar de seu público, ao utilizar o enunciado “dessa vez, literalmente”. Essa expressão nos faz pensar que isso já aconteceu outras vezes (a ocupação do Senado por ratos), afinal há tempos em que os políticos são conhecidos como “roedores” do dinheiro público, esta prática de corrupção política acabou se tornando comum em nosso país, infelizmente. Ao utilizar o enunciado “é sério” após “dessa vez, literalmente”, acreditamos que o chargista visualiza a imagem de seu leitor desacreditando de seu enunciado anterior, por isso, necessita, discursivamente, reiterar o que já citou com a expressão “é sério”, como que estivesse levando seu interlocutor a mudar de opinião e acreditar nele. Nesse sentido, podemos citar a importância da verificação das formações imaginárias que designam os lugares atribuídos pelos interlocutores a respeito do outro e de si mesmos no processo discursivo.

No enunciado utilizado em “sobre a charge”, quando o chargista enuncia “e olha que estavam em recesso parlamentar”, podemos observar a ambiguidade, o silenciamento ou omissão com relação a quem estaria em recesso, para fazer esse jogo ambíguo, estariam os políticos em recesso ou os ratos? Anteriormente ele só tinha citado os ratos (animais), não

havia mencionado os políticos, no entanto, seria muito estranho que esses animais estivessem em recesso. Diante disso, acreditamos que essa comparação entre ratos (animais) e políticos já estava internalizada na memória e imanente no discurso tanto de Maurício Ricardo, por meio dessa charge, como também no discurso de Lauro Jardim, por intermédio da notícia “ratos, baratas e escorpiões”, que analisamos anteriormente, retirada do *blog Radar on-line*.

A seguir, transcrevemos o conteúdo da charge. Utilizamos a letra **J** para designar **José Sarney**, a letra **A** para assessor e a letra **S** para secretária:

J: Amanhã termina o recesso! O que aconteceu durante a minha ausência?
A: Os ratos do Senado foram eliminados.
J: Os ratos? O...o...o...o...os ratos?
A: Sim, Presidente.
J: Alguns deles?
A: Não, presidente. Todos.
J: Malditos! Malditos! Esperaram a minha ausência para promover essa ação persecutória injusta e caluniosa...
A: Calma, Presidente, eram só ratos...
J: Só ratos, só ratos? E como é que vai ficar a nossa bancada? Quem vai compor a mesa diretora? Isso é uma crise institucional...
A: Presidente, foi necessário, um deles atacou uma servidora...
J: Atacou coisa nenhuma, foi consensual, isso é piriguete querendo arrancar dinheiro... Mas, espera aí, a Justiça também estava em recesso, como é que eliminaram os ratos?
A: Veneno...
S: Presidente, a sua água...
J: Suma, suma, a mim vocês não pegam, a mim não, a mim não...

Observa-se que a representação de José Sarney inicia a charge afirmando que no dia seguinte terminaria o recesso e perguntando a um assessor a respeito do que havia acontecido no Senado durante sua ausência. Convém lembrar que, na época da criação e divulgação da charge, José Sarney era o presidente do Senado. Notamos essa representação de Sarney, embora ainda estivesse em recesso, retornou um dia antes ao trabalho para colocar-se a par dos acontecimentos ocorridos naquela Casa durante o tempo em que estava ausente, demonstrando, a nosso ver, preocupação e responsabilidade com o bom andamento do trabalho no Senado e fazendo jus a seu cargo de presidente.

No entanto, todo o restante da charge o ironiza, pois sua própria representação, na charge, faz uma autoacusação como sendo um dos políticos corruptos que ocupam o Senado. Em toda a charge há a presença notável da ambiguidade, da polivalência de sentidos que uma mesma palavra assume. Em todo o tempo o assessor está relatando sobre a dedetização no Senado, o extermínio dos animais roedores que foram encontrados naquela Casa e que gerou a notícia anteriormente analisada retirada do *blog Radar on-line*. No entanto, a representação de Sarney entende a palavra “rato” como “político corrupto” e isso gera a confusão durante toda

a charge, o que também ocorreu com a notícia mencionada, a recorrência à memória discursiva dos leitores trazendo à baila a antiga comparação entre os ratos e os políticos. Essa confusão gera todo o humor desta charge, verificamos aqui a utilização de um discurso burlesco. Toda a seriedade que os agentes governamentais deveriam representar à sociedade por ocuparem cargos de grande representação acaba sendo trocada pela zombaria e pela visão do ridículo em que a mídia os transforma.

A resposta de seu assessor relatando o fato de que os ratos foram exterminados gera um grande desconforto e isso pode ser percebido em sua resposta em que gagueja perguntando repetidamente ao assessor: “Os ratos? O...o...o...o...os ratos?”, com semblante de susto e inquietação, o qual o chargista consegue representar com perfeição por meio do olhar arregalado de Sarney, que acaba sendo cômico para quem assiste a charge. Afinal, o presidente do Senado, na situação da charge, imagina que foram seus colegas senadores que foram eliminados. A respeito do cômico que é um elemento que também pode ser verificado nas charges, Gil (2011, p. 41) aponta que “o cômico derivaria assim do prazer que nos ocasiona o contraste entre o real e o verossímil e o inesperado ou impróprio”.

A charge continua com a resposta afirmativa do assessor, gerando a pergunta de Sarney se foram apenas alguns. Diante da resposta negativa do assessor, afirmando que foram todos, a representação de Sarney enfurece, levanta-se de sua cadeira e responde: “Malditos! Malditos! Esperaram a minha ausência para promover essa ação persecutória injusta e caluniosa [...]”.

Com isso, o chargista consegue resgatar a vida literária e cultural de José Sarney ao utilizar a expressão “ação persecutória injusta e caluniosa”. A palavra ‘persecutória’ não é geralmente utilizada numa linguagem mais comum, sendo reservada apenas àqueles que têm o domínio da norma culta da Língua Portuguesa. Segundo o *site* www.academia.org.br, Sarney atuou como membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, da Academia Maranhense de Letras, da Academia Brasiliense de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa. Foi redator, diretor e colaborador de diversos jornais e recebeu várias condecorações como a Medalha Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, entre outras.

Após a demonstração de raiva e fúria de Sarney, xingando aqueles que, para ele, exterminaram seus colegas, pois ele não entende a eliminação dos ratos como um efeito da dedetização, seu assessor tenta acalmá-lo enunciando: “Calma, Presidente, eram só ratos”. No momento de produção de sentidos da charge, não podemos deixar de verificar os não ditos que são presentes em qualquer texto. A representação de Sarney não afirmou explicitamente

que a bancada a que pertencia e a mesa diretora do Senado eram compostas exclusivamente por políticos corruptos, porém a maneira como enunciou: “Só ratos, só ratos? E como é que vai ficar a nossa bancada? Quem vai compor a mesa diretora? Isso é uma crise institucional” nos faz compreender que, para ele, não eram só ratos no sentido de políticos corruptos que tinham sido exterminados, eram, exatamente, seus companheiros de bancada e da mesa diretora. Portanto, ele entrega toda sua bancada.

Por sua vez, a representação do assessor de José Sarney enuncia que foi necessário exterminar os ratos (animais), porque um deles havia atacado uma servidora do Senado. Porém, como ocorre em toda a charge, a ambiguidade prevalece, pois Sarney entende esse ataque como um tipo de assédio sexual feito por uma servidora a algum senador. Isso pode ser percebido por sua resposta em que afirma que foi consensual, que isso seria ‘piriguete’, tentando arrancar dinheiro. Logicamente seria impossível um rato (animal) entrar em consenso com uma funcionária do Senado. O humor é verificado na charge pelo fato de a representação de Sarney, na época presidente do Senado, enunciar a palavra “piriguete”, muito utilizada na linguagem coloquial. De acordo com o *site* www.significados.com.br :

Piriguete é um termo **pejorativo**, usado para descrever uma mulher que não quer outra coisa senão **diversão** e **prazer**. Piriguetes são as mulheres independentes e liberais que procuram ter envolvimento físico com um homem que pode ser solteiro ou comprometido. Uma das suas características é que ela não se apega facilmente e normalmente não procura um relacionamento duradouro. [...] A piriguete não costuma ser muito bem vista pelo público feminino e muitas vezes nem mesmo com o masculino, pois são tachadas de vulgares e afins, e apesar de muitas se sentirem inferiorizadas, é uma palavra muito usada em brincadeiras.

A utilização da palavra ‘piriguete’ mostra que, para defender sua classe, ou seja, os políticos, Sarney acaba apresentando uma imagem negativa e inferior da funcionária do Senado que teria sofrido o ataque do rato, tentando enfatizar nela o defeito de querer se beneficiar, ou seja, “arrancar dinheiro”, nas palavras de Sarney. Vale destacar, ainda, que a utilização dessa palavra também causa risos, pois apresenta uma contradição entre a representação de Sarney culta e letrada anteriormente exposta na charge, um efeito inesperado, o que é comum nas charges e piadas, é o que causa humor.

Para despertar risos, é necessário haver compreensão das estratégias utilizadas pelo enunciador. A respeito dos estudos sobre o riso, Gil (2011, p. 35) afirma que

[...] as teorias do contraste, nas quais nos incluímos, entendem o riso como o resultado da percepção de uma contradição. O riso decorre, portanto, de uma propriedade da razão e do entendimento. Essa forma de entender o humor conquistou a preferência de estudiosos de diversas áreas e especialmente de cientistas da linguagem.

Em seguida, a representação de Sarney questiona a maneira como seus colegas foram eliminados, pois a Justiça também estava em recesso. Seu assessor responde que foi com veneno e nesse instante aparece, na charge, a imagem de uma funcionária do Senado, suposta secretária de Sarney, com uma bandeja e um copo de água dizendo: “Presidente, a sua água...”. Como em toda a charge, mais uma vez, verificamos a ambiguidade, Sarney compreende que seus colegas foram eliminados com veneno e imagina que estão querendo fazer o mesmo com ele, por isso nega a água oferecida, dizendo: “Suma, suma, a mim vocês não pegam, a mim não, a mim não...”. Dessa maneira, ele se autodenomina rato como seus colegas, ou seja, assume, na charge, que também é um rato, um político corrupto.

De acordo com o exposto até aqui, as análises tanto da charge “Depois da dedetização” quanto das notícias extraídas do *blog Radar on-line* “Sem botar a mão no bolso” e “Ratos, baratas e escorpiões” confirmam a questão da opacidade da linguagem, seu caráter heterogêneo e plurissignificativo. O efeito da ambiguidade em toda a charge gera o humor, a ironia e a sátira. A reativação da memória discursiva do leitor é fator essencial na produção dos sentidos dessa charge. Esses gêneros analisados nesse bloco, como no anterior, apontam para uma denúncia ferrenha de corrupção daqueles que estão no poder, detentores de cargos políticos. Sendo assim, a efetiva produção de sentidos desses gêneros digitais em sala de aula requer conhecimentos relacionados à política, motiva os alunos a buscarem informações em diversas fontes de pesquisa a fim de que o humor, a sátira e a ironia se estabeleçam, bem como os leva a um embate crítico e reflexivo com esses textos.

4.2.3 Notícias “Os mudinhos de Cachoeira” e “A lavanderia do Deltaduto” dialogam com a charge digital “Carlinhos não depondo”

quinta-feira, 31 de maio de 2012

12:33 \ **Congresso**

Os mudinhos do Cachoeira



Líder dos mudinhos

Com o STF expedindo habeas corpus em escala industrial, os comparsas do bicheiro **Carlinhos Cachoeira** foram apelidados pelos integrantes da CPI mista de “mudinhos do Cachoeira”.

O apelido decorre do fato de nenhum dos enrolados nas falcatruas do bicheiro, incluindo o próprio, ter topado prestar depoimento à comissão. Todos recorreram ao direito de permanecer em silêncio na CPI.

Por Lauro Jardim

Tags: **Carlinhos Cachoeira**, **CPI mista do Cachoeira**, **mudinhos**, **STF**



A notícia de fatos políticos “Os mudinhos do Cachoeira” postada no *blog Radar online* no dia 31 de maio de 2012, às 12 h e 33 min, enquadrada no tópico “Congresso”, inicia com a imagem de Carlos Augusto de Almeida Ramos¹², mais conhecido como Carlinhos Cachoeira, um empresário do ramo de jogos ilegais que ficou nacionalmente conhecido por seu suposto envolvimento com vários crimes, entre eles, corrupção ativa e passiva, lavagem de dinheiro, falsidade ideológica, contrabando, formação de quadrilha, violação de sigilo profissional e contravenção penal de exploração de jogos de azar, de acordo com o que expôs a mídia brasileira.

A relação de crimes que esse empresário foi acusado é bem extensa, a nosso ver, o que fez com que Carlinhos Cachoeira se destacasse na mídia foi o fato de que, de acordo com acusações feitas, teve envolvimento com diversos políticos, servidores públicos e jornalistas.

¹² Os textos lidos referentes aos escândalos políticos relacionados a Carlinhos Cachoeira podem ser acessados nos *links*:

<<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1075181-entenda-o-caso-cachoeira-que-sera-alvo-de-cpi-no-congresso.shtml>>

<<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/02/entenda-envolvimento-de-cachoeira-em-escandalo-no-governo-lula.html>>

<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/04/veja-e-cachoeira-entenda-as-relacoes-da-revista-com-o-crime-organizado.html>>

<<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/cpi-cachoeira/delta-repassou-verba-publica-para-cachoeira-revela-relatorio-da-pf,712a85e4083da310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>

De acordo com a Folha de São Paulo ¹³, no dia 29 de fevereiro, Carlinhos Cachoeira foi preso durante uma operação denominada Monte Carlo, que “desarticulou organização que explorava máquinas de caça-níqueis no Estado de Goiás”. Durante essa operação, alguns grampos da Polícia Federal revelaram ligações entre Carlinhos Cachoeira e políticos de Goiás, incluindo o governador Marconi Perillo (PSDB) e o senador Demóstenes Torres (DEM). Nesse período, foram feitos vários pedidos de investigação sobre as relações de parlamentares com Carlinhos Cachoeira.

Ainda em conformidade com a folha de São Paulo, em reportagem postada em 13/04/2012, havia suspeitas de que políticos e jornalistas tiveram seus e-mails interceptados ilegalmente pelo grupo de Cachoeira. Após todas essas denúncias, a Câmara e o Senado fecharam acordo e instalaram uma CPI mista sobre o caso Cachoeira.

Retornando à notícia extraída do *blog Radar on-line*, constatamos que o fato evidenciado é que Carlinhos Cachoeira e seus “comparsas”, conforme linguagem utilizada na notícia, não aceitaram prestar depoimento à comissão que apurava os fatos. O título da notícia “Os mudinhos de Cachoeira” e a legenda expressa abaixo da imagem de Carlinhos “Líder dos mudinhos” explicitam ironia, no sentido de focar uma deficiência, que nem Carlinhos Cachoeira nem os outros envolvidos em seu esquema tinham, na realidade, mas que, naquela situação, receberam apelido de “mudinhos”, pois usufruíram seu direito constitucional de permanecerem calados na CPI. Eles preferiram se silenciar e sabemos que o silêncio significa, no caso, poderia ser uma forma de não se comprometer mais, expor seus cúmplices. De acordo com Orlandi (2007, p. 12),

[...] há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer. Essa dimensão nos leva a apreciar a errância dos sentidos (a sua migração), a vontade do “um” (da unidade, do sentido fixo), o lugar do *non sense*, o equívoco, a incompletude (lugar dos muitos sentidos, do fugaz, do não-apreensível), não como meros acidentes de linguagem, mas como o cerne mesmo de seu funcionamento.

A notícia analisada ainda informa que o STF estava expedindo *habeas corpus* em escala industrial. Essa expressão “escala industrial” nos faz entender que haviam vários suspeitos de irregularidades envolvidos no esquema ilegal de Cachoeira e o autor do *blog* bem como o suporte que o hospeda se utilizam dessa notícia para demonstrarem sua inscrição ideológica, denunciando e tornando cada vez mais negativa a imagem dos políticos.

¹³ Esta reportagem pode ser acessada no link:
<<http://www1.folha.uol.com.br/poder/1075181-entenda-o-caso-cachoeira-que-sera-alvo-de-cpi-no-congresso.shtml>>

Sendo assim, verificamos que a notícia se desenvolve utilizando algumas palavras da contravenção como “comparsa”, “bicheiro”, “enrolados”, “falcatruas”. Por meio desse vocabulário utilizado na notícia, reconhecemos tanto em Carlinhos Cachoeira quanto nos demais envolvidos nos esquemas denunciados características de bandidos, marginais. Afinal, essa é a imagem que mais tem sido recorrente na mídia, de um modo geral, quando se refere aos políticos. Em outras palavras, entendemos que o vocabulário é estrategicamente utilizado a fim de que os leitores identifiquem nas personalidades políticas representadas nesse *post* (notícia política) atitudes que os denunciam como um grupo de desqualificados para ocuparem seus cargos.

quarta-feira, 26 de setembro de 2012

14:23 \ Congresso

A lavanderia do Deltaduto



A “fornecedora” da Delta que não tem empregados, não tem receita e não paga impostos

Seguindo o rastro do dinheiro distribuído a “fornecedores” da Delta Construções, os parlamentares da **CPI mista do Cachoeira** chegaram ao curioso caso da G&C Construções e Incorporações, empresa que recebeu da empreiteira de Fernando Cavendish cerca de 37 milhões de reais.

A empresa é, para a CPI, o exemplo acabado de como funcionava o esquema montado a partir da Delta para drenar dinheiro da empreiteira para campanhas políticas e para os negócios do bicheiro Carlinhos Cachoeira.

Aberta em 19 de maio de 2010, a empresa transformou-se logo em uma grande recebedora de recursos da Delta (cerca de 13 milhões de reais só naquele ano), mas a montanha de dinheiro sacada de suas contas nunca foi revertida em dividendos para a empresa. Cruzando os dados do sigilo fiscal remetido à CPI, os técnicos descobriram que a G&C declarou receita bruta de 29 800 reais, em 2010.

Além disso, a “fornecedora” da Delta, que tinha como atividade econômica principal a “construção de edifícios”, jamais declarou possuir empregados ou pagou tributos federais.

Com endereço registrado na minúscula Águas Lindas de Goiás (GO), no entorno do Distrito Federal, a G&C tem como representantes legais Adécio Conceição (80% do capital social de 300 000 reais) e Rafael dos Santos Oliveira (outros 20% do capital).

Segundo mostram os dados bancários, apenas Adécio sacou na boca do caixa 15 milhões de reais (4,7 milhões de reais no limiar da campanha de 2010) do dinheiro repassado pela Delta à empresa, sendo que o restante da bolada foi distribuído entre transferências bancárias para outras empresas investigadas pela Polícia Federal e saques de comparsas do bicheiro Carlinhos Cachoeira.

Por Lauro Jardim

Tags: **CPI mista do Cachoeira**, **dados bancários**, **Delta**, **empresas fantasmas**, **investigação**

Já a notícia “A lavanderia do Deltaduto” postada em 26 de setembro de 2012, às 14 h e 23 min, também enquadrada no tópico “Congresso”, inicia com a imagem dos parlamentares que compõem a CPI mista do caso Cachoeira. Abaixo da imagem há o seguinte enunciado: “A ‘fornecedora’ da Delta que não tem empregados, não tem receita e não paga impostos”. Esse enunciado faz um resumo daquilo que a notícia expressará, ou seja, retoma o fato que a mídia estava expondo que a Delta havia repassado dinheiro público para Carlinhos Cachoeira¹⁴, tornando-se, assim, uma empresa que era denunciada como um canal de lavagem de dinheiro público.

O título da notícia “A lavanderia do Deltaduto” é bastante criativo. O sufixo “**duto**” acrescido ao nome da empresa “Delta” vem do latim e, conforme Cunha (1986, p. 280) significa: “canal, conduto, comando, direção”. Assim, com a utilização desse neologismo (hibridismo) podemos depreender que a empresa Delta seria um canal utilizado para desviar verbas públicas. A palavra “lavanderia” pode ter, nesse contexto, dois sentidos distintos: um deles pode se referir à lavagem de dinheiro público que se processava por meio da empresa Delta; o outro sentido que pode ser produzido é relacionado à expressão muito utilizada “lavagem de roupa suja” que é retomada em nossa memória discursiva e social e que pode se relacionar à apuração dos fatos que estava ocorrendo por intermédio da CPI mista.

Nesse sentido, notamos que há diferentes significações para a palavra **lavanderia** bem como de outras palavras existentes, porque se remetem às diferentes formações discursivas, que segundo Orlandi (2007, p. 20) “refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes”. Ao construir os sentidos do título da notícia “A lavanderia do Deltaduto”, alguns alunos poderiam enfatizar a questão de que a empresa Delta seria uma máquina de lavar dinheiro público, outros poderiam salientar a questão de que o suposto caso de corrupção estava sendo investigado, relacionando-o à expressão coloquial “lavagem de roupa suja”.

O chargista e o autor das notícias do *blog* apresentam uma crítica, uma denúncia a uma situação que consideram desajustada na sociedade, porém há algumas diferenças que devem ser apontadas referentes ao fato de que no gênero charge digital os aspectos lúdicos são muito mais aparentes.

¹⁴ Essa informação pode ser verificada no *link* a seguir:
<<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/cpi-cachoeira/delta-repassou-verba-publica-para-cachoeira-revela-relatorio-da-pf,712a85e4083da310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>>

De um modo geral, esta postagem retirada do *blog Radar on-line* noticia o fato de que os parlamentares da CPI, em seus trabalhos investigativos, descobriram o caso da empresa C & G Construções e Incorporações, que era tida como uma fornecedora da Delta - grande empreiteira que recebia recursos financeiros do governo federal - e segundo o exposto nessa notícia, era usada para drenar dinheiro da empreiteira para campanhas políticas e para os negócios de Carlinhos Cachoeira.

Ao remeter às campanhas políticas, é reforçada a ideologia de que os candidatos e seus partidos utilizam ilicitamente recursos públicos que deveriam ser destinados a solucionar os diversos problemas da sociedade, mais uma vez o leitor é direcionado a se revoltar contra os políticos.

Há nessa notícia, como nas demais analisadas e extraídas do *blog Radar on-line*, várias expressões da linguagem coloquial como “seguindo o rastro do dinheiro”, “drenar dinheiro”, “montanha de dinheiro”, “bolada”. O interessante é que nesse caso, todas elas estão relacionadas à questão financeira, ressaltamos que quando se trata de dinheiro, sobretudo, dinheiro que deveria ser usado em benefício dos cidadãos, o interesse dos leitores é motivado a saber mais. A expressão “seguindo o rastro do dinheiro distribuído” remete-nos à investigação, fiscalização, e era isso o que estava acontecendo na denominada CPI do Cachoeira. “Drenar dinheiro”, nesse contexto, pode significar desviar dinheiro. “Montanha de dinheiro” e “bolada”, na notícia, se refere à quantidade considerada exorbitante de recursos que a empresa reconhecida pela mídia como empresa fantasma recebeu da Delta naquele ano (aproximadamente 13 milhões de reais). Aqui podemos depreender uma crítica à questão da enorme quantidade de necessidades que o povo tem em várias áreas essenciais como Saúde, Educação, Segurança, e que não são atendidas, devido ao fato de haver muito dinheiro sendo desviado pelos políticos. Isso retrata uma contradição de nossa sociedade.

Dentre as notícias retiradas do *blog Radar on-line* analisadas nesta pesquisa, esta é a mais extensa. Seu autor apresenta vários dados, a nosso ver, a fim de mostrar como funcionava o suposto esquema de lavagem de dinheiro público por intermédio da Delta. Nos quatro últimos parágrafos são apresentados detalhes a respeito da empresa C & G Construções e Incorporações que levaram a mídia, de um modo geral, a caracterizá-la como “empresa de fachada¹⁵”. Esses detalhes são referentes à data de abertura da empresa, montante de valores recebidos da Delta, receita bruta declarada no ano de 2010, cruzamento de dados com sigilo

¹⁵ Essa caracterização pode ser verificada no *link*:

<<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/cpi-cachoeira/delta-repassou-verba-publica-para-cachoeira-revela-relatorio-da-pf,712a85e4083da310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>

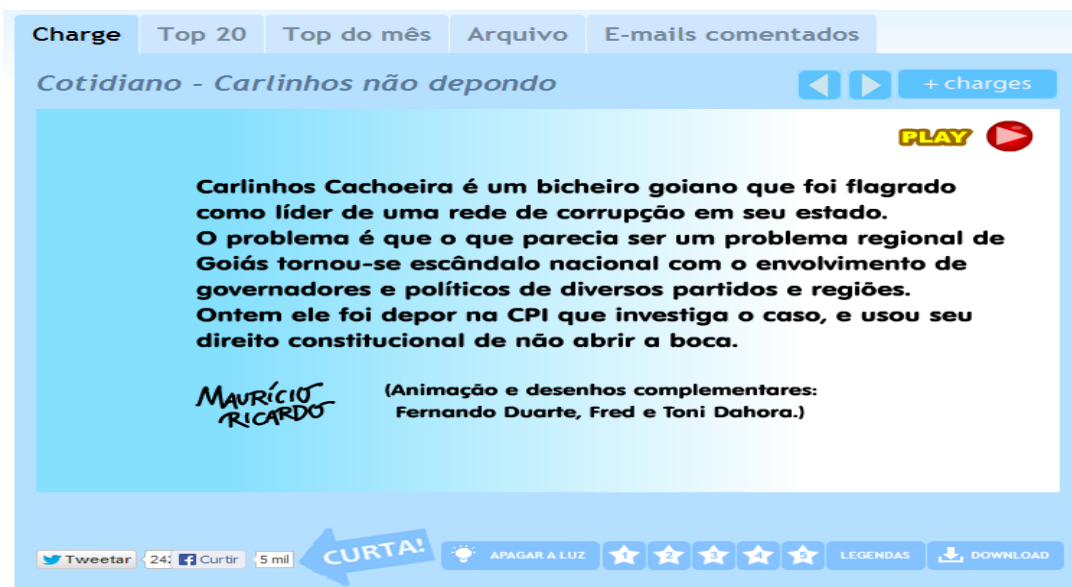
fiscal, atividade econômica principal, endereço, representantes legais e porcentagem do capital social, saque total de 15 milhões de reais recebidos da Delta, sendo 4,7 milhões de reais sacados no limiar da campanha de 2010, além das informações de que não possuía empregados e não pagava impostos federais. A quantidade expressiva de dados da empresa direciona o leitor a se surpreender com tamanha farsa, em outros termos, se indignar com a forma como os políticos “dão um jeitinho” para se beneficiarem ilegalmente, como também pode mostrar a falibilidade de seus projetos corruptos que a qualquer momento podem ser desvendados em caso de uma investigação.

Passaremos à análise da charge digital “Carlinhos não depondo” que dialoga com as duas notícias do *blog Radar on-line* anteriormente analisadas. Essa charge é do dia 23/05/2012 e ironiza o fato de Carlinhos Cachoeira não ter prestado depoimento na CPI.

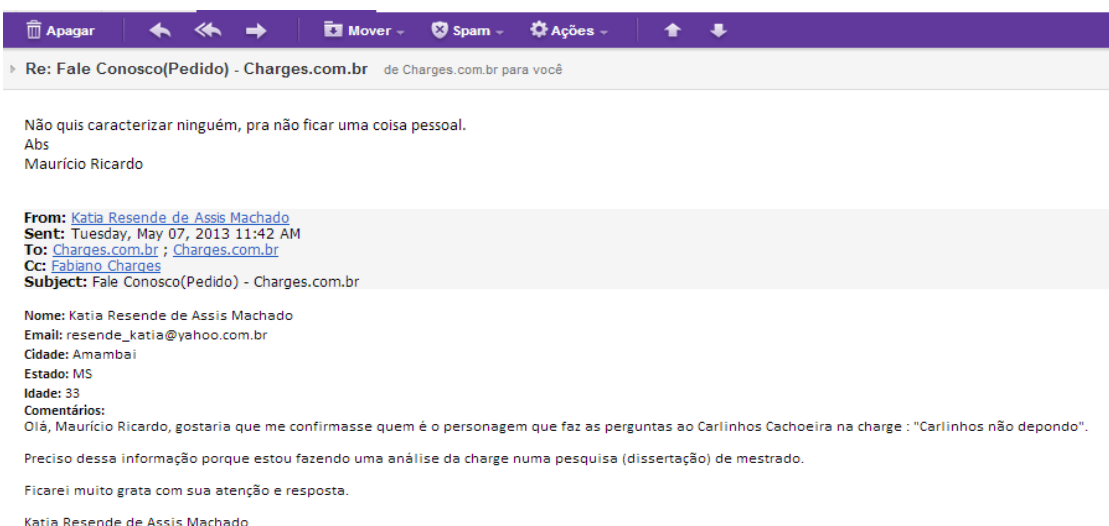


(QUIRINO, 2012)

Na tela inicial da charge aparece o *link* “Sobre a charge”, ao clicá-lo aparece a seguinte tela:



Apresentaremos, a seguir, a transcrição da charge como ela é representada na versão com legenda, também disponível no *site* www.charges.com.br. Utilizaremos a letra **C** para representar a fala de Carlinhos Cachoeira, a letra **I** para representar a fala do interrogador-aquele que faz as perguntas à Cachoeira - e a letra **P** para representar os parlamentares presentes e os que compõem a plateia como jornalistas, repórteres e demais interessados. Cumpre-nos informar que não sabemos ao certo de quem se trata a pessoa que faz as perguntas a Carlinhos Cachoeira na charge digital, pois, de acordo com e-mail de Maurício Ricardo que representaremos a seguir, ele afirma que não quis caracterizar essa pessoa, “para não ficar uma coisa pessoal”. A princípio, acreditávamos que seria o presidente ou o relator da CPI, mas Maurício Ricardo, como autor da charge, não quis se comprometer e não sanou nossa dúvida:



I: Carlinhos, meu broth... hã... Senhor Carlos Augusto. O senhor mm...mm...
C: Hã...
I: O senhor mmm...m...
C: Não tô entendendo!
I: O senhor ofereceu dinheiro a políticos para beneficiar a Construtora Delta?
(música de suspense...)
C: Eu vou usar meu direito constitucional de ficar calado!
P: (aplausos e suspiros)
I: Ufa! O senhor sabe do... envolvimento de governadores em licitações irregulares?
C: Dá pra falar mais devagar?
I: O senhor sabe do envolvimento de governadores em licitações irregulares?
(música de suspense...)
C: Eu não vou falar nada!
P: (aplausos e suspiros)
I: Ufa! O senhor é ligado a qualquer esquema que tenha beneficiado quaisquer dos parlamentares... do Congresso Nacional?...
C: Quer saber? Chega! Chega! Vou dar nome aos bois!
P: Ohh! (grito da plateia)
C: Brincadeira! Não vou falar nada...
(suspiros e risadas)
I: Pô, Carlinhos! Você me mata...

É importante mencionar que no *site* www.charges.com.br há uma seção denominada “Top 20” que apresenta o *ranking* das 20 charges mais votadas de todos os tempos. O primeiro lugar desse ranking, até o momento em que fizemos esta análise, é da charge “Carlinhos não depondo”. Isso demonstra que essa charge teve grande repercussão no meio digital. Quanto à sua interatividade, a charge teve um número bem expressivo de curtidas no *facebook*, que totalizaram cinco mil. Com relação ao *Tweeter*, 245 pessoas a *tweetaram* e recebeu 177 comentários. Veja a imagem da seção “Top 20”:

Charge do dia **Top 20** Top do mês Arquivo E-mails comentados

Top Charges

Confira o ranking das Charges mais votadas de todos os tempos.

- 1º  Cotidiano - Carlinhos não depondo^(23/05/2012)
[Versão com áudio](#) - [Versão com legenda](#)

- 2º  Cotidiano - Prova difícil^(14/06/2011)
[Versão com áudio](#) - [Versão com legenda](#)

- 3º  Cotidiano - Sopapo no Hitler^(07/11/2012)
[Versão com áudio](#) - [Versão com legenda](#)

- 4º  Cotidiano - Leilão de vagas^(08/01/2013)
[Versão com áudio](#) - [Versão com legenda](#)

- 5º  Assassino de 17 anos - Amor de chocolate^(17/05/2013)
[Versão com áudio](#) - [Versão com legenda](#)

A charge inicia com a representação daquele que interroga Carlinhos na CPI lendo a primeira pergunta que provavelmente está escrita numa folha de papel, seriamente e numa velocidade tão rápida que não conseguimos entender ao certo sua pergunta. No início de seu enunciado o compreendemos dizendo “Carlinhos, meu brother” num tom que revela intimidade, no entanto, ele não pronuncia a palavra “brother” por completo, há uma interrupção e, em seguida, ele constrói novamente seu enunciado, formalmente, dizendo “Senhor Carlos Augusto”. Ao produzir os sentidos dessa cena inicial, entendemos, pela forma de tratamento “meu brother”, que o interrogador seria uma pessoa que fazia parte do círculo social de relacionamento de Cachoeira, que, ao perceber que se tratava de uma situação formal de investigação e que não deveria demonstrar qualquer tipo de intimidade com aquele que é investigado, reformula sua fala, porém, não deixa de transparecer sua fisionomia de perturbação, nervosismo e medo, fazendo-nos supor que se tratava de um dos cúmplices de Cachoeira em seus supostos esquemas corruptos. Tudo isso é muito bem articulado pelo autor da charge, estrategicamente, a fim de produzir humor e demonstrar uma denúncia de cumplicidade entre as personalidades políticas supostamente envolvidas naquele escândalo.

O diálogo estabelecido entre esses dois gêneros – notícias políticas “Os mudinhos de Cachoeira”, “A lavanderia do Deltaduto” e a charge digital “Carlinhos não depondo” é fortemente marcado. Se pararmos para verificar os textos divulgados pela mídia nos mesmos dias em que esses dois gêneros foram divulgados, ou seja, no mesmo período de tempo, perceberemos também a interdiscursividade, essa cadeia de textos dialogando um com o outro, retomando ideias, refutando ou concordando um com o outro. A percepção desse recurso interdiscursivo presente nos textos deve ser evidenciada pelo docente no momento de apreensão dos sentidos desses gêneros digitais e essa característica dialógica imanente à linguagem deve ser ressaltada, abrangendo os textos de um modo geral.

A charge apresenta imagens que são importantes para a construção de seus sentidos. Podemos visualizar no cenário a exibição de um frasco de medicamentos e três comprimidos sobre a mesa ao lado da representação do questionador. Diante dessa imagem, podemos imaginar o grau de nervosismo de quem faz as perguntas e supor que aqueles medicamentos se tratavam de calmantes.

Da mesma maneira que os leitores/ouvintes da charge não conseguem compreender exatamente a pergunta feita pela rapidez com que é pronunciada, a representação de Carlinhos também não a compreende. Por isso ele diz “Hã?” num tom de quem não entendeu nada. Esse recurso de pronunciar as palavras muito rapidamente produz humor e torna a cena cômica. Diante disso, o interrogador repete a pergunta novamente numa velocidade muito rápida e Carlinhos diz que não está entendendo nada. A rapidez da pronúncia da pergunta nos faz perceber a estratégia do chargista em denunciar que o interrogador estava querendo fugir daquela situação que, para ele, poderia ser complicada, caso Carlinhos Cachoeira resolvesse confessar os supostos crimes e enumerar seus companheiros.

Em seguida, finalmente, com olhos fixos na folha de papel em sua mão, o interrogador pronuncia a pergunta pausadamente: “O senhor ofereceu dinheiro a políticos para beneficiar a construtora Delta?”. Nesse momento, o interrogador fecha os olhos com semblante de quem espera uma tenebrosa resposta. Esse momento é marcado por uma música de suspense. Esse efeito musical gera uma grande expectativa no leitor/expectador da charge e pode ser considerado um recurso estimulante para os leitores. Carlinhos responde que vai usar seu direito constitucional de ficar calado e em consequência de sua resposta o interrogador dá um suspiro aliviado e um breve levantar da cadeira. Juntamente com a expressão de alívio do interrogador, ouvimos o som de aplausos e suspiros de várias pessoas. Essa cena demonstra que havia um clima de muita tensão tanto por parte do interrogador como de todos os presentes que assistiam o depoimento.

Pela leitura da charge e por intermédio da busca das condições de produção do discurso consolidada por meio de diversas leituras a respeito do caso em questão, percebemos que havia muitos interessados que Carlinhos ficasse calado naquele momento, afinal há, nessa charge digital, uma denúncia de corrupção de Carlinhos Cachoeira bem como de vários parlamentares e até mesmo de jornalistas. Nessa cena podemos visualizar mais uma vez o quanto o silêncio é significativo e importante para a análise do funcionamento da linguagem. Nesse caso, o oposto ao silêncio (o fato de Carlinhos depor) poderia ser uma grande ameaça aos demais envolvidos no suposto esquema corrupto, porém o silêncio deixou ainda mais dúvidas com relação a culpa de Carlinhos e dos demais intimados a depor na CPI.

Nessa perspectiva, ficar em silêncio, ao contrário do que a maioria das pessoas pode pensar, significa muito. Como afirma Orlandi (2007, p. 46), “a significação não se desenvolve sobre uma linha reta, mensurável, calculável, segmentável. Os sentidos são dispersos, eles se desenvolvem em todas as direções e se fazem por diferentes matérias, entre as quais se encontra o silêncio”. Isso pode ser percebido nessa charge, afinal o silêncio significa dispersamente, deixando margem a mais de um sentido como ocorre também no pronunciamento das palavras (oposto ao silêncio).

No caso dessa charge, o silêncio de Carlinhos Cachoeira e as reações tanto do interrogador (nervosismo) como da plateia (apreensão) que assistia ao acontecimento podem significar o comprometimento de todos com o suposto caso de corrupção denunciado na charge.

A charge digital “Carlinhos não depondo” e a notícia extraída do *blog Radar on-line* “Os mudinhos de Cachoeira” demonstram muito bem a significação do silêncio e a sátira que esse silenciamento propõe. Afinal, o silêncio pode expressar, segundo Orlandi (2007, p. 14), “modos de apagar sentidos [...] e de produzir o não-sentido onde ele mostra algo que é ameaça”.

Verificando a interdiscursividade entre esses gêneros, podemos estabelecer uma conexão com a notícia extraída do *blog Radar on-line* “A lavanderia do Deltaduto”, em que a empreiteira Delta é alvo de denúncias de ter se transformado em canal de desvio de dinheiro público, beneficiando Carlinhos Cachoeira, seu grupo e alguns políticos.

Retornando a o que aconteceu na charge, o interrogatório prossegue e mais uma vez o interrogador demonstra sua inquietude pronunciando, novamente, a pergunta muito rapidamente. Carlinhos diz: “dá para falar mais devagar?” e seu interlocutor repete a pergunta vagorosamente: “O senhor sabe do envolvimento de governadores em licitações irregulares?” Novamente notamos o nervosismo do interrogador, pois suas mãos não param de tremer. Há,

novamente, a música de suspense e podemos visualizar, nessa cena, gotas de suor escorrendo de seu rosto. Para alívio de todos representados na charge, Carlinhos diz que não vai falar nada. Novamente ouvimos aplausos e suspiros de alívio e o interrogador diz “Ufa!”

Com as mãos bem mais trêmulas que antes, o interrogador pergunta pausadamente e com semblante de muita preocupação, se Carlinhos é ligado a qualquer esquema que tenha beneficiado quaisquer dos parlamentares do Congresso Nacional. Em seguida, Carlinhos se levanta e diz: “Quer saber? Chega! Chega! Vou dar nome aos bois”. Essa expressão “dar nome aos bois”, a nosso ver, foi usada demonstrando uma vontade enunciativa do chargista em denunciar a grande quantidade de envolvidos, pois segundo o *site* www.dicionarioinformal.com.br, significa “denunciar, informando os nomes dos envolvidos”. Partindo dessa definição, percebemos que a lista de envolvidos com Carlinhos é bem extensa pela quantidade de gritos e de pessoas correndo, tentando fugir, que aparecem na charge. A reação de aflição geral daquelas pessoas, na charge, nos leva a acreditar que estão com medo de serem processadas também. Essa cena de pessoas gritando, correndo de um lado para o outro, expressa o carnavalesco na charge, o cômico, uma situação totalmente inesperada numa CPI.

No entanto, Carlinhos senta e diz que é brincadeira e que não vai falar nada, há, nesse momento, a apresentação de um sorriso sem graça de Carlinhos que gera risos nos leitores/ouvintes da charge. Após essa fala de Carlinhos, podemos ouvir na charge, altas risadas e suspiros. Para finalizar a charge, demonstrando alívio pelo silêncio de Cachoeira, o interrogador diz: “Pô, Carlinhos! Você me mata.”

Essa parte da charge dialoga com a notícia do *blog* Radar *on-line* “Os mudinhos de Cachoeira”, principalmente com o trecho em que há a informação de que o STF estava expedindo *habeas corpus* em escala industrial para os comparsas de Cachoeira. Esse trecho remete-nos, interdiscursivamente, à cena da multidão de pessoas gritando e fugindo que aparece na charge quando Carlinhos diz que vai “dar nome aos bois”. Esses dois gêneros digitais corroboram a informação de que a quantidade de pessoas envolvidas nesse escândalo é muito grande. É importante ressaltar que a charge e as duas notícias do *blog* Radar *on-line* ironizam a questão da grande quantidade de pessoas envolvidas nesse caso de suposta corrupção e faz-nos perceber o quanto Cachoeira era uma pessoa de notável influência.

Durante toda a charge, podemos ouvir um som baixinho de pessoas conversando e após as falas de Cachoeira esses sons das expressões vocais emitidas são bem mais notáveis.

Arelada à linguagem verbal, podemos verificar diversas linguagens não verbais muito significativas na apreensão dos sentidos da charge como os aplausos e os suspiros de alívio da

plateia demonstrando contentamento pelo fato de Carlinhos não ter falado, o tremor de mãos e imagem de muitas gotas de suor escorrendo no rosto do interrogador, denunciando seu possível envolvimento nos supostos esquemas ilegais, a música de suspense entre a pergunta e a resposta de Carlinhos. Todos esses recursos não verbais presentes no gênero digital charge não podem ser verificados nas notícias políticas extraídas do *blog Radar on-line*, por isso acreditamos que a charge digital apresenta uma maneira muito mais dinâmica e lúdica de representar os fatos, complementando e enriquecendo o trabalho com o gênero notícia política.

É salutar mencionar que ao pesquisarmos sobre o caso de Cachoeira, encontramos vários textos citando o envolvimento da *Veja* com Cachoeira, dentre eles, mencionamos a reportagem intitulada “*Veja e Cachoeira: entenda as relações da revista com o crime organizado*”¹⁶, extraída do *site* www.pragmatismopolitico.com.br. Pelo fato de termos como um de nossos objetos de pesquisa o gênero “notícia política” extraída do *blog Radar on-line*, que tem como suporte o *site* da *Veja*, consideramos relevante traçarmos algumas considerações sobre essa polêmica, deixando claro que não aprofundaremos a esse respeito, pois esse não é o objetivo de nossa pesquisa.

A referida reportagem de Aline Scarso denuncia que havia uma relação baseada em interesses de cunho político, econômico e editorial entre o editor-chefe e diretor da sucursal de Brasília da *Veja* – Policarpo Júnior – e Carlinhos Cachoeira. A operação Monte Carlo trouxe evidências, de acordo com essa reportagem de Scarso (2012), que

[...] por trás de diversos furos da revista *Veja* está o bicheiro Carlinhos Cachoeira [...] auxiliado por braços-direitos como o ex-funcionário da ABIN (Agência Brasileira de Inteligência), Jairo Martins, Cachoeira prestava uma ajuda fundamental a *Veja*, ao solicitar gravações que comprometiam adversários e repassá-las para Policarpo com exclusividade.

Scarso (2012) expõe que havia um jogo de interesses nessa relação entre *Veja* e Carlinhos Cachoeira. Ela traz a opinião de Laurindo Leal Filho, que é especialista em mídia e professor de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP: “Essa relação permitia benefícios dos dois lados: de um lado, Cachoeira, querendo através da *Veja* atacar os seus inimigos. Do outro, a revista, por meio dele, atacava setores do governo do qual fazia oposição.”

¹⁶ Esse texto pode ser acessado no *link* a seguir:

<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/04/veja-e-cachoeira-entenda-as-relacoes-da-revista-com-o-crime-organizado.html>>

Essa jornalista aponta para uma parcialidade da Veja com relação aos escândalos relacionados ao bicheiro Cachoeira. Para essa jornalista (2012), “a revista Veja dedicou poucas linhas para tratar do assunto, em clara contraposição ao posicionamento adotado em outros casos de corrupção. Nas últimas seis edições da revista, nenhuma capa tratou do tema”.

Baseada em Laurindo Leal, especialista em mídia, Scarso (2012) argumenta que “a concentração dos meios de comunicação e a falta de órgãos reguladores são entraves para que uma investigação mais séria nesse sentido possa acontecer”. Com relação a essa problemática, concordamos com essa jornalista e acreditamos ser importante que o professor de Língua Portuguesa aponte esses problemas relacionados à mídia e àquilo que ela veicula. Afinal, nem tudo que é veiculado deve ser acatado e tido como verdade inabalável, todas as informações lidas devem passar pelo crivo da criticidade e da questionabilidade, pois todo texto traz a ideologia de quem o escreveu ou da empresa que veicula os fatos, nenhuma notícia pode ser considerada neutra.

Considerações finais

A massificação da interconexão de novas tecnologias e a rápida circulação de gêneros digitais fazem parte de uma realidade tecnológica que, apesar de ainda estar distante de algumas escolas e de alguns alunos, apontam para uma necessidade que urge em nossos dias no que se refere à utilização das linguagens em nossa atual sociedade.

Ressaltamos a relevância do trabalho com uma diversidade de gêneros discursivos no ensino de linguagens, e, no caso desta pesquisa, uma diversidade de gêneros digitais, tendo em vista a importância de se observar a linguagem em funcionamento nas mais variadas instâncias e práticas sociais, a fim de que nossos alunos estejam aptos a utilizar as linguagens em diversas situações, atendendo, assim à necessidade de formá-los para os multiletramentos, sobretudo, o letramento multimidiático, mesmo cientes de que muitas escolas ainda não estão preparadas para essa realidade.

Por meio da análise dos dois gêneros digitais –notícias políticas do *blog* jornalístico Radar *on-line* e charges digitais de Maurício Ricardo – pudemos constatar a interdiscursividade, ou seja, um intercalar de discursos que os perpassam, afinal, a mesma temática que foi retratada nas notícias foi retomada na charge de maneira mais lúdica. Pudemos constatar que, dissimuladamente, neles impera a ideologia dominante, denunciando implicitamente uma desmoralização dos políticos.

Pela especificidade dos gêneros selecionados, priorizamos, neste trabalho, a leitura e a produção dos sentidos, a fim de evidenciar a heterogeneidade e opacidade das linguagens e dos sujeitos e priorizar a retomada das condições de produção do discurso. Os diversos sentidos podem ser construídos a partir desses textos, para isso o docente é desafiado a embasar-se nas perspectivas da teoria dialógica do discurso e da AD que nortearam nossa pesquisa. Assim, o docente poderia destacar as diferentes formações discursivas e ideológicas que são responsáveis pela produção de múltiplos sentidos e influenciam tanto aqueles que produzem esses gêneros como seus leitores.

A disseminação das ideologias é nitidamente verificada nesses gêneros digitais, e essa percepção ocorre somente quando é feita uma leitura crítica da realidade social, histórica, política e cultural que envolve o momento em que esses gêneros são divulgados. Cremos que muitos outros sentidos podem ser construídos, pois os sentidos se produzem dependendo da situação, do leitor e das posições sociais, culturais, econômicas e políticas que ocupam os interlocutores.

No primeiro bloco de análise, foram apresentadas as notícias políticas “No limbo” e “Personagem símbolo” que trazem como alvo de críticas e denúncia de corrupção algumas personalidades políticas, entre elas, José Dirceu, Luiz Antônio Pagot e Antônio Palloci. Nessas notícias, esses agentes políticos eram acusados de serem beneficiados por praticarem consultoria utilizando os conhecimentos adquiridos no período em que estavam no poder, ocupando cargos políticos. Essas notícias dialogam com a charge digital “Conselho de amigo”, que apresenta uma conversa entre a representação da atual presidente Dilma Roussef e a representação de José Dirceu. Nesse diálogo a representação de Dilma pede conselho à representação de José Dirceu e em seus conselhos, que na situação da charge foram vendidos por um preço altíssimo e geraram um efeito irônico e humorístico, sobressai a ideia de que o político deve sempre levar vantagem e que seus interesses pessoais estariam acima de qualquer coisa. O chargista e o autor das notícias criticam o PT e demonstram se inscrever ideologicamente contrários aos ideais desse partido. Afinal todo texto é ideológico e repassa a visão de mundo de seus autores bem como de seus suportes.

No segundo bloco de análise foram apresentadas as notícias políticas “Sem botar a mão no bolso” e “Ratos, baratas e escorpiões”, ambas tiveram como alvo de crítica e denúncia de corrupção o atual Senador José Sarney e sua família. O aparecimento de um animal “rato” no Senado reativou na memória discursiva tanto dos criadores desses gêneros quanto dos leitores a antiga comparação de políticos com ratos e motivou a criação da notícia “Ratos, baratas e escorpiões” e da charge digital “Depois da dedetização” que dialoga com as referidas notícias analisadas. De um modo totalmente satírico e carnavalesco, essa denúncia de corrupção a Sarney e sua bancada é expressa na charge digital de Maurício Ricardo.

Já no terceiro bloco, há a análise das notícias políticas “Os mudinhos de Cachoeira” e “A lavanderia do Deltaduto”, que remetem ao escândalo ocorrido no ano de 2012 relacionado ao empresário Carlinhos Cachoeira e demais envolvidos. A charge digital “Carlinhos não depondo” dialoga com essas notícias políticas postadas no *blog* e, especificamente, aliada à notícia “Os mudinhos de Cachoeira”, comprova o quanto o silêncio é significativo no funcionamento da linguagem. Esses gêneros focalizam uma denúncia a um suposto esquema político e a questão da grande quantidade de políticos, empresários e jornalistas envolvidos nesse caso.

A interatividade, que pode ser observada nesses gêneros por meio dos comentários e das divulgações nas redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, é válida para atestar o grande acesso que esses gêneros digitais têm em nossos dias. Diferentemente de outrora, a instância política, que é a base temática comum aos gêneros selecionados para análise, tem sido muito

debatida e as mazelas ocorridas nessa área têm motivado muitos protestos e manifestações em nosso país. Isso evidencia que tanto as charges digitais quanto as notícias políticas do *blog Radar on-line* constituem um rico e motivador material para análise do funcionamento das linguagens em sala de aula.

A repetição de ideias e conceitos negativos acerca da política e de alguns agentes políticos visualizada nesses gêneros digitais analisados, que dialogam entre si, propõe a insistência de um direcionamento de sentidos estrategicamente articulado pela mídia, a fim de inculcar sua ideologia, muitas vezes, manipulando e influenciando o modo de pensar de muitos. Não é à toa que Courtine (2003, p. 21) afirma que “o discurso político está em crise nas sociedades ocidentais” e, conseqüentemente, verificamos que a comunicação política também retrata essa crise. Essa realidade pode ser visualizada em nossa situação brasileira, fica evidente que a mídia, aqui analisada por meio do *blog* jornalístico e do *site* das charges, consegue passar uma imagem totalmente negativa dos políticos, deixando-os desacreditados, ferindo até mesmo a questão da democracia vigente, pelo fato de expô-los como totalmente indignos de qualquer tipo de confiança; levando, até mesmo, os (e)leitores brasileiros a não mais acreditarem no seu direito cidadão de voto.

Ter uma atitude reflexiva frente a esses gêneros, algumas vezes até desconstruindo os sentidos propostos, pode ser alcançado por meio de um embate crítico com esses textos. Sendo assim, a análise desses gêneros digitais em sala de aula pode ser muito produtiva no sentido de que pode evidenciar o modo como a mídia opera em nossa sociedade, demonstrando o jogo de interesses e de luta por poder que ocorre entre a instância midiática e política. Cientes disso, nossos alunos podem se livrar tanto de ter uma atitude passiva frente a todas as manipulações como de terem que produzir um sentido único, ilusão existente, muitas vezes, até mesmo nos materiais didáticos utilizados nas escolas.

É interessante mencionar que por meio dessas análises verificamos uma grande incidência de utilização da linguagem coloquial, isso pode gerar uma aproximação com os leitores mais jovens e com aqueles consumidores de informações rápidas. Em nossa era tecnológica, essas características podem ser visualizadas em nossos alunos.

Pudemos constatar que esses gêneros digitais analisados nesta pesquisa propiciam a exploração de uma gama de aspectos discursivos, particularidades e traços de sentido como ironia, humor, ambigüidade, sátira, carnavalização do discurso, que caso sejam bem trabalhados em sala de aula, podem auxiliar no processo ensino/aprendizagem de linguagens.

Diante disso, acreditamos que a utilização desses gêneros digitais na sala de aula pode trazer grandes contribuições para o ensino, sobretudo, o de Língua materna. Tendo em vista a

grande dificuldade de escolher material de leitura que estimule os alunos, propomos o trabalho com esses gêneros digitais, pois acreditamos que além da riqueza linguística presente nesses textos, com toda a ironização e não ditos significativos, são gêneros que os alunos têm contato em seu cotidiano, por isso sua produção de sentidos em sala de aula, em muito vai contribuir para o aperfeiçoamento do senso crítico e reflexivo, a ampliação da competência discursiva dos alunos, além de propiciar motivação para a leitura de diversos outros gêneros discursivos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Katia Resende. *O diálogo entre as charges virtuais: do prazer à produção de sentidos*. Cassilândia: UEMS, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira com a colaboração de Lúcia T. Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz – 3. ed. – São Paulo - SP: Hucitec, 1986.

_____. *Estética da criação verbal*. 5.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade*. São Paulo (SP): Edusp, 1994.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti. O gênero textual como articulador entre o ensino da língua e a cultura midiática. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.) *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Claraluz, 2009.

BARONAS, Roberto Leiser. Narciso versus Menochio: a leitura como visco na memória. In: GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto Leiser. (Org.). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos (SP): Claraluz, 2007.

_____. *Ensaio em análise de discurso: questões analítico-teóricas*. São Carlos: Edufscar, 2011.

_____. AGUIAR, Gisele de Freitas. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: o político na charge. In: *BAKHTINIANA*. São Paulo, v. 1, n. 2, p.165-182, 2º sem. 2009.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2006.

BIDARRA, Jorge; REIS, Leidiani da Silva. Gênero charge: construção de significados a partir de uma perspectiva interdisciplinar e dinâmica. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, jan./jun. 2013, p. 150-168.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, Maria do Rosário, BARONAS, Roberto Leiser. (Org.). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos (SP): Claraluz, 2007.

_____. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 2008.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1995.

_____. & MICHELETTI. *Aprender e Ensinar com Textos Didáticos e Paradidáticos*. Vol. 2. São Paulo (SP): Cortez, 1997.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Língua Portuguesa: Ensino de. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília (DF): MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, Silvia Helena Barbi. *Discurso e Ensino*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____, Maria José. Concepções de leitura na (pós-)modernidade. In: LIMA, Regina Célia de Carvalho Paschoal (Org.). *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos (SP): Claraluz, 2003.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DEFILLIPPO, Juliana Gervason; CUNHA, Patrícia Vale. Por que *nickname* escreve mais que *realname*? In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DISCINI, Norma. Carnavalização. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, Beth. *Estudos Enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas (SP): Pontes, 2001.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática, 1997.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1993.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Da tecnologia da escrita à tecnologia da internet. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (Org.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREITAS, Silvane Aparecida. O livro didático de ensino médio e as propostas de atividades com gêneros textuais. In: *IV Simpósio Internacional de Estudo de Gêneros Textuais*. Tubarão-SC: UNISUL, 2007a.v. 1. p. 1839-1850.

_____. O gênero do discurso 'frase de protesto': do interdiscurso ao intergênero. *Revista da ABRALIN*. v. 6, 2007b.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O Texto na Sala de Aula*. São Paulo (SP): Editora Ática, 2000.

_____. *A aula como acontecimento*. São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2010.

GIL, Célia Maria Carcagnolo. *A linguagem da surpresa: sérias reflexões sobre o riso*. Campos do Jordão: Editora do autor, 2011.

GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos (SP): Claraluz, 2003.

_____. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. *Revista Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo. v.4. n. 11. 2007a.p. 11-25.

_____; BARONAS, Roberto Leiser. (Org.). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos (SP): Claraluz, 2007b.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe). *Palavras e contrapalavras: conversando sobre os trabalhos de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo (SP): Editora Ática, 1999.

LORENZI, Gislaine Cristina Correr; PÁDUA, Tainá-Rekã Wanderley de. Blog nos anos iniciais do fundamental I: a reconstrução de sentido de uma clássica infantil. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

MACHADO, Irene. Gêneros no contexto digital. In: LEÃO, Lúcia (Org). *Interlab: Labirintos do Pensamento Contemporâneo*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editora da UNICAMP, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Araceli. *Entendendo o humor*. São Paulo: Paulus, 1994.

MASCIA, Márcia Aparecida Amador. Leitura: uma proposta discursivo-desconstrutivista. In: LIMA, Regina Célia de Carvalho Paschoal (Org.). *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

MAZZOLA, Renan Belmonte. Análise do discurso: um campo de reformulações. In: MILANEZ, Nilton; SANTOS, Janaina de Jesus. (Org.). *Análise do Discurso: sujeito, lugares e olhares*. São Carlos: Claraluz, 2009.

MEURER, José Luiz; MOTHA-ROTH, Desirée(Org.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: Edusc, 2002.

MILLER, Carolyn R. Questões da blogosfera para a teoria de gênero. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org.). *Gênero textual, agência e tecnologia*. Trad. e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel et al. São Paulo: Editorial, 2012.

_____; SHEPHERD, Dawn. Blogar como ação social: uma análise do gênero *weblog*. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org.). *Gênero textual, agência e tecnologia*. Trad. e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel et al. São Paulo: Editorial, 2012.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.). *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Claraluz, 2009.

_____; ZIRONDI, Maria Ilza. Gêneros textuais e práticas de letramento. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.) *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Claraluz, 2009.

NEIVA JR, Eduardo. *A imagem*. São Paulo: Ática, 1994.

OLIVEIRA, Maria Lilia Simões. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, José Carlos. *Letras, Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Leitura: Questão lingüística, pedagógica ou social? In: _____. *Discurso e Leitura*. 5. ed. São Paulo-SP: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000. p. 35-40.

_____. Análise do Discurso e seus Entremeios: Notas a sua História no Brasil. In: *CADERNOS DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS*, Campinas-SP, No. 42, 21-40, jan/jun/2002.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6.ed. Campinas: UNICAMP, 2007.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3.ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise. HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3.ed. Campinas-SP: UNICAMP, 1997a.

_____. Discurso e ideologia. In: *Semântica e discurso*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1997b.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas (SP): Pontes, 1999.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas (SP): Pontes Editores, 2006.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua*. Análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In MUSSALINN F. ; BENTES, A. M. C. (Org.). *Introdução à Linguística V. 3*. São Paulo-SP: Cortez Editora, 2004. P. 353-392.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: EDUSP, 1984.

RETTENMAIER, Miguel. (Hiper)mediação leitora: do blog ao livro. In: SANTOS, Fabiano. NETO, José Castilho Marques. ROSING, Tania M.K.(Org). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales. Gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. de Roxane Rojo. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SAITO, Cláudia Lopes Nascimento. Telejornal: um gênero para o letramento midiático. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.). *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. São Carlos: Claraluz, 2009.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 2002.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

VOESE, Ingo. *Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo, Cortez, 2004.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

A vida política de Antonio Palocci. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br>>. Acesso em: 09 out 2012.

ALMEIDA, Daniela. *Corrupção tem solução*. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com>>. Acesso em: 06 abr 2013.

Biografia Dilma Rousseff. Disponível em <<http://www2.planalto.gov.br>>. Acesso em: 08 out 2012.

CAVALCANTI, Maria Clara Catanho. *Multimodalidade e argumentação na charge*. Recife: UFP, 2008. Disponível em: <<http://www.pgletas.com.br/2008/dissertacoes/diss-Maria-Clara.pdf>>. Acesso em: 09 mai 2013.

CÁCCAMO, Celso Alvarez. *A ambiguidade*. Disponível em <<http://www.udc.es/dep/lx/cac/escritos/ambigui.htm>>. Acesso em 27 nov 2012.

CARUSO, Chico; CARUSO, Paulo. *A Charge: Uma Visão de Mundo Inconfundível*. Disponível em: <<http://www.leiabrasil.org.br/cadernos/Carusos.doc>>. Acesso em: 27 nov 2012.

Conheça a biografia de José Dirceu. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br>>. Acesso em: 09 out 2012.

COSTA, Décio Bessa. *Charges eletrônicas das eleições 2006: uma análise de discurso crítica*. Brasília: UnB, 2007. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/3032/1/2007_DecioBessaCosta.pdf>. Acesso em: 16 jan 2012.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. Tese (Doutorado). Campinas: IEL, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000436084>>. Acesso em 15 ago 2013.

Delta repassou verba pública para Cachoeira, revela relatório da PF. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br>>. Acesso em: 07 abr 2013.

Dicionário on-line Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 09 out 2012.

Dicionário Informal. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 06 abr 2013.

Dilma Rousseff. Economista e política brasileira. Disponível em <<http://www.e-biografias.net>>. Acesso em 08 out 2012.

Ditadura Militar no Brasil - 1964 - 1985. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br>> Acesso em: 14 out 2012.

Entenda a polêmica que envolve Antonio Palocci. Disponível em: <<http://noticias.r7.com>>. Acesso em: 09 out 2012.

Entenda envolvimento de Cachoeira em escândalo no governo Lula. Disponível em: <<http://g1.globo.com>>. Acesso em 05 abr 2013.

Entenda o caso Cachoeira que será alvo de CPI no Congresso. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br>> . Acesso em 05 abr 2013.

FLAMÉ, Thiago. *José Sarney no centro dos escândalos*. Disponível em: <<http://www.ler-qi.org>>. Acesso em 06 abr 2013.

GONÇALVES, Maxlander Dias. *VEJA – uma história do PT e do primeiro governo Lula sob a ótica das notícias*. Vitória: UFES, 2009. Disponível em: <http://www.historia.ufes.br/sites/www.historia.ufes.br/files/Maxlander_Dias_Gon%C3%A7alves.pdf>. Acesso em: 04 abr 2013.

HATHERLY, Ana. *Ambiguidade e Acção*. Disponível em: <<http://citador.weblog.com.pt/arquivo/188876.html>>. Acesso em 27 nov 2012.

JARDIM, Lauro. *No Limbo*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line>>. Acesso em: 11 nov 2011.

_____. *Personagem-símbolo*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line>>. Acesso em: 15 nov 2011.

_____. *Feliz Aniversário*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line>>. Acesso em: 30 out 2012.

_____. *Sem botar a mão no bolso*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line>>. Acesso em: 04 abr 2013.

_____. *Ratos, baratas e escorpiões*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line>>. Acesso em: 06 abr 2013.

_____. *Os mudinhos de Cachoeira*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line>>. Acesso em: 20 abr 2013.

_____. *A lavanderia do Deltaduto*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line>>. Acesso em: 20 abr 2013.

José Dirceu mostra que ainda manda em Brasília. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br>>. Acesso em: 09 out 2012.

José Sarney. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br>>. Acesso em 05 abr 2013.

José Sarney. Disponível em: <<http://www.foracorrutos.org>>. Acesso em 06 abr 2013.

José Sarney (PMDB-AP) faz consultoria de imagem com verba pública. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br>>. Acesso em: 07 abr 2013.

MACHADO, Irene. *Digitalização. Linguagem. Discurso: As mediações dialógicas possíveis*. Disponível em: <<http://www.facom.ufjf.br/lumina/R8-Irene%20Machado%20HP.doc>>. Acesso em 04 jan 2011.

MAGALHÃES, Amarildo Pinheiro. *Sentido, história e memória em charges eletrônicas sobre o Governo Lula: os domínios do interdiscurso*. Maringá: UEM, 2006. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/apmagalhaes.pdf>>. Acesso em: 17 jan 2012.

MIANI, Rozinaldo Antônio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. *Arte Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em quadrinhos da ECA-USP*, São Paulo, 2012, vol.1, n. 1, p. 37-48.

MILITAO, Eduardo; LAMBRANHO, Lúcio. *Família Sarney coleciona escândalos no poder*. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br>>. Acesso em: 06 abr 2013.

PIMENTEL, Carmen. *Blog: da internet à sala de aula*. Rio de Janeiro, UERJ, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=185749>. Acesso em: 15 jan 2012.

Piriguete. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/?s=piriguete>>. Acesso em: 04 abr 2013.

Pivô da crise nos Transportes, Luiz Antônio Pagot pede demissão do cargo de diretor-geral do DNIT. Disponível em: <<http://ucho.info>>. Acesso em 09 out 2012.

Presidente do Brasil - desde 1/1/2010. Disponível em <<http://educacao.uol.com.br>>. Acesso em 08 out 2012.

PREVIDELLI, Amanda. *José Dirceu vai entrar para a história como mensaleiro?* Disponível em: <<http://exame.abril.com.br>>. Acesso em: 09 out 2012.

Quem é José Dirceu. Disponível em: <<http://www.doutrina.linear.nom.br>> Disponível em: 09 out 2012.

QUIRINO, Maurício Ricardo. *Conselho de amigo*. Disponível em: <<http://www.charges.com.br>>. Acesso em: 17 nov 2011.

_____. *Joaquim Supreme – Gangnam*. Disponível em: <<http://www.charges.com.br>>. Acesso em: 20 set 2012.

_____. *Depois da dedetização*. Disponível em: <<http://www.charges.com.br>>. Acesso em: 03 abr 2013.

_____. *Carlinhos não depondo*. Disponível em: <<http://www.charges.com.br>>. Acesso em: 15 abr 2013.

_____. *Glamurosa*. Disponível em: <<http://www.charges.com.br>>. Acesso em: 15 abr 2012.

Rede de escândalos – José Sarney. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br>>. Acesso em: 06 abr 2013.

RASSI, Amanda Pontes. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das vadias”. *Revista de História da UEG*. V.1, nº 1, 2012. Disponível em <<http://www.prp.ueg.br/revista/index.php/revistahistoria/article/view/599>>. Acesso em: 15 ago 2013.

ROCHA, Antônio do Amaral. *Ex-líder estudantil, ex-ministro, político e advogado brasileiro*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br>>. Acesso em: 08 out 2012.

SCARSO, Aline. *Veja e Cachoeira: entenda as relações da revista com o crime organizado*. Disponível em: < <http://www.pragmatismopolitico.com.br>>. Acesso em: 15 abr 2013.

SEQUEIRA, Cláudio Dantas. *As confissões de Pagot*. Disponível em:<<http://www.istoe.com.br>>. Acesso em: 09 out 2012.

SOUZA, Helga Vanessa Assunção. *A charge virtual e a construção da identidade*. Pernambuco: UFPE, 2007. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/autores/diss2007-helga-vanessa.html>>. Acesso em: 15 jan 2012.